Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23166 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 25 JANEIRO 90 60$00

A posição dos católicos sobre a SIDA e a contracepção

Uma Igreja múltipla e divisível

A Igreja Católica parece imune aos avanços tecnológicos e científicos que caracterizam o mundo moderno, insistindo nos seus princípios tradicionais. Mas nem por isso mantém a unidade, surgindo cada vez mais como múltipla e divisível.

A condenação do uso do preservativo, a defesa da castidade como meio de combate à sida e a oposição à fecundação *in vitro* mantêm a Igreja agarrada a sagrados princípios, mas criam divisões entre os católicos. O DL ouviu sobre estas matérias diversas individualidades portuguesas e publica uma entrevista com o cardeal Ratzinger

Págs. 2, 3, 4 e 10

O Episcopado português ainda não definiu por escrito a sua posição sobre a SIDA

Reina a discordância sobre o uso de preservativos

Cabo Verde está hoje em festa para receber o Papa

Em oito anos, a Igreja Católica perdeu 20 milhões de fiéis norte-americanos

Soares Carneiro mantém cadeira

A permanência de Soares Carneiro como chefe de Estado Maior General das Forças Armadas foi desbloqueada a tempo: Soares promulgou o Estatuto dos Militares das Forças Armadas ontem, como noticiámos, horas antes de o actual titular do cargo atingir a idade da reforma, que completa hoje.

Cavaco Silva cedeu também noutro ponto, os vencimentos das Forças Armadas que foram actualizados em mais 22 por cento. A alteração agora feita acaba afinal por dar razão a Eurico de Melo, que antes de deixar o Ministério da Defesa defendia um aumento orçamental de mais três milhões de contos para os militares.

Pág. 9

Rui Pacheco

Esta manhã, em Queluz, a polícia interveio para conter os populares que cortaram a linha, efectuando quatro prisões

Greve nos transportes amanhã vai ser pior

Paralisação atinge barcos, comboios e aviões

Os passageiros na estação de Queluz, na linha de Sintra, ocuparam esta manhã, com seis troncos de árvore, as duas vias férreas, exigindo a presença de um elemento credenciado da CP para atender às suas reivindicações. Mais composições, lugares sentados, cumprimento de horários e informações dos funcionários são as principais reclamações. E amanhã ainda será pior: além de comboios, anuncia-se a paralisação de barcos da CP e de aviões. Entretanto, a PSP deteve, ao princípio da tarde, em Queluz, quatro jovens entre os manifestantes.

Pág. 12

DL

Fernando Gomes promete virar o Porto do avesso *Págs. 16 e 17*

Presidência Aberta preocupa Cavaco Silva *Pág. 8*

Angola: cubanos atacados pela UNITA *Pág. 10*

Auto-Retrato de Eduardo Prado Coelho *Pág. 5*

Artigos de Francesco Alberoni e Adriano D. Rodrigues *Págs. 5 e 6*

Hoje: Suplemento Literário

GRANDE ANGULAR

Entrevista com

O direito a criticar termina no dever de amor

Face à evolução das realidades no domínio da bioética e aos debates travados em torno das medidas indispensáveis à prevenção da Sida, a Igreja confronta-se, em todo o mundo, com a diversidade de opiniões surgidas no seu seio. Em Portugal, as coisas passam-se do mesmo modo, embora por vezes os textos de referência sejam apenas os do Vaticano. No campo do pensamento de Roma, a entrevista concedida pelo cardeal Ratzinger ao «Le Monde» é um documento lapidar

Enquanto, na América Latina, nomeadamente no Brasil, as relações entre o Vaticano e os sectores progressistas da Igreja Católica se estão a degradar cada vez mais, diversas tomadas de posição da Santa Sé geram uma consternação crescente por parte dos teólogos, em especial nos países germanófilos, mas, também, em menor grau, em Itália, França e Espanha. Aceita-se mal, por exemplo, a atitude da Igreja relativamente à Sida, ao recomendar a castidade como único meio para deter a epidemia. Perante todas estas críticas, o cardeal Josef Ratzinger, prefeito da Congregação Romana para a Doutrina e a Fé, limita-se a afirmar, em entrevista, que «o direito de criticar cessa perante o dever de amar a Igreja»...

Le Monde – Durante estes onze anos de pontificação de João Paulo II, os críticos das Igrejas da RFA, da França, dos Estados Unidos, nunca foram tão radicais como agora, contra o «centralismo» e o «autoritarismo» de Roma. Como explica esse mal-estar?

Cardeal Ratzinger – Trata-se de um mal-estar característico de todas as Igrejas do Ocidente, e é típico de todos os períodos de grandes mutações, tanto na Igreja como na sociedade. Como explicá-lo? O paradoxo ao qual assistimos é extraordinário. A Europa e o Mundo parecem dirigir-se para a sua unificação progressiva e, todavia, quanto mais o homem se aproxima do outro, mais receio tem de perder a sua identidade.

A proximidade dá origem ao medo, e é assim que nasce aquilo a que chamaria os novos provincianismos. Isto aplica-se tanto à Igreja como à sociedade política. Veja o desenvolvimento dos partidos regionalistas de diversos países europeus. Constroiem o seu êxito protestanto contra um centralismo qualificado de absurdo e de totalitário.

As grandes esperanças dos anos 68 e 70, ligadas, umas, ao marxismo, e, outras, ao desenvolvimento das ciências humanas, foram, em grande parte, objecto de desilusão. Uma forte motivação constitui, hoje, a defesa da identidade do Homem perante o enorme poderio científico e técnico, que progride sem referências étnicas. Mas o novo equilíbrio que é necessário encontrar entre a defesa dos valores humanos, morais e espirituais, e uma abertura aos novos horizontes do mundo moderno, cria, por todo o lado, sentimentos de desconfiança que não poupam a Igreja Católica.

L.M. – Mas não será isso, precisamente, uma visão pessimista da sociedade moderna, e o receio que inspiram as medidas tomadas pela Santa Sé, consideradas **autoritárias** em certos meios católicos: sanções contra os teólogos, nomeações de bispos conservadores, um discurso crispado sobre as questões de ética, etc?

C.R. – Centralismo, autoritarismo... Desde o Concílio de Trento e o Vaticano I, são problemas constantes, e a busca de um equilíbrio justo é sempre necessária.

Pela minha parte, acho injutificadas essas censuras. Na prática, a Santa Sé não pode tomar a seu cargo todos os problemas que surgem nos quatro cantos da Terra. Nunca os bispos foram tão consultados, durante as visitas feitas *ad limina*, em cada cinco anos, às congregações romanas, às quais se acrescentam os encontros que o Papa organiza com as grandes conferências episcopais, como o fez com as do Brasil, dos Estados Unidos, da Alemanha Federal. Os presidentes das conferências episcopais passam, muitas vezes, por Roma. Este ritmo de contactos era impensável há, ainda, vinte anos...

Existe, pois, uma grande tendência a favor das Igrejas locais, mas deverá, sempre, agir-se num espírito de cada vez maior colaboração com a Santa Sé. Pois, se estamos a viver num mundo que caminha para a unificação, o perigo de uma fragmentação espiritual torna-se cada vez mais evidente. É preciso trabalhar, incansavelmente, pela unidade da Igreja, pois é a Humanidade dividida que espera, da Igreja, sinais de unidade.

L.M. – Uma das principais acusações dirigidas ao Vaticano foi a de fazer muitas concessões aos tradicionalistas, após o cisma de Mons. Lefebvre. Qual a sua opinião?

C.R. – Não é correcto afirmar que fizemos concessões exageradas aos católicos saídos das fileiras de Lefebvre. Demos-lhe as facilidades que estão incluídas no Direito Canónico, e que se aplicam às regras comuns a todos os católicos. Favorecemos a criação de uma sociedade apostólica para a formação de padres; depois, pedimos aos bispos que aplicassem, de modo tolerante, o indulto de 1984, o qual permite, em certas condições, a celebração da Missa segundo o rito de 1962.

A contrapartida exigida pelos membros das comunidades pró-Lefebvre é a aceitação do Concílio Vati-

Nem todos os fiéis aceitam a irredutibilidade da Igreja

É cada vez mais difícil falar de uma Igreja Católica una. Exemplo disso são as divergentes opiniões sobre a metodologia da prevenção da Sida e a fertilização «in vitro »

Numa altura em que todos os muros caem e que o preconceito dá lugar à plenitude da dimensão humana, a Igreja Católica mantém todos os seus princípios tradicionais e rejeita o irreversível avanço tecnológico e científico que caracteriza o mundo moderno. No entanto não se pode falar de uma Igreja una, quando se assiste, cada vez mais, ao desmonoramento das correntes radicais, relativamente à sida e à fertilização *in vitro* .

Em finais de século XX, estas questões são alvo de uma atitude epistemológica por parte dos vários quadrantes sociais e eclesiásticos. A reflexão sobre estes problemas bioéticos leva a divergentes opiniões dentro da Igreja, desde as mais radicais às progressistas.

Dizem que o uso do preservativo é imoral, que ofende a dignidade humana mas, dentro da Igreja Católica há quem o considere como um mal menor para combater a propagação da doença que é já tida como o maior flagelo do século.

A utilização ou não do preservativo é uma questão que mexe com valores morais do catolicismo. Em Portugal há quem defenda que as objecções éticas ao uso do preservativo não devem silenciar ou enfraquecer a campanha que deve ser feita a favor dos que nunca irão abandonar a sua promiscuidade sexual.

«Eu tenho objecções éticas à utilização do preservativo, mas penso que em alguns casos funcionam como um mal menor. Quando é inevitável escolher entre dois males a decisão deve pender para a via em que o prejuízo é menor. É um princípio bem conhecido da moral católica e que se pode aplicar às pessoas que não irão abandonar o seu comportamento sexual. A esses temos é de dizer: use preservativos» - disse ao «Diário de Lisboa» o professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Nova de Lisboa, e padre jesuíta, Luís Archer.

O preservativo é um mal menor

É preciso impedir que se continue a violar a ética semeando a morte. Neste sentido, o padre Vítor Feytor Pinto, coordenador da Pastoral para a Saúde também sublinha: «a Igreja diz que o preservativo vai directamente, do ponto de vista ético, contra os valores humanos. Porém, o caso da Sida é uma situação completamente anormal. Se uma pessoa não optar pelo matrimónio, ou pelo amor monogâmico, tal como a Igreja recomenda, e quiser ter uma vida sexual completamente descontrolada, não lhe chame amor e use o preservativo, para não andar a queimar a humanidade toda».

Para Frei Bernardo, psicólogo, dominicano, a questão tem de ser vista dentro e fora do casamento. «Um casal pode ter Sida sem haver culpa de nenhum dos membros. A transmissão pode ter sido concretizada por via sanguínea e aqui as pessoas têm direito à sua vida conjugal. O preservativo é o mal menor. Fora do casamento a Igreja não aprova as relações sexuais e, logicamente, não concordo com a utilização deste método. O absentismo pode ser um caminho».

Fora da Igreja Católica, embora afirme fidelidade aos princípios tradicionais desta, o lefebvreanismo defende igualmente a castidade como um método seguro para combater a Sida. «O preservativo é totalmente imoral. A única atitude é lembrar a moral católica e apelar para o absentismo total», diz-nos Filipe Bazat, um padre lefebvreano, em Portugal.

Desta forma se pronunciam também algumas figuras da Igreja Católica portuguesa cujo pensamento se filia numa feição assumidamente moralista. «Não é aceitável certa corrente modernista, mas na realidade hedonista, que defende a promiscuidade sexual submetida a determinadas ou oportunas precauções higiénicas. Parece muito conveniente afastar os tabus tradicionais no que respeita à sexualidade, mas isto não significa que se caia no liberalismo moral ou no amoralismo consumista que mercantiliza o corpo e a consciência e banaliza o exercício da sexualidade». Esta a opinião do padre Serrazina, apresentada num encontro sobre a Sida, em Maio último.

Para o padre João Seabra, ex-capelão da Universidade Católica, «a difusão de uma informação sexual totalmente desprovida de conteúdo ético e formulada em termos banalizadores da experiência do amor humano e as campanhas "Sida ou vida", tal como têm sido apresentadas nos meios de Comunicação Social, podem contribuir para o aumento do volume de negócios das fábricas que produzem preservativos, mas não contribuem para a prevenção da Sida. As pessoas e entidades que assim actuam não merecem o título de entidades de prevenção da Sida, mas sim de entidades de promoção e difusão da Sida».

Relativamente à campanha de prevenção, Maria de Lourdes Pintasilgo, membro do Movimento Graal, diz não concordar que se esteja a assistir a uma promoção da síndrome da imunodeficiência adquirida. «Julgo que o importante é dizermos tudo o que é necessário para prevenir a doença. Se isso fosse promoção então, por exemplo, qualquer padre, na igreja, não tinha o direito de falar de uma ocasião de tentação ou de pecado porque isso era promovê-lo!»

Para a Igreja Católica, a

o cardeal Ratzinger

pela Igreja

cano II, segundo o grau de obediência expresso nos próprios documentos. Se sentirem dificuldades em cumprir pontos da doutrina que exigem a «obediência religiosa», comprometem-se a fazer o possível para se conformarem com a doutrina da Igreja, a evitar qualquer polémica e a submeter à Santa Sé os seus eventuais problemas.

Se todos aqueles que censuram o Vaticano por ter feito demasiadas concessões aceitassem estas regras, ficaríamos muito felizes.

L.M. – E não surgiram críticas dos próprios bispos dos principais países: França, Suíça, Alemanha?

C.R. – Não afectavam os princípios que acabo de enunciar, mas sim pormenores do processo que foi adoptado. Os bispos – que insisti em receber – não se sentiam suficientemente informados. Foram, sem dúvida, cometidos erros, de uma parte e de outra. A comissão *Ecclesia Dei* – criada pelo Santo Padre, logo após o cisma, para facilitar a reconciliação – é uma instituição completamente nova. Não tínhamos qualquer experiência de uma tal situação. Mas essas dificuldades de adaptação estão em vias de se corrigirem.

L.M. – Pediu aos bispos franceses para entrarem em contacto com os teólogos mais críticos em relação a Roma. Qual é o exacto significado dessa iniciativa? Para além dos teólogos, não será esse mal-estar também partilhado pelos padres, religiosos, as religiosas e muitos leigos?

C.R. – Efectivamente, esse mal-estar afecta não só os teólogos como, também, padres e leigos, isto é, os católicos mais expostos a essa confrontação da mentalidade moderna com a fé da Igreja, colocados na fronteira entre dois mundos sempre em conflito.

Pedi aos bispos para receberem os teólogos francófonos, os quais me tinham endereçado uma carta, aliás muito cortês, de solidariedade para com os teólogos signatários da *Declaração de Colónia*. A carta dos teólogos francófonos foi examinada pela Comissão Teológica Internacional, à qual presido, e estou a preparar uma resposta. Mas essa carta foi julgada pouco clara. Qual é a exacta extensão da solidariedade ao texto da *Declaração de Colónia*? A minha impressão é que, se há um mal-estar, a melhor maneira de o dissipar é o diálogo com os bispos.

«Um juramento de fidelidade»

L.M. – Mas a exigência feita, agora, pelo Vaticano de que os bispos, os superiores de ordens religiosas, os professores e reitores de universidades católicas, entre outros, prestem um «juramento de fidelidade», será verdadeiramente de natureza a restaurar um clima de confiança?

C.R. – Depois do Vaticano II, abandonou-se o juramento antimodernista, mas a Igreja sempre exigiu aos bispos e superiores das congregações religiosas um jurmento de fidelidade, relativamente às verdades ensinadas pela Igreja, e que se distingue da habitual profissão de fé que inclui todos os dados fundamentais dessa mesma fé. O que há de novo é que, em nome da co-responsabilidade na Igreja, estendeu-se esse juramento de fidelidade a todos os que trabalham com os bispos ou os superiores das congregações, nomeadamente os curas, os professores e reitores das universidades católicas, etc.

L.M. – Mas, se a função do teólogo é ensinar, também não será a de estimular a reflexão e, se necessário, criticar?

C.R. – A função do teólogo é, com efeito, ensinar, mas também a de aprofundar as bases da fé, de encontrar respostas para novos problemas e, por vezes, também de criticar. Mas o direito de criticar cessa perante o dever de amar a Igreja e de respeitar o seu magistério. Neste aspecto, foram constatadas deficiências, e será necessário reformular as regras tradicionais. Ao contrário do que acontecia anteriormente, um teólogo já não trabalha «no segredo do laboratório». Deve ter consciência da sua responsabilidade perante os fiéis, os quais são imediatamente – mas nem sempre correctamente – informados pelos *mass media*. Deve encontrar o justo equilíbrio entre o respeito pelo magistério, o bem dos fiéis e a necessidade de uma reflexão intelectual rigorosa.

L.M. – Em que ponto está o diálogo com as universidades católicas que – como a de Lille, em França – praticam fecundações *in vitro*, apesar da proibição formulada por si, a 10 de Novembro de 1987, na doutrina do *Donum Vitae*?

C.R. – Trata-se de debates tripartidos entre os responsáveis das universidades católicas, os bispos competentes – que são os grandes chanceleres dessas universidades – e as instâncias de Roma. Está fora de questão pôr em causa, no que quer que seja, a decisão doutrinal que foi tomada, mas o objectivo é o de a tornar melhor compreendida, de estimular a rflexão sobre a ética biológica, e encontrar melhores modalidades de introduzir estas disposições doutrinais no complexo funcionamento das universidades.

continua na pág. 4

Filipe Bazat

Lourdes Pintasilgo

Luís Archer

difusão da Sida revela uma preocupante crise de valores. A opinião pública é cada vez mais bombardeada com imagens que reduzem a sexualidade à busca do prazer imediato. Daí que a Igreja venha defender a castidade e uma vivência responsável e integrada da sexualidade humana.

«A solução está numa educação dos comportamentos dos adolescentes e dos jovens para a redescoberta do valor da castidade e de uma sexualidade como dimensão constitutiva da pessoa humana que manifesta a predestinação fundamental do homem e da mulher para o amor», concluiu João Seabra.

O direito a uma origem digna

A Igreja Católica condena a procriação artificial. Diz que o ser humano tem direito a uma origem digna. Contudo, há hospitais católicos que praticam a fertilização *in vitro*.. Trata-se de uma questão que continua em aberto nos meios eclesiásticos e que está longe de ser resolvida.

«A transmissão da vida não é coisa que se possa separar do amor conjugal. Essa forma de intervenção científica torna-se ilícita, porque comporta uma intromissão no amor matrimonial», afirmou ao «DL» o padre João Seabra.

Para a Igreja, a fecundação só faz sentido dentro do matrimónio e através de um acto natural. Mas, há quem aceite a fecundação *in vitro* quando esta é realizada com material biológico do casal e se destina a consolidar a relação conjugal.

«A fertilização *in vitro* , se não é o método ideal pode ser considerada, em certos casos, legítima. Quando se trata de um casal, a técnica funciona como um apoio», disse Frei Bernardo.

Luís Archer, por sua vez, acha que «a vida humana deve ser gerada e não produzida ou fabricada. Não é aceitável que um casal julgue que está a transmitir vida, quando os genes não vêm deles, mas de anónimos. O desejo de um filho não deve suplantar qualquer coisa. Nesse caso, estaríamos perante uma nítida falsificação da gestação».

No entanto, Luís Archer não condena totalmente este método. Segundo este cientista, «há hospitais católicos, por exemplo em França, que analisam caso a caso e, se for favorável ao matrimónio, fazem fecundação *in vitro* . Não podemos dizer que esta não seja uma posição católica».

Para Maria de Lourdes Pintasilgo, o problema maior está no facto de muitos embriões humanos não serem aproveitados. «Uma vez congelados, o que se faz a esses embriões? Interrogava há pouco um moralista: vamos deixar gradualmente que desfaleçam? O embrião congelado pode ser fruto de uma fecundação artificial de um dado momento. Pode estar congelado há imenso tempo e ser transportado de Paris para a Austrália. Pergunta-se: quem é esta criança?»

A Igreja considera, também, que a mulher assume aqui um papel meramente reprodutor. Neste sentido Lourdes Pintasilgo diz: «verifico, em quase todos os domínios em que há um avanço tecnológico, que são sempre as mulheres a sofrerem as consequências, a serem marginalizadas e tratadas como objecto. Ora, também na fecundação, e em particular no que se chama hoje as mães emprestadas, há um total desrespeito pelo processo que se passa dentro da mulher. A mulher não é uma fábrica de produzir crianças».

Ana Mafalda Inácio
e Gisela Oliveira

■ COMENTÁRIO

Questões em aberto...

Uma instituição secular como a Igreja, que enfrentou a novidade dos tempos, resistindo às arremetidas da história, ganhou naturalmente o timbre próprio da defesa dos princípios e a subtileza da argumentação habilidosa, de que a entrevista do cardeal Ratzinger ao «Le Monde» é um exemplo acabado.

Não estão em causa nem a validade dos princípios, nem a arte de escapar à teia das questões embaraçosas. A defesa dos princípios é um direito, e a arte com que se a faz, um dom de que nem todos se podem reclamar.

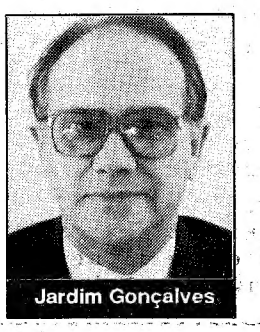
Mas o que nesta entrevista é interessante e por isso permite a ousadia dum comentário livre, é o recorte professoral (de magistério) que atravessa imperturbável, todas as respostas, em contraposição ao carácter vivo e bem localizado das questões levantadas. Mais que uma forma de estilo, a que a personalidade e funções do cardeal Ratzinger emprestariam redobrado rigor, trata-se do modo, hoje aliás consagrado, como a hierarquia eclesiástica fala ou, se quisermos, dialoga com os que a interrogam, situem-se eles no interior da Igreja ou fora dela.

O mal-estar, reconhecido pelo entrevistado, é uma inegável realidade, massivamente sentida e especialmente agudo quando se trata de questões tão acutilantes, como as da entrevista, ou seja, a investigação e reflexão teológicas, a bioética e a moral sexual e finalmente as novas condições sociais, criadas pelo fenómeno da secularização.

Em qualquer dos três casos, a posição de mons. Ratzinger é claramente defensiva. Que a unidade da Igreja é um valor, que a vida é um dom supremo e a sexualidade se quer personalizada, que a transcendência do destino humano deve reflectir-se na sociedade, nada disso se deve negar ou pôr em causa. Mas o que já será mais discutível, é se a salvaguarda e defesa desses valores ficam assegurados, real e eficazmente, pela forma fácil e preguiçosa de repetir exaustivamente uma doutrina, onde não se vêem assumidos dados que a inteligência do homem moderno apreendeu, e de impor sem recurso, normas de comportamento, a que camadas significativas da sociedade se furtam, como se de nada se tratasse.

As três grandes questões postas à consideração do cardeal Ratzinger, resumem em suas múltiplas variantes, as também grandes interrogações com que o homem moderno, crente ou não, se debate. Pela sua acuidade e sentido vital, contam-se por milhares os homens de pensamento e de acção, em quem o *Espírito* também actua, que sem preconceitos, falaciosas intenções ou interesses mesquinhos, se têm consagrado ao aprofundamento da busca de Deus, da prática libertadora do homem, e de uma justiça social emancipadora de forças discriminatórias. São esses homens que, na sinceridade dos seus propósitos e valor das suas capacidades, merecem uma escuta atenta e permanente por parte da Igreja, para que o dinamismo que vai alcançando mais verdade, mais bem e mais liberdade, seja participado não só pelos que detêm a autoridade, mas por todos os homens de «boa vontade» que, infelizmente, são cada vez menos referidos. Escuta que leve ao debate aberto e sem medo de questões e situações, que não são monopólio de ninguém, e enriqueça o património civilizacional e religioso da humanidade, com o contributo ecuménico dos que interrogam a vida e lhe buscam um sentido.

Defender este direito de participação e desejar que a Igreja acabe por entender os parâmetros em que se move a opinião pública, serão, reconheçamos, uma forma de criticar o uso da autoridade da sua intervenção. Essa crítica não se contrpõe à estima e ao afecto pela Igreja, como poderia fazer supor a insinuação de mons. Ratzinger na mesma entrevista. Pelo contrário, precisamente porque a Igreja merece respeito e dedicação, é imperioso dever proporcionar-lhe com transparência a nossa opinião e o sentir de muitos que dela partilham.



Jardim Gonçalves

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

A posição do Vaticano sobre as questões bioéticas é bem clara. A Igreja Católica portuguesa, ao contrário de outras, ainda não se pronunciou por escrito sobre a Sida

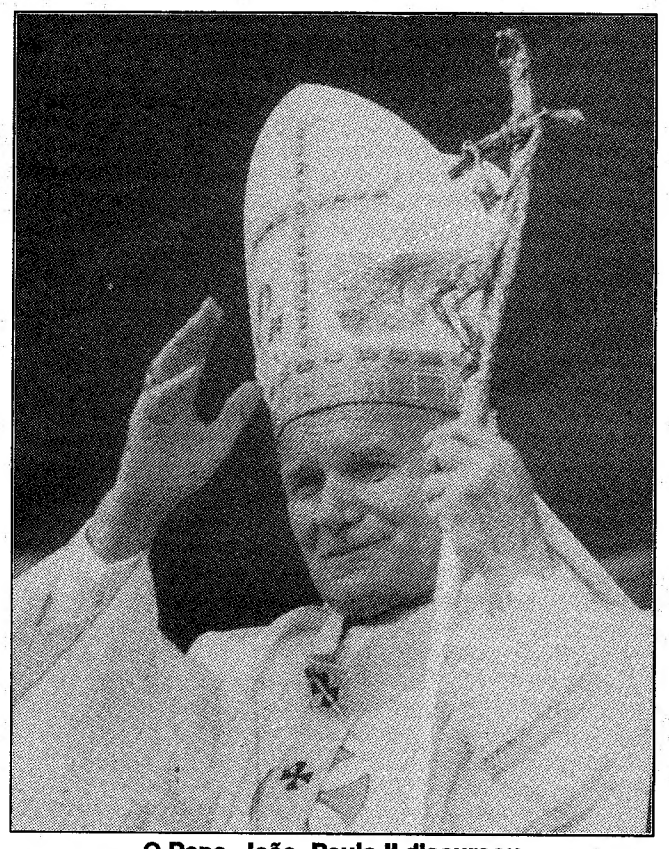
O que dizem os documentos

GRANDE ANGULAR

A Igreja Católica condena o uso do preservativo e defende a castidade como o método seguro para impedir a propagação da sida. Uma posição que estava mais ou menos definida e que ficou bem clara na Conferência Internacional, promovida pelo Pontifício Conselho para a Pastoral da Saúde, que decorreu no Vaticano, entre 13 e 15 de Novembro de 1989.

O Papa João Paulo II aproveitou esse momento para dedicar, pela primeira vez, um discurso à sida e definir as directrizes da Santa Sé quanto à prevenção e assistência das vítimas da doença. As opiniões, quer da Santa Sé ou de Portugal, têm sido divulgadas, sobretudo, através de debates públicos e com base em depoimentos individuais. Neste momento, a Igreja Católica Portuguesa, ao contrário da francesa e norte-americana, ainda não assumiu por escrito aquilo que preconiza sobre a sida. Dizem-nos que tal acontece por em Portugal a situação não ser ainda preocupante.

No encontro de Novembro, onde estiveram presentes religiosos, técnicos de saúde e investigadores, ficou bem explícita a posição do Vaticano. Aqui, a Igreja disse sim à solidariedade para com os doentes da sida e não ao segregacionismo e a todos os compromissos relativos à utilização de preservativos. O Monsenhor Elio Sgreccia, director do Centro de Bioética da Universidade Católica do Sacré-Coeur, em Roma, afirmou mesmo: «o preservativo não é uma terapêutica preventiva da sida. Existe outra solução: a castidade.». As autoridades eclesiásticas defenderam que quando, num casal, um membro está infectado com sida, deve praticar o absentismo total.



O Papa João Paulo II discursou a 15 de Novembro de 1989 sobre a Sida. Condenou o uso do preservativo e defendeu, para o Homem, um estilo de vida dignificante

Discurso condenatório

O Santo Padre foi peremptório ao condenar no seu discurso o uso do preservativo e ao defender um estilo de vida dignificante para o Homem, assente no valor espiritual do amor e no viver de modo sereno e sério a própria sexualidade, como forma de prevenir a difusão da sida. «(...) vê-se que é profundamente lesivo da dignidade da pessoa, e por conseguinte moralmente ilícito, propagandear uma prevenção da sida baseada sobre o recurso a meios e remédios que violam o sentido autenticamente humano da sexualidade(...) a recta razão não pode admitir que a fragilidade da condição humana, em vez de ser motivo de maior empenho, se traduza em pretexto para um cedimento que abra o caminho à degradação moral.» - disse João Paulo II. Frisou ainda que «uma prevenção que partisse com egoística inspiração, de considerações incompatíveis com os valores prioritários da vida e do amor, acabaria por ser, além de ilícita, contraditória, iludindo só o problema sem o resolver na raiz.»

O Papa apelou aos governantes, às famílias, aos educadores, aos cientistas, aos sacerdotes e religiosos e a todos os fiéis, para que ajudem a minorar o sofrimento das vítimas da sida. «Os doentes da sida têm direito, como todos os outros doentes, de receber da comunidade a assistência idónea, a compreensão respeitosa e uma total solidariedade.» - afirmou.

Nas hostes do senso comum, a ideia de que a sida é um castigo divino, a penitência para a sociedade permissiva, tem cada vez mais força. A Igreja Católia esclarece que a sida é uma doença com as suas causas próprias. «Deus não é sádico. Deus é amor e não quer o sofrimento e a morte do Homem» - argumenta. Contudo, alerta a sociedade para que leia a sida como sendo um sinal para rever os seus costumes e valores.

O documento de João Paulo II refere «as particulares características do aparecimento e da difusão da sida, e também um certo modo de enfrentar a luta contra esta doença, revelam uma preocupante crise de valores. Não se está longe da verdade, se se afirma que, paralelamente ao difundir-se da sida veio-se manifestando uma espécie de imunodeficiência no plano dos valores existênciais, que não se pode deixar de reconhecer como uma verdadeira patologia do espírito.»

Moralidade lícita

Que respeito é devido ao embrião humano, tendo em conta a sua natureza e a sua identidade? Como julgar moralmente a pesquisa e a expermentação em embriões humanos? As intervenções terapêuticas são lícitas? O avanço da técnica veio mexer com a moral católica e exigir da Igreja uma resposta às questões sobre a natureza e a identidade própria do embrião humano. A Igreja reflectiu e pronunciou-se sobre o caso.

O catolicismo defende que o ser humano deve ser respeitado de modo absoluto, desde o momento da sua concepção. O dom da vida humana deve realizar-se no matrimónio, através dos actos específicos e exclusivos dos esposos. «A fecundação é querida licitamente quando é o termo de um acto conjugal de *per si* apto para a geração da prole, ao qual, por sua natureza se ordena o matrimónio, e com o qual os cônjuges se tornam uma só carne.» Este é um dos cânones da Igreja Católica.

Mesmo quando se trata da fecundação ou inseminação homóloga, em que a concepção é feita com o material biológico do casal, a doutrina católica é categórica ao afirmar: «a Igreja permanece contrária, do ponto de vista moral à fecundação homóloga *in vitro* a qual é, em si mesma, ilícita e contrária à dignidade da procriação e da união conjugal, mesmo quando se tomam todas as providências para evitar a morte do embrião humano».

Este princípio é também aplicado à fecundação heteróloga. O Papa Pio XII, em 1949, afirmou que «a fecundação heteróloga é contrária à unidade do matrimónio, à dignidade dos esposos, à vocação própria dos pais e ao direito de o filho ser concebido e posto no mundo no matrimónio e pelo matrimónio».

Intervenções aceites

Quanto a julgar moralmente a pesquisa e experimentação com embriões humanos, os documentos do Vaticano consideram lícitas as intervenções nos embriões que respeitam a vida e a integridade do mesmo, as que não comportam riscos desproporcionados e as que se destinam à melhoria das suas condições de saúde ou para a sua sobrevivência individual.

«A pesquisa médica deve abster-se de intervenções em embriões vivos, a não ser que haja a certeza moral de não causar dano nem à vida, nem à integridade do nasciturno, nem da mãe, e contando que os pais tenham consentido na intervenção de modo livre e informado. (...)Nenhuma finalidade ainda que nobre em si mesma, como por exemplo a previsão da utilidade para a ciência, para outros seres humanos ou para a sociedade pode, de modo algum, justificar a experimentação em fetos humanos vivos. (...)É imoral produzir embriões humanos destinados a serem usados como material biológico disponível.» - defende o catolicismo.

Ana Mafalda Inácio

Entrevista com o cardeal Ratzinger

cont. da pág. anterior

L.M. – Uma parte significativa da opinião pública não entende porque é que a Igreja não junta os seus esforços aos da comunidade médica mundial na prevenção da sida, e continua a considerar a castidade como único maeio de deter a epidemia. Como explica esta divergência entre o público e a Igreja?

C.R. – Vou tentar explicar: as actuais campanhas sobre a sida são «contraprodutivas». Contribuem para uma nova banalização da sexualidade, sendo esta cada vez mais reduzida ao estado de um produto de consumo. É para a restauração de um clima favorável a uma sexualidade verdadeira, harmoniosa e personalizada que a Igreja apela, pois é apenas nesse clima que poderão evoluir as mentalidades e as práticas, e que poderá ser favorcida a prevenção da doença.

Mas a Igreja apela, com igual veemência, para o acompanhamento dos doentes da Sida. Não existe mal pior do que perder a esperança. O amor de Deus, que cada cristão deve experimentar, é um sinal da esperança para aquele que conhece o abismo desta terrível doença.

L.M. – A propósito do Islão, iniciou-se, em França, um debate sobre o lugar das religiões na escola. Como avalia as vantagens e os riscos de um sistema de estrita separação das confissões e da instituição pública?

C.R. – Não me permito julgar as leis francesas. No vosso país, tanto quanto sei, se existe, juridicamente falando, uma separação estrita das Igrjas e do Estado, a estrutura fundamental da sociedade e a hierarquia dos valores permancem impregnadas pelo cristianismo.

A separação, ao nível das instituições, corresponde à concepção essencial da religião do Novo Testamento. Porém, torna-se necessário, hoje, uma nova tomada de consciência.

A laicidade do Estado dev consentir o reconhecimento do pluralismo cultural da sociedade, e permitir, deste modo, uma maior existência pública das religiões. Pois, se se pretendesse chegar ao ponto de eliminar radicalmente da sociedade os valores fundamentais da fé, e interpretar a laicidade no sentido de um total positivismo, privar-se-ia a sociedade de fundamentos indispensáveis e chegar-se-ia ao absurdo. Uma tal concepção de separação – o positivismo erigido em filosofia do Estado – seria a melhor maneira de encorajar os integrismos. A ameaça do integrismo nas sociedades ocidentais é real, e poderá tornar-se ainda mais grave se a secularização fosse radicalizada ao extremo.

Henri Tinq –
Exclusivo «Le Monde»/DL
(Trad. de Isabel Joyce)

FORUM

público e privado

E O LESTE ENCONTROU NO VATICANO O GRANDE ENCENADOR DAS REVOLUÇÕES «SOFT»

De entre os factores que provocaram o colapso rápido e não violento dos regimes comunistas do Leste Europeu existe um ao qual não se dá o devido relevo: o da Igreja Católica. O primeiro país onde o Poder soviético se viu desafiado – antes mesmo do advento de Gorbatchev – e foi a Polónia. Deu-se com o Solidariedade, um movimento de revolta iniciado em Dantzig e rapidamente alastrado a todo o país. Poderia ter-se desenvolvido de forma violenta, com confrontos de rua e banhos de sangue. Mas a Igreja conseguiu guiá-lo, introduzir-lhe compassos de espera, negociar com o Governo, com os soviéticos. Gorbatchev transformou este movimento num partido, fez dele o núcleo de uma nova classe dirigente capaz de vir a substituir o partido comunista.

Por detrás da prudência, do equilíbrio, da capacidade de compromisso dos polacos esteve sempre a sombra organizativa da Igreja, a sua experiência na gestão dos movimentos e o conhecimento que possui dos regimes ocidentais. A Igreja é uma organização com memória histórica e capaz de aprender. Depois da II Guerra Mundial abraçou a causa dos regimes democrático-liberais e acompanhou variadíssimos processos de transformação do totalitarismo em democracia.

Em primeiro lugar, em Itália. Foi a Igreja Católica que organizou o partido democrata-cristão e o apoiou na luta contra a frente popular formada por comunistas e socialistas. Se esta frente tivesse saído vencedora, os comunistas teriam procurado instaurar, também em Itália, um regime semelhante aos dos países do Leste. E os socialistas não eram suficientemente fortes para se lhes oporem. Em seguida, foi também a cultura católica que representou o único e verdadeiro entrave contra a marxista. Foi preciso esperar pelos anos oitenta e pelo socialismo craxiano para de facto surgir uma consistente alternativa laica e não-marxista.

A experiência italiana foi preciosa para a Igreja a fim de poder gerir outras duas dificílimas transições do totalitarismo para a democracia: Portugal e Espanha. Em ambos os países a Igreja poderia ter radicalizado a luta. Em vez disso, deu todo o seu apoio às instituições democráticas e contribuiu, com os seus ensinamentos, para a criação de um clima de moderação, de tolerância, que evitou toda e qualquer forma de violência.

Foi aqui, em Portugal e em Espanha, que se experimentaram pela primeira vez aquelas revoluções pacíficas que estão, hoje, a acontecer no Leste Europeu e nos deixam boquiabertos. Em vez de desencadear uma série de vinganças sobre a classe política vencida o novo regime vai tratá-la como se trata alguém que perdeu em eleições livres: manda-a para casa e dá-lhe a possibilidade de tornar a vencer através do voto.

Para além destas experiências políticas concretas encontra-se também, certamente, o génio do Papa Wojtyla com o seu prestígio pessoal e o seu específico conhecimento da Polónia e do regime soviético.

Assim, enquanto a revolta islâmica no Afeganistão se traduziu numa guerra sangrenta, na Polónia surgiu o primeiro exemplo, o primeiro modelo concreto de uma saída negociada do sistema comunista soviético. Foi na Polónia, a tratar com um interlocutor forte e digno de crédito como a Igreja Católica, que Gorbachev pôde experimentar, sem riscos excessivos, uma alternativa à doutrina Brejnev. E foi com os olhos postos na Polónia que os outros países – Hungria, Alemanha Democrática, Checoslováquia – descobriram que era possível mudar sem riscos e sem sangue.

Francesco Alberoni

Todos os movimentos colectivos têm absoluta necessidade de um modelo, de um projecto de gestão. Ao longo de décadas, e em todo o mundo, foi o modelo soviético a ser imitado; hoje é o liberalismo democrático. Mas é preciso que se verifique sempre uma primeira experiência com êxito. E a esta não se chega do pé para a mão, mas sim depois de muitas tentativas e muitas experiências. Gorbachev, por muito genial que seja como político, não poderia, de modo algum, ter feito só por si estas experimentações. Mas a Igreja Católica, sim. Já as conhecia e soube apresentar as propostas adequadas. Deste encontro-recontro emergiu o novo modelo que hoje se impõe por toda a parte.

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Exclusivo DL / Corriere della Sera

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL está a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Eduardo Prado Coelho

Quando perguntaram a Filipe la Féria «que pensa de Eduardo Prado Coelho?», a resposta foi «Eduardo Prado Coelho? Qual deles?». Tendo em conta a reconhecida exiguidade da existência, esta resposta pode aparecer como o melhor elogio.

Comecemos por um dos «eles», o professor. Eduardo Prado Coelho foi professor na Universidade Clássica, e depois na Universidade Nova, na linha de uma certa vocação didáctica familiar. Ensinou também no Conservatório e na Sorbonne. Nunca se entregou ao exercício do poder universitário. Tendo em conta que o seu campo era a literatura, também nunca foi demasiado sensível à importância do que fazia, detestando dar notas, fazer exames ou dramatizar situações. Digamos que pôs em prática uma certa *concepção anarquista* da pedagogia literária. Considerou o espaço do ensino como área de sedução de palavras e corpos através da partilha e cumplicidade que derivam do tratamento de ideias e afectos textuais. Considera que o melhor do seu trabalho se manifesta no ter de algum modo contribuído para o aparecimento de certos nomes hoje reconhecidos: António Guerreiro ou Eunice Cabral, Tereza Coelho ou Abel Baptista, Silvina Lopes ou João Mário Grilo, Fernando Pinto do Amaral ou Gustavo Rubim, Augusto M. Seabra ou Alexandre Melo, João Pinharanda ou Manuel Carrilho, e outros, alguns outros.

Eduardo Prado Coelho

Passemos para o «político». Antes do 25 de Abril, claramente oposicionista, por ódio visceral a todas as formas de opressão. A seguir, ligação de alguns meses ao Partido Comunista, por duas ordens de razões: uma, muito tipicamente «intelectual», no pior sentido do termo, pela ingenuidade de pensar que aquilo que hoje é evidente já nessa altura o poderia ser; a segunda como forma de resistência aos «delírios» esquerdistas do momento. Em 1975, afasta-se do Partido Comunista e procura a «boa via socialista». Nesse processo vai acompanhando toda a crise da esquerda contemporânea. O que se manifestou através das crónicas que escreveu para o *Expresso* - que lhe valeram múltiplos ódios e incompreensões, mas que o tornaram efectivamente popular. Como acontece a quem escreve todas as semanas, cometeu erros, injustiças e excessos, mas criou um certo estilo peculiar de abordagem dos fenómenos políticos.

Actualmente, o seu perfil político pode definir-se em poucos traços. Por um lado, sabe muito bem o que não quer: recusa violentamente quaisquer formas de fascismo, nacionalismo ideológico, racismo ou militarismo, bem assim como todos os sistemas totalitários. Sublinhe-se que não tem qualquer simpatia pela instituição militar. Mas, recusados os extremismos (mesmo quando reclamados por nostalgia do heroísmo ou recusa do tédio), vê com algum cepticismo os confrontos histerizados entre uma esquerda e uma direita que, uma vez no poder, se assemelham em muitos pontos. Contudo, razões sociais e culturais levam-no a identificar-se com a Esquerda (mesmo quando a critica com acentuada aspereza). Não tem grande vocação partidária por duas razões: aborrece-se muito em qualquer reunião política e sempre que se estabelece um unanimismo partidário tem a perversa tendência para discordar. Não sente quaisquer afinidades nem com Adriano Moreira nem com Freitas do Amaral. Mas gosta de conversar com Lucas Pires. Embora reconhecendo-lhes méritos, nunca pertenceu às esferas de Sá Carneiro ou Mário Soares. Tem sobretudo simpatia pelos que se situam *antes* da ideologia ou *depois* da ideologia. Antes: Ramalho Eanes ou Cavaco Silva, que lhe merecem a consideração que suscitam os pragmáticos um pouco inábeis no seu voluntarismo bem intencionado (consideração e não fascinação, ao contrário do que dizem os idiotas). Depois da ideologia: Vítor Constâncio ou Maria de Lourdes Pintasilgo (pelo rigor ou a imaginação nas ideias). É de longa data amigo de Jaime Gama. Admira Jorge Sampaio pela forma límpida e apaixonada como defende as suas convicções.

Por fim, a terceira personagem: aquele que vive e escreve. Por jogo e desejo, gosta de viver no meio da cultura. E gosta das pessoas que são assim sem demasiada ênfase (por isso considera Teresa Patrício Gouveia como o melhor ministro da Cultura depois do 25 de Abril). Na escrita e na vida, importam-lhe sobretudo os momentos *em que as coisas fazem sentido e se justificam por si próprias*. Esquece-se muito depressa. Comove-se com discreta facilidade. Tem um gosto e um modo infantil de se sentir feliz. Sente a mais soberana indiferença por quase tudo o que pensam ou escrevem a seu respeito. Julga que o essencial está em ler muitos livros, andar nas ruas a ver montras, passear de barco no Sena, ouvir Monteverdi, falar com Duras, comprar jornais, ir a restaurantes chineses, passar uma semana em Veneza, rir, escrever de tempos a tempos, olhar para gatos, assobiar, fazer sorrir uma mulher, ser capaz de envelhecer como Picasso, cantar sambas nas tardes brasileiras de domingo e encontrar as palavras certas para garantir que do desejo ou da separação alguma coisa vai ficar.

Eduardo Prado Coelho - Nasceu em Lisboa, a 29 de Março de 1944, filho de Jacinto do Prado Coelho e Dália Reis Almeida. Casado. Tem uma filha, Alexandra, jornalista. Professor universitário, doutorado com uma tese sobre Teoria Literária, é actualmente conselheiro cultural em Paris.

FORUM

GENEALOGIAS DA ACTUALIDADE

O RETORNO DO APOCALIPSE

Desde o anúncio do fim do homem feito por Michael Foucault e do diagnóstico do fim das ideologias proposto por Daniel Bell, praticamente nenhuma das experiências que constituem o nosso mundo escapa hoje ao veredicto da sua morte. Radicalizando este veredicto, Jean-François Lyotard e Gilles Lipovetsky falariam, mais recentemente, do fim da modernidade, Jean Baudrillard anunciaria a morte do social, e Fukuyama, nome que passaria despercebido se não fossem as engrenagens da máquina mediática, retoma hoje o velho tema do fim da História. É certo que todas as mortes anunciadas se inscrevem na sequência das lições de Hegel e numa reeleitura, nem sempre séria, é certo, da obra de Heidegger sobre o fim do político e da filosofia. Semelhante recorrência desta temática do fim e da morte, neste final do século XX, dá que pensar.

Perante as provações que se abateram sobre os judeus, na sequência da dominação helénica e da imposição de um rei estrangeiro, do sírio Antíoco IV, Epifânio, um autor anónimo, escrevia, em 167 a.C., o Livro de Daniel. Este livro associava o fim da dominação estrangeira ao fim dos tempos e destinava-se a reconfortar o povo eleito, alimentando a certeza na próxima vitória divina sobre o invasor, vitória de que os crentes se consideravam os destinatários últimos e predestinados. Já anteriormente, Jeremias e Isaías, no século VI a.C., por ocasião das deportações para Babilónia e do exílio, Zacarias e Malaquias, um século depois, na altura da restauração persa, tinham introduzido, nos seus textos proféticos, passagens que anunciavam o fim das tribulações e o advento de uma nova era de paz e de felicidade perfeita, de uma era em que as charruas substituiriam as espadas e em que o leão conviveria com o cordeiro, numa terra onde correria o leite e o mel. A este fim messiânico corresponderia, afinal, o desvendamento das coisas escondidas desde as origens do mundo e a revelação (*apo-kalypsis*) dos segredos originários guardados desde os tempos imemoriais da criação.

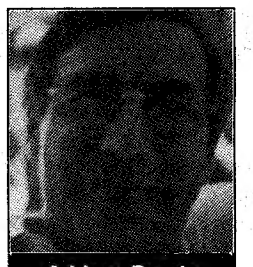
Também Platão propunha o desvendamento dos simulacros que vendam a realidade verdadeira das coisas, sob a aparência enganadora das sensações, e um processo destinado a proporcionar o acesso às formas puras e eternas, outrora contempladas pela *psyché* junto dos deuses, antes de cair no mundo das sombras e dos simulacros da realidade. A tradição órfica viria, aliás, a explorar até à exaustação este tema apocalíptico.

Os temas apocalípticos correspondem sempre a uma época bem precisa de todas as civilizações, a uma época de confronto com os limites e as aporias da experiência própria, depois de esgotados os recursos das convicções até então aceites como indiscutíveis, experiência, por isso, de decadência, muitas vezes acompanhada de sofrimentos incontáveis. Assim, no final do primeiro milénio da nossa era, os revezes sofridos pela civilização cristã, com as invasões bárbaras e o terrível flagelo da peste, acompanhariam, de novo, o ressurgimento dos discursos apocalípticos, alimentando a esperança milenarista, do advento de mil anos de felicidade perfeita.

Curiosamente, é agora, de novo, no início da última década do nosso século, que assistimos ao retorno deste velho tema do fim da História, projectado a nível mundial através dos *media*. No seio de uma sociedade secularizada, os antigos mitos apocalípticos retornam em força e mobilizam a opinião pública, graças à amplificação que hoje lhes conferem os meios de Comunicação Social.

Não se trata, porém, de retomar linearmente os velhos mitos milenaristas, mas de processos de reminiscência que pressupõem uma espécie de mecanismo de amnésia dos mitos originários, assim como a construção das modalidades discursivas de inversão e de deslocamento das figuras apocalípticas tradicionais.

Deste modo, o fim anunciado deixou de se apresentar como o resultado da intervenção de uma força exterior, que, sem o saber, realizaria a obra providencial e secreta, guardada desde sempre pelos desígnios insondáveis da divindade. O fim da História apresenta-se, antes, hoje, como o termo ou a plena ralização das próprias potencialidades internas da nossa civilização, em consequência do desenvolvimento tecnológico. Com a tecnicização da esfera da linguagem reduzida a uma dimensão puramente informativa, assistiríamos, neste final do século XX, ao pleno desabrochar das virtualidades técnicas e ao retraimento do mundo da linguagem, com o consequente termo do confronto das ideologias que definiu a historicidade própria do mundo específico do homem.



Adriano Duarte Rodrigues

Não restando, assim, já qualquer hiato entre a esperança prefigurada pela linguagem e a sua realização técnica, o discurso apocalíptico próprio da nossa modernidade desloca-se para o domínio da fruição plena de um mundo feito à imagem dos dispositivos técnicos, prefiguração de uma espécie de paraíso secular, da realização neste mundo dos segredos da História. Mas não será esta secularização do discurso apocalíptico mais uma estratégia de controlo tecnológico do imaginário, o que faria destas figuras discursivas o suplemento simbólico de que o próprio universo tecnológico se alimenta e de que necessita para se legitimar? Os discursos actuais sobre o fim da História representam, assim, um recuo, em relação aos velhos mitos milenaristas, para uma espécie de estádio pré-social e pré-significante. A morte das ideologias corresponderia ao retorno à experiência arcaica de confusão entre o mundo da linguagem e o mundo da realização técnica.

CARTAS NA MESA

Por um novo PCP

Há muito que desejava comunicar as minhas ideias neste jornal mas, por lealdade com o meu Partido, fi-lo apenas nos orgãos e ocasiões competentes, particularmente durante a preparação para o último Congresso. Com a expulsão de Zita Seabra e com o teor do comunicado que a «justifica», desfiz-me de vez das últimas reservas. Sentir-me-ia mais um dos intimidados. É, pois, como um acto de coragem que uso o vosso jornal para alinhar algumas ideias que há muito defendo no interior do meu Partido.

1º - A perseguição, o silêncio jesuítico (!), a censura, a marginalização, a condenação pública, a repressão, são atiudes de intolerância e sectarismo. Revelam formas de auto-defesa pelo medo, pela insegurança, pelo isolamento. São antigas como os Estados, tão velhos como as tiranias e os governos autoritários. Procuram «legitimar» o Poder, não pela Razão, mas pela Força. (...)

2º - No centralismo democrático, os colectivos dirigentes discutem, nós ouvimos os recados e cumprimos. A informação é vertical, de cima para baixo, não temos acesso às opiniões e propostas de todos e cingimo-nos a um arremedo de debate no interior fechado de minúsculos organismos. O «Avante», após o Congresso, encerrou-se de novo no mais espesso mutismo e, tal como as tomadas de posição oficiais, anda a reboque dos acontecimentos, como se as suas notícias fossem já da pré-história.

3º - A convulsão que abala os países socialistas fez tremer até às raízes as nossas crenças e os nossos mitos, pelos quais lutamos com sacrifício das nosas vidas e das nossas famílias (sou militante há quase 25 anos). Não dei o tempo por perdido nem me arrependo do que fiz. Fi-lo com honra e consciência. Apesar dos erros que cometi.. Dir-me-ão que idolatrei demais o «socialismo real». Era natural na minha juventude e face às exigências do inimigo odioso que foi o fascismo. Outros o fizeram e não são tão poucos como isso.(...)

4º - O meu Partido, que muito amo e, apesar de tudo consubstancia os meus ideais, está em declínio. Só a cegueira não o vê. E se tudo e todos estão em transformação e adaptação aos novos tempos e às novas exigências de sociedades em vertiginosas mudanças, descrente de alguns velhos, embora respeitáveis valores, por que não muda o meu Partido?

Não contrario alguns belos princípios e objectivos do novo Programa, mas temo que alguns sejam letra morta. Tenham sido ou não aprovados em Congresso, não me sinto inibido e temeroso de criticar aqueles preceitos dos Estatutos de que discordei digna e serenamente nas vésperas do Congresso. Solicitei então em documento escrito e assinado que o debate de ideias não terminasse com o Congresso, que o «Avante» continuassa aberto às opiniões de todos, que se criasse um Instituto de Estudos Sociais Marxistas, que a liberdade de informação fosse horizontal, que o número de funcionários fosse reduzido no Comité Central, que a famosa «regra de oiro» fosse sbstituída pela regra dos mais capazes, intelectuais ou não, dos independentes de vínculos qie condicionam a sua autonomia. Não fui ouvido ou entendido pelos mais responsáveis. Fui mesmo subtilmente acusado de «social-democrata»...

5º - Predomina hoje a tentativa de «enterrar» o socialismo em geral (...) É de novo a grande panaceia, o meio termo, a terceira alternativa, consumo - liberdade. Parece que assistimos ao fim de um mundo e ao começo de outro.

Pois a mim parece que os fracos, os pobres, os humilhados e ofendidos, os rejeitados pelos valores do sucesso que só a alguns beneficia, precisam de uma voz, de uma consciência, de uma Razão. Quero um partido novo que volte a convencer, vivo, alegre e esperançoso, de caras novas e discurso moderno, capaz de atrair e vencer. Marx não morreu, como Sócrates, Kant ou Hegel não morreram. A sua genial análise do capitalismo, pesem embora as revisões necessárias, é ainda para o nosso tempo. Quem foi para o Inferno foram os seus epígonos. Os ideias de socialismo têm o tempo das sociedades de classes. Servem para o Ocidente e para o Leste.

José Nozes Pires,
leitor em Torres Vedras

M. J. Alves da Silva - A condição imposta de publicarmos a sua carta na íntegra impede-nos, por razões de espaço, de a incluir nesta secção. E, por ser só assinada por si, também não podemos considerá-la como sendo "de um grupo de pais". Ao tema nela tratado e que é de indiscutível oportunidade, demos, aliás, algumas páginas da nossa edição de 19 de Janeiro, tendo abordado, numa perspectiva idêntica à sua, embora de forma mais generalizada, o problema que levanta sobre o acesso à Universidade.

POLÍTICA

Partido Comunista em congresso na primeira quinzena de Maio

Os comunistas só nessa ocasião se pronunciam sobre as mudanças operadas a Leste

O XIII Congresso (Extraordinário) do PCP realiza-se na primeira quinzena de Maio - anunciou ontem Álvaro Cunhal em declaração à Imprensa efectuada quando ainda decorria a reunião do Comité Central destinada a preparar a assembleia magna.

Nesta reunião, de dois dias, os comunistas aprovaram apenas uma resolução relativa à ordem de trabalhos do congresso, continuando em discussão questões organizativas. Os acontecimentos nos países socialistas, a situação política nacional e «o ideal comunista, a identidade do PCP e orientações e medidas políticas... na nova situação criada pela evolução da situação nacional e internacional» são os temas a debater no congresso.

O PCP reserva para essa ocasião, portanto, uma tomada de posição em relação às transformações em curso nos países de Leste. Ontem, Álvaro Cunhal limitou-se a afirmar que, nesta matéria, o CC procedeu «a uma ampla informação e troca de opiniões». É natural que a questão esteja a suscitar grande discussão e seja uma vez mais debatida na nova reunião do orgão máximo do partido, prevista para o início do mês de Maio e oficialmente destinada a examinar os documentos do congresso.

Regulamento ainda em debate

Por ora, o regulamento não está ainda definido. Cunhal admitiu que, além do da fase preparatória, o regulamento do congresso possa vir a ser divulgado previamente, ao contrário do que é tradicional no partido.

Refugiando-se na condição extraordinária do congresso, o secretário-geral deu a entender que não será o forum adequado à introdução de mudanças de vulto no núcleo dirigente. Aliás, levando à letra as disposições estatutárias, o Comité Central chamará a si «toda a responsabilidade de preparação e organização» da reunião magna. Assim, é a ele que cabe a elaboração de teses, embora cumprindo «as decisões livremente expressas pelo colectivo partidário». Só após a sua apresentação os militantes poderão manifestar as suas opiniões, em suplemento do «Avante!».

Uma das questões mais polémicas do último congresso - a do voto secreto - continuará, por certo, a sê-lo. A direcção comunista mantém a disposição de conceder a cada plenário de militantes a liberdade de escolha do método de eleição de delegados, mas não revelou ainda as suas intenções quanto ao processo a adoptar durante a reunião em si.

INES: legítimo, mas...

O recém-criado Instituto de Estudos Sociais (INES) foi também tema do encontro da direcção do PCP com a Imprensa. Álvaro Cunhal assumiu uma vez mais uma posição cautelosa. Aludindo a intervenções produzidas na reunião do Comité Central, considerou o organismo «legítimo».

Expressou, porém, «apreensão por estas iniciativa ter sido desenvolvida e estimulada por militantes que desenvolvem actividades fraccionárias», acrescentando que alguns membros do CC consideram que o INES pode «dar cobertura» a essas actividades.

O líder comunista comentou ainda a substituição de João Labescat no cargo de chefe de gabinete do Grupo Parlamentar do PCP e o prolongamento da suspensão do deputado Jorge Lemos, dois militantes ligados ao INES conhecidos pelas suas posições críticas.

Voto de braço levantado ou secreto: a polémica do XII Congresso regressa em Maio

Em relação ao primeiro caso, Cunhal considerou que não se trata de uma medida disciplinar, mas de simples transferência de um quadro do partido. Quanto a Lemos, a posição oficial do PCP funda-se em «razões de funcionalidade» do Grupo Parlamentar, que lhe dirigiu a proposta. O deputado declarou entretanto à RTP ter aceite o seu afastamento da bancada comunista por mais seis meses, para não pôr em causa a unidade do partido nesta fase.

Não a teses bipolarizadoras

«Teses bipolarizadoras e hegemonistas só podem inviabilizar e não assegurar uma alternativa à direita» - esta a tese que Álvaro Cunhal voltou ontem a sustentar, com base nos resultados das eleições autárquicas de Dezembro. O Comité Central avaliou as possibilidades de convergência com «outros partidos democráticos» - leia-se: o PS, com quem ainda recentemente estabeleceu acordos para a gestão das autarquias de Loures e Vila Franca de Xira.

O PCP continua portanto a defender que o combate ao Governo de Cavaco Silva, que em seu entender «intensifica o processo contra-revolucionário» e está mergulhado num «crescente isolamento» só pode ser empreendido pela via unitária. Esboçada, aliás, na vitoriosa coligação «Por Lisboa».

Hermínio Martinho adia demissão até à Primavera

A Comissão Directiva do PRD reune-se esta noite para tratar de «expediente do partido» e reflectir sobre as conclusões do último Conselho Nacional dos renovadores. A próxima reunião mais importante entre as Convenções deverá realizar-se em meados de Fevereiro e nela vai divulgada a data da reunião magna do PRD.

Em declarações ao Diário de Lisboa, Hermínio Martinho disse que, «em princípio, a Convenção vai realizar-se dentro do prazo previsto pelos estatutos do partido, dois anos depois do anterior, ou seja em Maio».

As questões mais delicadas e que exigem maior reflexão para os dirigentes do PRD ficam adiadas até lá, embora os renovadores comecem já a pensar como vão resolver o problema das Presidênciais e das eleições legislativas.

Questionado pelo DL sobre a hipótese de abandonar a direcção do PRD, Hermínio Martinho afirmou que «agora não vou demitir-me do partido porque uma crise de liderança iria prejudicar a reflexão. Os renovadores têm, para já, outras coisas em que pensar».

No entanto, Martinho reafirmou ao DL que na próxima Convenção vai pôr o lugar à disposição. «Confirmo que não me vou candidatar ao cargo de presidente do PRD» acrescentou, referindo a propósito o mau resultado conseguido nas eleições autárquicas.

«Fui derrotado e devo assumi-lo. Mas apesar dos condicionalismos existentes creio que há espaço para o PRD intervir na vida portuguesa, se houver capacidade, vontade e ainda se não forem repetidos erros políticos».

Conquistar os desiludidos

O futuro dos renovadores é a questão de fundo do debate, esta noite, na Comissão Directiva.

Contrariando os que vaticinam a extinção lenta do PRD, Martinho sublinhou um factor «sistematicamente esquecido pelos outros partidos, a abstenção», que pode potenciar a médio prazo a influência dos renovadores. O dirigente considera que o grande número de desiludidos do Governo de Cavaco não transferiram os votos para outros partidos, preferindo a abstenção. Segundo esta leitura, «é possível ainda ao PRD recuperar o eleitorado que confiou nos princípios da dignidade política, em 1987».

O descontentamento da politica do PSD não surpreendeu Hermínio Martinho para quem «a crise do Governo de direita era previsível. Recorde-se que há dois anos e meio nós apresentámos uma proposta para um Executivo de esquerda que não prejudicasse os portugueses. Esse Governo só não existiu porque o Presidente Mário Soares não permitiu e porque o PS fugiu às suas responsabilidades, provavelmente já a pensar na reconquista do poder».

O líder do PRD defendeu a necessiade de «criar uma alternativa credível na esquerda» e, obviamente, segundo Martinho, os renovadores têm de criar condições para em 1991 ter uma palavra a dizer.

Todavia até às legislativas, o PRD além do teste da liderança do partido tem de enfrentar as Presidênciais. Sobre este tema, Hermínio Martinho foi parco nasa palavras.

Remeteu o assunto para a Convenção do partido e a título pessoal disse que «se houver apenas um candidato perde-se o debate político que é sempre muito importante». Apesar de « não ter dúvidas sobre a reeleição de Mário Soares».

M.J.R.

Soares preside a reunião da OIJ

O Presidente da República aceitou o convite que lhe foi feito pela Direcção do Sindicato dos Jornalistas para presidir à sessão de abertura da reunião do «Presidium» da Organização Internacional de Jornalistas (OIJ), que decorrerá no Estoril de 27 a 29 do corrente.

A delegação do SJ, constituída por Oliveira Figueiredo, presidente da Assembleia Geral, João Mesquita, presidente da Direcção, João Paulo de Oliveira, presidente do Conselho Técnico e de Deontologia, e Maria Júlia Fernandes, responsável pelas Relações Internacionais, foi ontem recebida em audiência por Mário Soares, que aproveitou o ensejo para se inteirar das posições do sindicato sobre a proposta de lei do Governo que cria a Alta Autoridade para a Comunicação Social.

A OIJ agrupa associações profissionais da Europa de Leste, da Ásia, da África e da América Latina, designadamente das de todos os países de expressão oficial portuguesa e do Brasil, e o seu «Presidium» reúne-se este ano em Portugal por iniciativa do Sindicato dos Jornalistas, que detém uma das vice-presidências da organização.

Matosinhos e Turim convidam PR

A Câmara Municipal de Matosinhos deliberou por unanimidade convidar Mário Soares para estar presente naquela localidade durante as festividades do mártir S.Sebastião, padroeiro dos pescadores. Entretanto, o Presidente da República parte no dia 15 de Fevereiro para Itália onde vai receber um doutoramento «honoris causa» pela Universidade de Turim e visitar, em Roma, a Ordem Militar e Soberana de Malta.

A cerimónia de doutoramento em Sociologia Política pela Universidade de Ciências Políticas de Turim realiza-se no dia 16, após o que Mário Soares oferece uma recepção às personalidades igualmente agraciadas .

No dia 19 retribui, na sede da Ordem,, a visita que o Príncipe e Grão-Mestre efectuou a Portugal.

POLÍTICA

Deputados do PSD ouviram o líder

O primeiro-ministro foi à Assembleia definir a estratégia do grupo parlamentar

O primeiro-ministro e presidente do PSD, Cavaco Silva, reuniu-se ontem à noite com o grupo parlamentar do seu partido para apresentar as conclusões do Conselho Nacional, realizado no sábado, e transmitir aos deputados as novas linhas da estratégia para os debates na Assembleia da República.

A linguagem e o número de iniciativas vão marcar, de ora em diante, a actividade parlamentar dos sociais-democratas. Em termos de linguagem não se pode falar propriamente em inovação, trata-se de retomar o constante confronto de ideias entre o PS e o PSD, com os socialistas a quererem apresentar uma «nova cara» para a reconquista do poder e os sociais-democratas a lembrarem constantemente a este PS as posições defendidas quando foi Governo.

Aliás, durante a reunião com o grupo parlamentar, Cavaco Silva acentuou a necessidade de marcar bem a diferença entre os dois partidos e as práticas políticas de cada um, acusando os socialistas de terem atitudes « hipócritas e incoerentes».

Paralelamente a esta linguagem de confronto entre os dois maiores partidos, o PSD vai intensificar as iniciativas legislativas na Assembleia da República e dar mais conferências de Imprensa para responder de forma imediata ao Partido Socialista.

No seu discurso, o primeiro-ministro retomou um tema delicado: as Presidências Abertas de Mário Soares e o contributo destas para esbater as diferenças entre o PS e o PSD com prejuízo para os sociais-democratas.

No próximo dia 10 de Fevereiro Cavaco Silva vai encontrar-se com os presidentes das concelhias, na Figueira da Foz, cidade onde ascendeu ao topo do partido e da vida politica portuguesa.

Neste encontro, que é quase uma antevisão do Congresso, o presidente dos sociais-democratas vai divulgar a estratégia do partido tendo em conta o princípio, discutido e aprovado no Conselho Nacional, de que é necessária uma maior ligação às populações .À entrada da reunião do grupo parlamentar do PSD dois destacados dirigentes perguntavam-se , embaraçados: «Convidamo-lo para a mesa ou para se sentar no meio do grupo». Referiam-se a Victor Crespo.

Apareceu pouco antes do primeiro-ministro e entrou discretamente para a sala, para se sentar «no meio dos outros». Gerou-se um certo mal-estar. Montalvão Machado convidou Victor Crespo a fazer parte da mesa. O embaraço foi ainda maior. Ouviram-se umas palmas. Silêncio. Até que meia dúzia de mãos decidiram seguir o exemplo.

Maria João Rocha

Anunciadas medidas para tornar mais transparente a vida político-administrativa

PS: «glasnost» à portuguesa

O Partido Socialista divulgou, ontem, mais uma das suas iniciativas parlamentares, visando levar à prática o princípio da administração aberta, acolhido na última revisão constitucional, ao mesmo tempo que anunciava uma ofensiva legislativa generalizada no sentido de tornar mais transparente a vida política e administrativa e organizar a defesa dos cidadãos face ao poder do Estado.

«No fundo, trata-se de aplicar em Portugal os princípios da glasnost que estão a fazer escola no mundo», disse aos jornalistas o deputado Alberto Martins que, juntamente com Almeida Santos, tem sido um dos mais eficazes dinamizadores deste fôlego legislativo do Grupo Parlamentar do PS.

As bases gerais desta lei que faculta aos cidadãos o acesso aos documentos da Administração Pública já foram ontem divulgadas, por antecipação, no DL pelo que importa reter apenas o essencial das suas propostas. Assim, a proposta de lei do PS impõe a classificação dos documentos da administração central, regional e local de modo a só ficarem ao abrigo desta faculdade de consulta pelos cidadãos os que forem classificados de secretos ou confidenciais. Mesmo para esses, fica consignado o direito de recurso, se não forem abertos no prazo de trinta dias, para uma comissão a criar e composta por representantes do Parlamento, do Governo, das centrais sindicais, do funcionalismo público e dos municípios.

Alberto Martins é um dos deputados do PS artífices desta ofensiva legislativa para abrir a Administração Pública aos cidadãos

Encadeado de diplomas para manter a iniciativa

Deste pacote de iniciativas socialistas, a partir da sua base parlamentar, destacam-se a defesa dos cidadãos perante a informática, já discutida na Assembleia, o direito de acção popular, apresentado há dias por Almeida Santos e agendado para debate em plenário no dia 20 de Fevereiro, a defesa dos contribuintes em matéria fiscal, que será hoje discutida na Assembleia, e a lei sobre o segredo de Estado, que está ainda em trabalhos de parto.

O Partido Socialista também já colocou o Parlamento e a Maioria perante o facto consumado da lei da televisão e o líder do seu Grupo Parlamentar, António Guterres, chamou ontem a atenção, em conferência de Imprensa, para este encadeado de diplomas explicando que, com eles, «o PS quer manter a iniciativa parlamentar e consagrar na legislação os princípios que mereceram acolhimento na revisão constitucional».

Guterres destacou, também, o facto de ser o PS a tomar a iniciativa nestas matérias, enquanto o Governo, como disse, «só trouxe à Assembleia a lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social e a Lei-Quadro das Privatizações e, mesmo essas, atrasado».

Perguntado porque é que estes diplomas, decorrentes da Constituição que foi aprovada e negociada conjuntamente pelo PS e o PSD, aparecem agora, apenas, com a chancela socialista e, quase sempre, em divergência com a Maioria, António Guterres remeteu os jornalistas para o isolamento do Governo. Sublinhou que o PS, já em sede de revisão, tentara condicionar à aprovação por dois terços dos deputados «estes diplomas fundamentais para a vida dos cidadãos, o funcionamento do regime e das instituições».

«Não o conseguimos na altura», comentou, «e por isso não nos surpreende o que está a passar-se. Mas salvámos, ao menos, o que era decisivo para o futuro da nossa vida política, as alterações à lei eleitoral, essas sim, sujeitas à aprovação por maioria qualificada».

O Partido Socialista garantiu que as suas presentes iniciativas legislativas são intemporais e por isso, se não as conseguirem fazer passar todas no Parlamento, retomá-las-ão na próxima Legislatura, «se a maioria do eleitorado manifestar a sua confiança no PS para formar Governo», como concluiu António Guterres.

Rendimento dos políticos: declaração em causa

Foi ainda anunciado por Alberto Martins que a Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias tomou a iniciativa de preparar um conjunto de alterações à lei que exige a declaração de rendimentos dos deputados e outro pessoal político, por considerar que o diploma em vigor é ambíguo. Em particular, essa lei não determina com rigor as sanções aos prevaricadores nem estabelece a forma de divulgação pública das declarações nos casos em que ela seja de interesse público. Recorde-se que vários jornalistas têm tentado o acesso a essas declarações mas o Tribunal Constitucional, a quem elas estão confiadas, o tem negado, sistematicamente.

Daniel Reis

GALERIA ALMADA NEGREIROS

Avenida da República, 16, Lisboa

PINTURA MEXICANA CONTEMPORÂNEA

Exposição organizada por ocasião da visita a Portugal do Presidente do México

Inauguração dia 26 de Janeiro às 18.30

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

A dois dias da chegada

Visto a Savimbi ainda por conceder

Jonas Savimbi chega a Lisboa «a meio da manhã de sábado» e tratará do visto «na altura oportuna», antes de entrar no nosso País, disse ao DL Norberto Costa, do gabinete de relações públicas da UNITA em Lisboa.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros considera que «nada há que impeça» a autorização de permanência tanto mais que considera a visita «estritamente privada».

Durante a sua estada em Portugal Savimbi terá contactos «com todos os parceiros sociais, à excepção da CGTP» e também se encontra «com todos os partidos políticos», com exclusão do PCP, disse-nos ainda o porta-voz daquele movimento. De referir que, nos dois casos, os encontros não foram pedidos.

O programa da visita inclui ainda uma deslocação à Assembleia da República, no dia 30, um almoço no American Club, na mesma data, uma conferência em Coimbra, no Teatro Paulo Quintela e uma visita à Associação Académica. A seguir o líder da UNITA segue para o Porto, depois para o Funchal e logo a seguir para «quatro ou cinco países europeus», numa digressão que não é divulgada por «razões de segurança».

A tudo isto o Ministério dos Negócios Estrangeiros não faz comentários: «Não temos rigorosamente nada a ver com o assunto, trata-se de uma visita estritamente privada cujo programa não nos diz respeito», disse ao DL Nuno Teotónio Pereira. O porta-voz do Ministério confirmou que não está previsto nenhum encontro com membros do Governo, nomeadamente João de Deus Pinheiro, que parte para Estrasburgo três dias depois da chegada de Savimbi a Lisboa.

BREVES

Adiado o debate sobre privatizações

O debate da Lei-Quadro das Privatizações, que estava previsto para o dia 30, foi adiado para 8 de Fevereiro, segundo informação ontem divulgada pela conferência de líderes parlamentares. Foi apresentada como razão do adiamento o facto de a proposta do Governo não estar ainda pronta, na Comissão Parlamentar de Economia, para subir a plenário, já na terça-feira.

Jornalistas organizam jornadas parlamentares

A Associação dos Jornalistas Parlamentares promove no próximo dia 31 de Janeiro o seu III Encontro propondo-se analisar em profundidade as consequências da criação da Alta Autoridade para a Comunicação Social. O Encontro será aberto pelo presidente da Assembleia da República, Vitor Crespo, e terá como moderadores, além de um jornalista representante da Associação, os deputados Nuno Delerue, do PSD, Arons de Carvalho, do PS, José Magalhães, do PCP, e o independente Alexandre Manuel.

Semana de trabalho vai ser reduzida

Três diplomas diferentes, mas apontando todos para a redução da semana de trabalho em vigor, vão ser discutidos na terça-feira, dia 6 de Fevereiro.

A proposta do Governo fixa as 44 horas de trabalho semanal máximo. O Partido Comunista quer reduzi-lo a 40 horas, sem prejuizo dos regimes mais favoráveis. O Partido Socialista também defende 44 horas, mas este limite máximo deve baixar para 42, a partir de um ano após a entrada em vigor da futura lei, e para 40 depois de 1 de Janeiro de 1993.

POLÍTICA

Cavaco cede nos vencimentos mas «segura» Soares Carneiro

O diploma de Eurico de Melo implicava uma verba de mais três milhões de contos

Cavaco Silva cedeu nos vencimentos e assegurou a continuidade de Soares Carneiro na chefia do Estado-Maior-General das Forças Armadas - é a opinião de fontes político-militares na sequência da promulgação das cinco leis que se encontravam pendentes na Presidência da República.

O primeiro-ministro aceitou a ideia de reconsiderar a base para o cálculo dos vencimentos - o chamado índice inicial teve um acréscimo de oito por cento, ficando os salários com um aumento médio ponderado de 22 por cento, retroactivo a Outubro - preenchendo assim uma das condições postas pelos militares, para que o Chefe do Estado mandasse promulgar este «pacote» legislativo. O diploma feito por Eurico de Melo implicava uma verba de mais três milhões de contos, para vencimentos das Forças Armadas.

A promulgação do Estatuto dos Militares das Forças Armadas contempla o alargamento, para 65 anos, da idade de passagem à reserva, abrangendo o general Soares Carneiro, que hoje completa 62 anos. Se bem que a lei tenha efeitos retroactivos a 1 de Janeiro, e o Governo se dispusesse a publicar uma medida administrativa suspendendo a passagem do actual CEMGFA à reserva, Soares e Cavaco desdobraram-se em esforços nos últimos dias, encontrando esta solução para o problema.

Soares desenvolveu, terça-feira à tarde e ontem de manhã, os contactos necessários à promulgação do chamado «pacote militar» sem mais incidentes de percurso, embora tivesse mais nove dias para o fazer. Os Estatuto dos Militares das Forças Armadas deviam ter sido aprovados pelo Conselho de Ministros em Novembro passado. Mas quer esse diploma quer as outras quatro leis do «pacote» só em 21 de Dezembro foram enviadas pelo Governo a Belém.

Soares Carneiro: uma prenda de anos

Por todas estas razões se admite que quando ontem recebeu os chefes militares, o Presidente da República tivesse já mandado promulgar as leis pendentes: Estatuto dos Militares das Forças Armadas, alterações à Lei orgânica da GNR, sistema remuneratório dos militares das Forças Armadas, da GNR e Guarda Fiscal, e da PSP, dando conta aos chefes militares de tal decisão.

As declarações do ex-ministro da Defesa Nacional, que ontem noticiámos, vieram aumentar a delicadeza do problema. Eurico de Melo manifestara algumas discordâncias em relação à matéria militar constante do «pacote» aprovado pelo Conselho de Ministros em 21 de Dezembro e que o Presidente da República deveria promulgar ou vetar no prazo máximo de quarenta dias, isto é, até 2 de Fevereiro.

O facto do general Soares Carneiro atingir o limite de idade para a reforma terá levado o Presidente da República a desenvolver os contactos já referidos, depois dos seus assessores se terem debruçado sobre o conteúdo e a constitucionalidade das referidas leis. Uma delas, o Estatuto dos Militares das Forças Armadas, inclui 440 artigos nos quatro capítulo em que se desdobra: lei geral, oficiais do Quadro Permanente, Serviço Militar Obrigatório e vencimentos. As três portarias que fixam os novos vencimentos, já foram assinadas pelo primeiro-ministro.

J. R.

B R E V E S

Mulheres podem ir à tropa

Abriram-se as portas da instituição militar às mulheres. De acordo com a portaria 60/90 publicada hoje no «Diário da República» e assinada pelo ministro da Defesa Nacional, Carlos Brito, «os cidadãos do sexo feminino podem, em condições de igualdade com os cidadãos do sexo masculino candidatar-se a prestar serviço militar nos quadros permanentes da Força Aérea». De entre as especialidades que as mulheres poderão prestar, voluntariamente, durante o serviço militar destacam-se a de piloto aviador, engenheiro aeronáutico e médico.

Soares jantou com ministros exonerados

O Presidente da República jantou ontem com os cinco ministros exonerados na última remodelação, soube a Lusa de fontes oficiosas. Eurico de Melo, Miguel Cadilhe, Álvaro Barreto e Silveira Godinho estiveram acompanhados pelas respectivas mulheres e Leonor Beleza pelo marido.

Timorenses pedem apoio a deputados

A organização de Jovens Nacionalistas de Timor-Leste solicitou ao Parlamento apoio financeiro para lutar contra a «situação dramática de terror» que se vive naquele território.

«Skinheads» não são ameaça para o MAI

O ministro da Administração Interna considerou que o problema dos «cabeças rapadas» não é grave, já que os casos detectados «não são suficientemente grandes para dizer que há perigo nacional». Segundo Manuel Pereira, apesar de persistir o receio de que a violência dos «cabeças rapadas alastre como mancha de azeite de um momento para o outro» já foram dadas instruções «aos comandos distritais da PSP e da GNR para exercerem uma fiscalização maior».

DE 24 A 28 DE JANEIRO
EM DIRECTO E AO VIVO.
UMA GAMA COMPLETA
DE SOLUÇÕES SIMPLES E INTELIGENTES.
VENHA VISITAR-NOS. STAND 215.

MINOLTA NA FILEME

COPIADORAS E FAXES

10.º SALÃO INTERNACIONAL DA BURÓTICA
EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO

MINOLTA PORTUGAL — AV. DO BRASIL, 33-A - 1700 LISBOA - TELEF. 73 00 16 - TELEX 6 23 31 - TELEFAX 76 95 47

LINTAS 90-MNI-02

INTERNACIONAL

Cabo Verde à espera do milagre

Mesmo que não chova,nada ficará como dantes, depois da passagem por Cabo Verde do furacão Woytila

especial para o «DL»

Os cabo-verdianos estão já fartos do céu que não lhes chove como merecem. A vinda do Papa, poderá transferir do inconsciente colectivo da população, para a área do milagre uma longa espera carregada de angústia. É evidente que a meteorologia continuará a oscultar os sinais dos tempos... Uma deficiente organização, lenta, como aqui convém, não distribuiu com antecedência quaisquer documentos de apoio à informação sobre a visita papal que hoje se inicia na ilha do Sal.

Sendo rotuladas de boas e normais as relações entre Igreja e Estado, expressas também no entendimento mútuo para esta «empresa» de aqui trazer o Papa, as duas forças concorrentes colherão, a seu tempo, os melhores frutos desta visita, aliás destas quarenta e duas horas de permanência do chefe da Igreja Católica em terras de Cabo Verde.

Por um lado, a revitalização de uma Igreja marcada fortemente por uma religião popular, a tocar muitas vezes as raias da superstição (o entrave permanece como na Europa e nos outros continentes com a inexistência de quadros religiosos compatíveis) e, por outro lado, o poder civil, vestido (ainda) das cores marxistas, poderão contar com a simpatia de um povo empobrecido mas contente por um chefe tão poderoso os ter visitado como amigo. Aqui, poderão ser assinaladas as maiores vantagens desta visita. A conquista do olhar do Mundo sobre este país pobre, vítima de um destino quase imoral: a seca com as suas sequelas.

E tal como Cabo Verde, os outros países do SAEL, incorporados nesta sexta viagem ao continente africano e a quadragésima quinta ao estrangeiro do Papa que há onze anos veio de Leste: Guiné-Bissau, Mali, Burkina Faso e Chade.

Por seu turno, João Paulo II, encherá em Cabo Verde, na recepção apoteótica que hoje o espera, o balão da sua esperança numa África convertida ao catolicismo em vésperas de milénio a aproveitar porventura a crise que se abate sobre o islamismo. A ver vamos como reagirão os muçulmanos que quase dominam os quatro países em carteira neste périplo e a começar pela Guiné-Bissau, com sete por cento de católicos e trinta por cento de muçulmanos. Aqui , os praticantes de religiões tradicionais africanas mandam em católicos e muçulmanos.

Um Papa espectáculo

Se o projecto apresentado se concretizar, dever-se-á em boa parte ao Papa espectáculo que hoje bate todos os recordes de audiência mundiais. E ele sabe como a África é fértil no desatar da alma para o canto e em canto da dança e da música. Isso mesmo será hoje visto nos banhos de multidão da chegada e no percurso para a catedral. Aqui, os gestos e as palavras serão medidas de acordo com a tradição: um conservadorismo involucionista. Com os homens do Poder, os gestos e as palavras serão mais abertos, ousados mesmo. Quem sabe, se no bolso, o Papa de batina branca não trará o modelo da chave que abriu o Leste. Ele é indiscutivelmente o seu especialista.

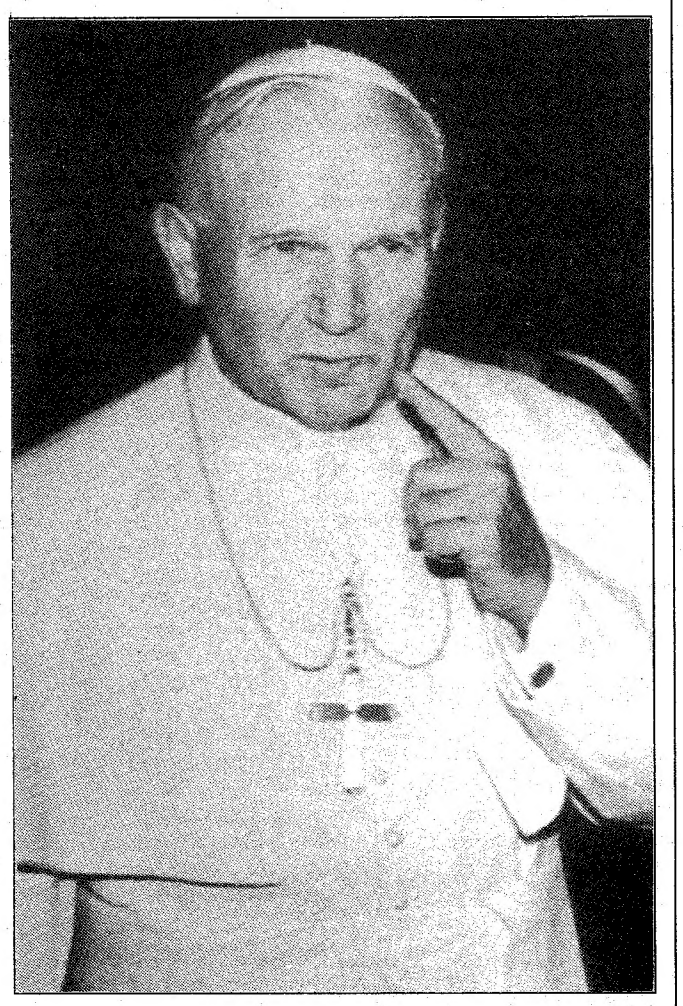
Visita em diferido

Só em diferido é que os espectadores situados fora do arquipélago de Cabo Verde (portanto, todas as cadeias de multivisão e eurovisão, incluindo Portugal) poderão seguir via TV o desenrolar dos acontecimentos da visita do Papa a este país. E isto, apesar da expressiva colaboração da RTP na cobertura da visita, que terá como concorrentes dois canais da RAI e um do México, país que o Papa visitará em Maio próximo.

A inexistência de meios técnicos locais obrigará à entrega das imagens por avião em Dacar onde uma portentosa parabólica distribuirá pelo Mundo as imagens da bruma, da segurança apertada que o Vaticano aqui impôs e do Vaticano, como o Papa, o cardeal Agostinho Cardaroli, trinta personalidades da comitiva e oitenta jornalistas.

Uma festa que amanhã tocará o auge do espectáculo: uma missa em Quebra Canela, à tarde, frente ao mar, na Cidade da Praia e à noite, um banho de juventude no gimnodesportivo de Chão da Areia, a maior festa após a independência há dezasseis anos.

Manuel Villas-Boas



João Paulo II aterra hoje no Sal

UNITA ataca cubanos em Angola

Uma «reincidência perigosa» que poderá levar à «revisão dos Acordos de Nova Iorque e à interrupção da retirada das tropas cubanas» é como o adido de Imprensa da Embaixada de Angola em Lisboa, Francisco Simons, classifica um ataque de forças da UNITA a um quartel em Nhama, província de Benguela, já confirmado ao «DL» por representantes dos rebeldes angolanos, que no domingo passado provocou a morte de quatro cubanos.

Simons disse ao «DL» que o ataque ocorreu a cerca de 150 quilómetros a norte do paralelo 13, desrespeitando o acordo firmado com a UNITA de que tropas cubanas em retirada não poderiam ser atacadas. O adido de Imprensa revelou também estar na posse de informações «muito prováveis», segundo as quais, nos últimos dias, «batalhões sul-africanos aerotransportados entraram no sul de Angola para salvar a UNITA do colapso», numa nova internacionalização do conflito que está a provocar «apreensão» em Luanda.

Por outro lado, um representante da UNITA em Lisboa, Norberto de Castro, confirmou o ataque afirmando, no entanto, que «não era conhecida a existência de tropas cubanas no quartel» , culpando o Alto Comando cubano pela situação, já que «não informa quais os movimentos das suas tropas».

Norberto de Castro sublinhou ao «DL» que a UNITA não ataca cubanos a não ser na frente de combate e que em Benguela esta situação não está assim caracterizada. Quanto à eventual presença de forças sul-africanas, o representante da UNITA, desafiou o MPLA a «convocar uma reunião das partes envolvidas no conflito, determinando que sejam enviados observadores para as frentes de combate para a verificação do cumprimento dos Acordos de Nova Iorque».Segundo Norberto Castro, o Governo de Luanda está deliberadamente a confundir a opinião pública internacional para ter pretextos para a permanência dos cubanos em Angola.

Redacção «DL»

Grave crise afecta a Igreja Católica nos Estados Unidos

Do nosso correspondente em Washington

Ao contrário do que se passa no Terceiro Mundo, onde se tem verificado um crescimento constante, a Igreja Católica atravessa, nos Estados Unidos, uma grave crise. Apenas nos últimos oito anos, cerca de vinte milhões de americanos abandonaram a fé. Para explicar este fenómeno, os observadores apontam razões demográficas, alterações na situação económica americana e, sobretudo, o facto de o actual papado se estar a afastar da doutrina liberalizante do Vaticano II.

Segundo o censo de 1980, ano que marca o apogeu da prática da fé católica romana no país, existiam nos EUA 73 milhões e 479 mil católicos. Os números referentes a 1988, assinalam, porém, uma drástica descida para apenas 53 milhões 497 mil crentes. Inversamente, a Igreja Protestante, actualmente a maior fé no país, sofreu, no mesmo período de tempo, um crescimento que ultrapassa as perdas dos católicos: de 50 milhões 450 mil fiéis, em 1980, passou para os 79 milhões 296 mil registados no ano passado.

Sendo certo que a tradicional imigração católica diminuiu nos últimos anos, nomeadamente a proveniente da Europa - como é o caso dos irlandeses, italianos e polacos - o facto é que as mudanças operadas nos centros urbanos têm contribuído também para afastar as comunidades católicas dos seus espaços tradicionais. Referimo-nos às grandes metrópoles urbanas, às chamadas «inner-cities», tradicionalmente ocupadas por vagas de imigrantes católicos, hoje na terceira geração com um estatuto social que as proteja para os subúrbios de uma classe média urbana. Para trás ficou um espaço residencial que se degradou e que acabou por conquistado por gente pobre, na sua maioria negros e latino-americanos e ficaram também paróquias despovoadas, igrejas vazias e sem meios de subsistência.

As gerações descendentes de católicos têm, não só novos padrões de vida, mas também é facto que têm uma maior formação cultural e assimilaram um arreigado sentido democrático que orienta as instituições públicas americanas. Em termos gerais, a rigidez de princípios que a Igreja Católica lhes propõe entra em choque com um agudo sentido de liberdade individual em que foram educados. A título de curiosidade, citamos apenas o caso das escolas católicas, altamente consideradas pela qualidade do ensino ministrado, mas criticadas pelo estilo de disciplina, por assim dizer medieval, se comparado com o padrão médio americano. Esta circunstância popularizou um auto-colante visível em alguns pára-choques traseiros de automóveis, onde se pode ler: «Eu sobrevivi a uma escola católica».

Paralelamente, a tónica dada pelo actual Papa João Paulo II a questões tão controversas como o controlo de natalidade e o papel das mulheres na Igreja são temas que, eventualmente, constituem um factor dissuassor de novas adesões, numa sociedade eminentemente pragmática. Talvez por isso, se sublinhe intencionalmente que esta diminuição de praticantes corresponda ao início do papado de Karol Wojtyla.

Procurando corresponder a tão drástica redução de praticantes e a uma correspondente crise económica, a Igreja Católica americana procura redimensionar-se. E esse redimensionamento passa, pelo menos nesta fase, pelo encerramento de várias instituições. No último fim-de-semana, o cardeal de Chicago, Joseph Bernardin, anunciou encerramento, já em Junho próximo, de 37 igrejas e escolas arquidiocesanas, para além de dois seminários.

Mas a crise não atinge apenas a área metropolitana de Chicago. Outras cidades industriais do Norte experimentam as mesmas dificuldades, procurando ajustar-se a uma nova realidade. Por exemplo, na área metropolitana de Detroit, onde apenas no ano passado foram eliminadas 30 paróquias, o seu cardeal, Edmund Szoka, fez saber, no princípio deste mês, que 25 paróquias da sua arquidiocese, em situação deficitária, serão, dentro em breve, fechadas ao culto. O próprio cardeal Szoka, um prelado de origem polaca como o actual Papa, que foi o primeiro a executar medidas restritivas na sua diocese, e que acaba de ser chamado para reestruturar o Instituto de Obras Religiosas, mais conhecido pela designação de banco do Vaticano.

Filipe Vieira

INTERNACIONAL

No caso de uma hipotética vitória eleitoral dos comunistas na RDA

Previsível êxodo maciço de cidadãos

O político alemão-democrático Lothar de Maziere disse que mais de três milhões de alemães de Leste emigrarão para a Alemanha Federal se ficarem desapontados com as primeiras eleições livres em Maio.

"Cerca de 30 por cento da população do país está de malas aviadas", disse o presidente da União da Democracia Cristã, que integra o Governo de coligação liderado pelos comunistas, em entrevista ontem publicada pelo jornal alemão-federal "Die Welt".

Destes, "entre dois a três milhões deverão estabelecer-se na Alemanha Federal se as eleições produzirem resultados inesperados", aludindo a uma eventual vitória do Partido Comunista.

Bona, que receia não poder oferecer condições mínimas de emprego, habitação e cuidados de saúde se o êxodo de alemães de Leste continuar ao ritmo actual, precisou que só nas primeiras semanas de Janeiro chegaram ao país 33.530 cidadãos da RDA. O total em 1989 foi de 344.000.

De Maziere fez um retrato sombrio da situação económica, saúde e ambiente na Alemanha Democrática.

Segundo o dirigente democrata cristão, 70 por cento das fábricas deveriam encerrar devido aos prejuízos causados ao meio ambiente e 30 por cento correm o risco de fechar quando o marco da RDA tiver cotação oficial no mercado Ocidental.

Entretanto centenas de polícias juntaram-se ontem aos manifestantes pró-democracia na cidade de Leipzig, ao mesmo tempo que pediam aos cidadãos que não os associassem com "as odiosas forças de segurança que estão a ser desmanteladas".

A agência noticiosa oficial, ADN, afirmou que os polícias desfilaram, juntamente com cerca de três mil manifestantes, pelas ruas de Leipzig, apelando ao apoio e confiança da população.

Carros da polícia com as sirenes ligadas e exibindo cartazes com frases como "Nós também somos o povo" e "Por uma polícia democrática", acompanhavam a manifestação. Leipzig, considerada o berço da acção popular, foi palco de violentos confrontos entre polícia e manifestantes no princípio do movimento reformista que levaria à queda do regime comunista de linha dura.

Mas a manifestação de ontem e as greves de Dresden e outras cidades, pretendem fazer sentir aos actuais dirigentes o descontentamento popular com a situação política e económica do país.

Os protestos dos trabalhadores alemães democratas continuam a ser mais por razões políticas do que laborais.

Nas manifestações e greves de protesto de ontem os trabalhadores exigiram a punição dos antigos dirigentes comunistas e pediram o seu afastamento dos lugares que muitos ainda ocupam.

Reformas aceleradas

Entretanto o Governo prepara-se para introduzir reformas económicas aceleradas destinadas a anular o actual controlo de preços e alcançar a complexa convertibilidade da moeda até 1992, segundo fonte oficial.

A mesma fonte referiu que estas propostas fazem parte de um plano elaborado por um grupo governamental liderado pelo ministro da Economia leste-alemão Christa Luft.

Esta questão é vista como crucial para a salvação da economia da RDA, atrasada em relação aos seus parceiros ocidentais.

Redação "DL"/Lusa

B R E V E S

URSS é a «esperança» de Cuba

As tradicionais boas relações com a União Soviética são a esperança dos dirigentes cubanos para fazer face às dificuldades de abastecimento de farinha, trigo para pão e matérias-primas para rações, surgidas nos últimos tempos. O Conselho de Ministros cubano informou na segunda-feira, que as falhas de abastecimento implicaram na utilização de reservas estatais e na aquisição de cereais pagos em divisas, para além de uma redução no consumo de rações. O Conselho decidiu também aumentar os preços do pão e dos ovos para diminuir o consumo desses produtos, que têm sofrido cortes de abastecimento. Ontem, aos gritos de «Socialismo, Socialismo», a Central de Trabalhadortes de Cuba inaugurou o seu XI Congresso, aclamando Fidel Castro quando chegou à tribuna. Menos satisfeitos estão os exilados cubanos que enviaram uma delegação de 20 membros à Hungria para verificar como o regime comunista foi derrubado na Europa de Leste. «Queremos partilhar experiências com os grupos de oposição nestes países» disse Rafael Sanchez, presidente do Movimento Cristão Democrata cubano, residente em Nova Iorque. «Os modelos não são similares aos de Cuba mas podemos aprender com eles. O mais parecido é o caso romeno», disse Sanchez, sublinhando que os exilados que têm visitado Cuba afirmam que «as pessoas estão cada vez mais críticas face à pobreza crescente» no país.

Lituanos cercam KGB

Para impedir que sejam destruídos documentos sobre vítimas de represálias na época de Estaline, centenas de pessoas cercaram ontem a sede da KGB em Vilna, capital da república soviética da Lituânia, respondendo a um apelo feito na noite anterior na televisão por um deputado lituano. Num comunicado, a organização nacionalista Sajudis afirma que a KGB local guarda importantes arquivos que reflectem a vida política da Lituânia nos últimos decénios, documentos que são secretos e inacessíveis, nomeadamente a historiadores e cientistas.

Manifestação em Kosovo

Aos gritos de «Democracia, Democracia» uma multidão de jugoslavos de origem étnica albanesa manifestou-se ontem em frente à sede do Partido Comunista na capital da província de Kosovo, Pristina, pedindo a resignação dos líderes locais, eleições livres e a libertação de presos políticos. Os manifestantes, cujo número foi estimado entre 15 mil e 40 mil por jornalistas iugoslavos, destruíram carros estacionados e partiram vitrines de lojas. A polícia dispersou a manifestação, a maior dos últimos tempos em Kosovo, usando gás lacrimogéneo, cassetetes e canhões de água.

QUOTIDIANO

Greves nos comboios sem fim à vista

Lisboa será amanhã uma cidade diferente: o endurecimento das formas de luta dos trabalhadores de vários sectores de transportes deixará a capital com ainda menos comboios, sem ligações fluviais com o Barreiro e no aeroporto o pessoal cruzará os braços. O caos não será pequeno... mas Fevereiro poderá ser ainda pior: os maquinistas da CP marcaram já mais 10 dias de paralisações com possibilidade de prolongamento, e os controladores de tráfego aéreo decidiram-se por mais cinco dias.

Às greves parciais que os maquinistas da CP têm vindo a cumprir juntam-se amanhã os restantes trabalhadores da empresa durante as 24 horas do dia, incluindo os do sector fluvial que fazem a ligação entre Lisboa e o Barreiro. Esta nova adesão deve-se à participação dos associados na Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Ferroviários (afecta à CGTP).

Por outro lado, também o Sindicato dos Trabalhadores da Aviação e Aeroportos (SITAVA) e o SITEMA anunciaram para amanhã uma paralisação durante todo o dia.

Lutar até ao fim

Castelo Lopes, presidente do Sindicato dos Maquinistas (independente), afirmou ao «DL» que o conflito na CP continua a partir das 12 horas do dia 30 e até às 24 de 9 de Fevereiro, com a possibilidade, «caso o Conselho de Gerência não dê resposta às nossas reivindicações nos cinco dias anteriores ao fim das paralisações, de prosseguirmos logo no dia seguinte (10), sem fazermos qualquer interrupção».

As próximas paralisações decorrerão no mesmo esquema da que se está a realizar: cada maquinista pára nas quatro horas iniciais do seu turno.

E se os 10 dias de luta que amanhã terminam- durante os quais a adesão foi de 100 por cento - provocaram, segundo aquele dirigente sindical, «a supressão total dos comboios de mercadorias e afectaram 70 por cento da circulação», as novas greves transformarão a circulação ferroviária num caos.

Para além dos transtornos que os utentes da CP têm sentido - e que levaram já a reacções em diversas estações - também certos sectores da indústria nacional serão gravamente afectados, pois funcionam à base do transporte ferroviário.

Às novas paralisações têm o mesmo objectivo da que decorre: obrigar o Conselho de Gerência a negociar várias reivindicações. E o Sindicato dos Maquinistas salienta a intransigência dos responsáveis da CP, que durante estes 10 dias «não fizeram qualquer tentativa de diálogo, nem sequer um telefonema para nos sentarmos todos à mesma mesa», afirmou Castelo Lopes.

Os maquinistas exigem uma correcção salarial de 4 por cento relativamente a 1989, a negociação do regulamento de carreiras (cuja vigência terminou em Agosto de 1988) e a resolução do caso das pré-reformas, «assunto já assinado pela gerência, com o aval da Secretaria de Estado dos Transportes».

A administração da CP «comprometeu-se a resolver os 40 casos mais prementes até ao fim de Dezembro do ano passado, o que até agora ainda não aconteceu», referiu o mesmo sindicalista.

Para além destas questões gerais, a classe pretende ver ainda resolvidos problemas especificos, como as condições de trabalho nas unidades motoras, as condições de habitabilidade e matérias já assinadas à cerca de três anos, como é o caso do prémio de condução.

Céu português sem controlo

Entretanto, também o SITAVA e o SITEMA convocaram uma greve de 24 horas para amanhã.

Segundo o SITAVA, as negociações de revisão salarial e do Acordo de Empresa da TAP chegaram a um impasse, uma vez que a empresa resolveu encerrar unilateralmente o processo.

A última proposta do Conselho de Gerência da TAP foi de 12 por cento de aumento na tabela, 50 por cento de acréscimo no subsídio de refeição e a atribuição de um valor de compensação pela diminuição do poder de compra em 1989.

Tal proposta não é aceite pelos sindicatos, que exigem um aumento nos vencimentos de 16 por cento, para além de algumas alterações em matérias sociais e uma correcção de 2,5 por cento de correcção salarial.

Por sua vez, os controladores de tráfego aéreo realizam uma greve de cinco dias no início de Fevereiro, não estando ainda decididas as datas.

Aqueles trabalhadores reivindicam aumentos salariais de 23,5 por cento, a revalorização das carreiras e a melhoria das condições de trabalho.

Recorde-se que na greve que efectuaram no passado fim-de-semana, deixaram o «céu português» limpo de aviões, tendo-se realizado apenas os voos considerados como serviços mínimos.

E.A.

Utentes da CP param circulação em Queluz

A linha de Sintra foi bloqueada, esta manhã, por populares que dizem estar fartos de chegar atrasados aos seus empregos

Populares do Cacém e Queluz bloquearam, durante a manhã, nesta última estação, a linha de Sintra. Os incidentes provocaram a intervenção da PSP de Queluz que, ao fim da manhã, deteve quatro jovens manifestantes, por alegada desobediência às autoridades.

Cansados de viajarem pendurados nos comboios, por vezes agarrados às portas que nunca se fecham e, desde há dias, privados de várias composições, juntaram-se pouco antes das 8 horas de hoje e cortaram a linha nos dois sentidos.

Perante apupos e assobios, as autoridades algemaram os quatro jovens detidos, que foram transportados para a esquadra de Queluz. Carlos Manuel da Silva Rodrigues, um dos detidos, disse ao «DL» que « estava apenas a manifestar-me com os meus colegas».

Os manifestantes exigiam, desde as 8 e 30, a presença de um representante credenciado da CP que atenda as suas reivindicações. Tentaram falar com o chefe da estação local, mas viram os seus intentos frustrados. Dali não arredam pé e esperam a todo o momento a chegada dos polícias de «choque». Garantem que estão por bem e querem chegar a tempo e horas aos seus empregos.

«Viajo nesta linha há seis anos e nunca me sentei quando vou para Lisboa» - disse Conceição Guerra ao «DL».

Ana Cristina da Silva, também utente da CP há muitos anos, afiançou-nos que «os patrões já nem querem os serviços das pessoas que viajam na linha de Sintra, porque chegamos sempre atrasados».

As mulheres estão na primeira linha desta luta e afirmam que só desbloquearão a linha com a garantia de mais comboios e melhores condições por parte da CP. As suas queixas são comuns: dizem que nunca têm lugares sentados, que chegam sempre atrasados ao trabalho, que as discussões dentro dos comboios são constantes, as composições cada vez menos e que o pessoal da CP não dá informações.

Saturados com o agravamento das dificuldades, bloquearam a linha por instinto. «Somos nós, mulheres, que temos de andar para a frente, porque os homens parece que não valem nada. Não temos medo de ninguém porque a razão está do nosso lado» - sublinhou ainda Conceição Guerra, rodeada de mais cinco outras mulheres, que aplaudiam as suas palavras. «Já chega. Não sabemos quando chegamos ao emprego e qual o comboio em que podemos entrar» - acrescentou.

Lamentam os utentes da CP, que entram no Cacém ou em Queluz, que só ao domingo viajem em condições nos comboios da linha de Sintra. «Afinal, pagamos mais de quatro contos por mês de passe e viajamos aos encontrões, entalados, sujeitos a sermos roubados e, por vezes, até a sermos insultados» - frisou Conceição Guerra, que parecia ser a líder desta contestação, sublinhando bem alto que nesta luta não há comissões, nem organizações pois «juntámo-nos aqui porque já estamos fartos da situação».

A PSP de Queluz apresentou-se na estação, pouco depois das 8 e 30, tentando convencer as pessoas a abandonar o local para que os comboios circulassem. Américo Ramalho, director das Relações Públicas da CP, referiu, por outro lado, que a companhia tinha enviado técnicos para o local com o objectivo de persuadir os utentes e permitir o restabelecimento da circulação.

Pouco antes do almoço, os comboios alongavam-se, nos dois sentidos, enquanto as autoridades tentavam encontrar uma solução para o problema. A CP, com o apoio da PSP, tentou mesmo, a partir das 10 e 20, assegurar a ligação entre a Amadora e Lisboa, havendo uma ou outra composição que conseguiu chegar a Queluz. No entanto, quando as mulheres se aperceberam que o bloqueio estava a ser furado, formaram um segundo cerco entre a estação de Queluz e a da Amadora. Entretanto, à estação de Queluz começaram a chegar autocarros fretados pela CP para transportar passageiros para Sintra e Sete Rios.

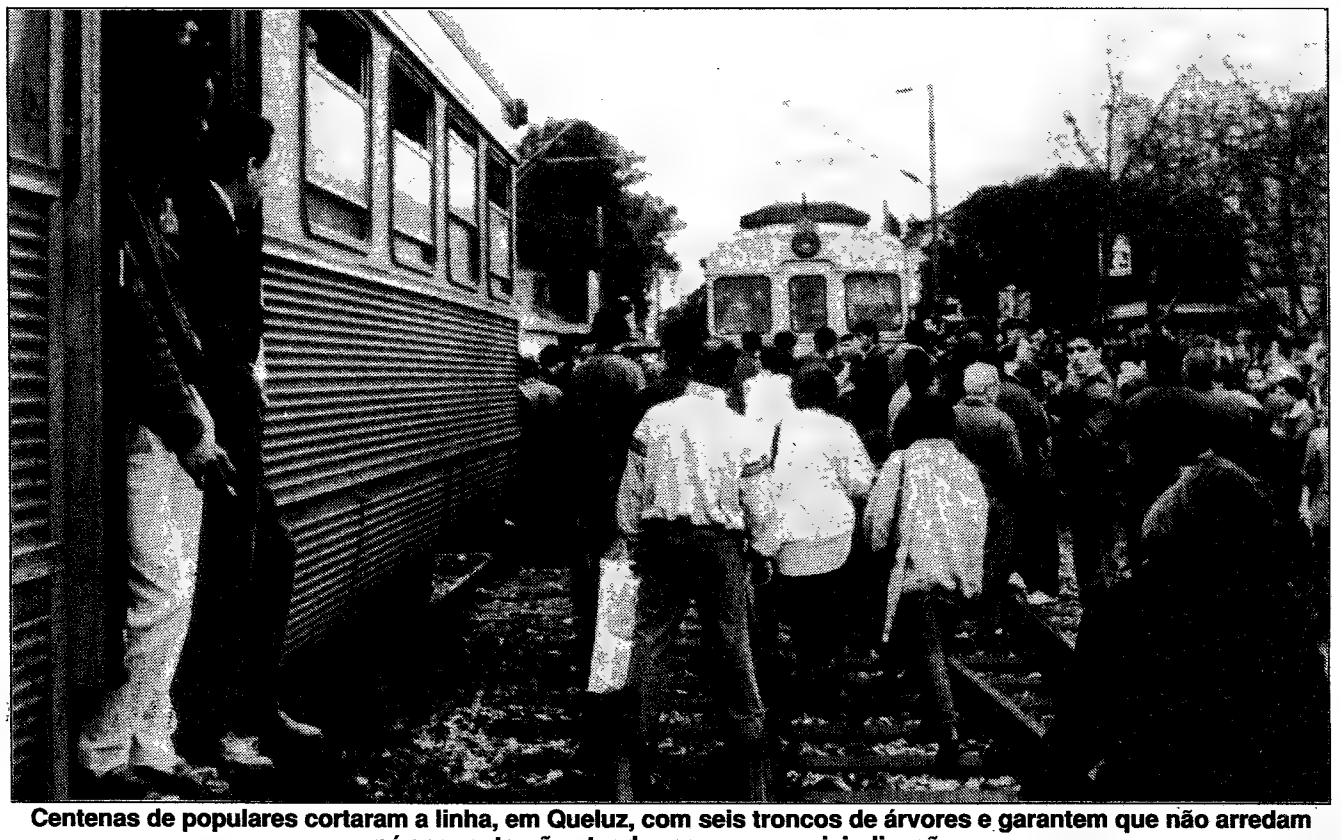
A PSP abandonou o local do bloqueio antes das 11 horas, depois de dois dos seus chefes constatarem ser impossível ultrapassar o problema através da persuasão. Alguém lembrou no local, nesse instante, que a Polícia de Intervenção estaria para chegar.

As mulheres, que com a ajuda de alguns homens colocaram seis troncos de árvores nas duas vias, nem pestanejaram, mantendo-se calmas e afirmando: «Se vierem para resolver o nosso problema, tudo bem. Se for para carregar sobre nós, o país lembrará o 24 de Abril» - acentuou uma senhora, que não se quis identificar, lembrando a todos os confrontos que envolveram os polícias no Terreiro do Paço.

Maria Rosa Araújo afirmou ao «DL» que «não desistiremos facilmente desta luta. Temos de resolver hoje este problema.»

Ao princípio da tarde, a situação mantinha-se inalterável, uma vez que a principal exigência dos ocupantes da linha não tinha sido satisfeita: a da presença de um director da CP que garantisse às populações mais comboios, melhores condições e menos atrasos.

Todavia, a CP, entre as 12 e as 13 horas, conseguiu fazer circular dois comboios entre Queluz e a Amadora, perante os protestos generalizados, tendo ocorrido alguns confrontos de ligeiras consequências.



Centenas de populares cortaram a linha, em Queluz, com seis troncos de árvores e garantem que não arredam pé enquanto não atenderem as suas reivindicações

João Jardim reconhece gravidade da situação

O presidente do Governo Regional da Madeira assumiu a responsabilidade da «guerra» que manteve com a Comunicação Social

O presidente do Governo Regional da Madeira assumiu ontem, em Porto Santo, a responsabilidade da «guerra» que manteve com a RTP e a generalidade da Comunicação Social em torno da «maré negra» de Porto Santo, alegando que o fez para salvaguardar os interesses (sobretudo turísticos) da ilha e da própria Região. Em conversa com os jornalistas travada na sequência do mergulho que deu nas águas do Atlântico, na própria praia de Porto Santo, a escassos metros do casa apalaçada em que o Governo Regional instala os seus hóspedes e convidados em Porto Santo, Alberto João Jardim admitiu que a «maré negra» configura uma situação grave.

«Mas não é catastrófica», disse o presidente regional madeirense, que antes havia visitado os trabalhos de de limpeza, a decorrerem, por ora, com alguma lentidão. Jardim elogiou o empenho de todos, entre eles cerca de seis dezenas de portosantenses no desemprego, afirmando não se ter deslocado aí para colher dividendos políticos.

A esperança e a aposta dos responsáveis da região em recuperarem as praias afectadas de Porto Santo em menos de três meses esvaiem-se de dia para dia. Muito embora a recolha de crude se processe, diariamente, em quantidades apreciáveis, a primeira fase da operação prolongar-se-á provavelmente até ao final de Março. A Câmara Municipal de Lisboa cedeu entretanto um dos seus quatro carros limpa-fossas para colaborar na limpeza da maré. A viatura — com capacidade da ordem dos 350 metrtos cúbicos de sucção por hora e constituída por um depósito cilíndrico em chapa de aço para recolha de lamas — será amanhã despachada para Porto Santo.

Nos dois meses imediatamente seguintes será concretizada a limpeza da costa, já com outro equipamento. Poderão então ser dispensados os préstimos da CEE, que foram decisivos na fase actualmente em curso. A utilização de bombas de aspiração e de tanques flexíveis em plástico especial para armazanagem do crude retirado das águas, bem como o funcionamento de máquinas de grande poder de sucção para retirar o que está entranhado nas rochas, são fundamentais ao êxito da operação nos próximos 60 dias.

Neste momento, haverá ainda, pelo menos, 15 mil toneladas dispersas no mar, das cerca de 20 mil que o «Aragón» terá largado aquando do acidente de 19 de Dezembro. No primeiro dia em que o equipamento da CEE foi utilizado em pleno, o mar ficou com nenos 400 toneladas de crude. À medida que o limpeza for avançando, a operação será mais morosa. Raspar o negro das rochas será ainda mais complicado.

O petroleiro espanhol «Aragón» começou ontem a despejar as 245 mil toneladas de crude que transportava, em Santa Cruz do Tenerife. O crude é da qualidade «maya azteca», isto é, um produto especial mexicano do mesmo tipo do que está a ser recolhifo nas águas de Porto Santo, assinalado por acentuada viscosidade e espessura. O navio é o principal suspeito da «catástrofe ecológica» que poderá ter efeitos bastante negativos no turismo de Porto Santo. Para já, confirma-se que operadores turísticos canadianos e alemães estão inclinados a desistirem deste destino na presente época, não de sabendo, no entanto, se por iniciativa própria, se devido a iniciativas dos seus clientes.

Júlio Rodrigues

Distribuição de pelouros domina reunião da CML

A resposta definitiva do vereador do PPM relativamente aos pelouros que lhe foram propostos pela coligação «Por Lisboa» constitiu ainda um dos pontos a acertar hoje na primeira reunião do executivo municipal a que Jorge Sampaio preside. Conforme noticiámos, além da delegação e subdelegação de poderes serão analisadas no decorrer da sessão as propostas que prevêm a atribuição de mais competências às juntas de freguesia.

Ontem, à saída de Belém onde se deslocou para apresentar ao Presidente da República a sua nova equipa, o presidente da edilidade considerou que a recusa do PSD e, em particular de Marcelo Rebelo de Sousa, em aceitar pelouros é «uma questão encerrada».

Sobre os assuntos agendados para a reunião de hoje, Sampaio sublinhou o facto de estarem alinhados 16 pontos, destacando destes a resolução de problemas relacionados com o trânsito, a habitação e a animação da cidade.

A Câmara Municipal de Lisboa também «vai olhar para Bruxelas com outra profundidade»,devido à necessidade de obter ajudas financeiras para recuperar, nomeadamente os bairros históricos, referiu ainda o autarca.

Latada assinala em Coimbra início do ano lectivo

Durante três dias a cidade de Coimbra está em festa. As tradicionais praxes de recepção ao caloiro vêm para a rua

Envergando capa e batina, de faces pintadas, com latas atadas às pernas, rastejando ou roendo cabeças de nabo, fazendo declarações aos polícias, ao povo anónimo ou aos candeeiros da iluminação pública, os caloiros da Universidade de Coimbra participaram, ontem, no cortejo das latadas.

Para festejar o início do ano lectivo, os «primeiro-anistas» passearam-se pelas ruas da cidade ostentando cartazes e cumprindo as ordens dos «doutores». Invariavelmente, essas ordens levaram os caloiros a rastejar e a roer cabeças de nabos. Ao peito ou às costas, ostentavam cartazes com as mais diversas piadas. À cabeça do cortejo via-se um cartaz enorme que dizia «Autonomia, Universidade de Coimbra, SARL?»

A situação da Faculdade de Direito era satirizada num dístico em que ela era apresentada como tendo «paredes de vidro». A prova geral de acesso inspirou igualmente alguns estudantes: «Eu sou animal livre e adiro à PGA - última descoberta para as novas saídas profissionais» - proclamava um caloiro num cartaz.

«Agora com a PGA qualquer besta anda cá» - dizia outro dístico mais irreverente. Alunos da Faculdade de Medicina garantiam que por lá «tudo anda na mesma, com a massa cinzenta a passo de lesma».

As pastas governamentais da saúde e da educação suscitaram também algumas piadas: « O nosso curso tinha ar de beleza, agora tem um ar...lindo». Outros observavam «De trocar ministros o primeiro se lembrou, mas esquecendo-se do Carneiro o ensino não melhorou».

Estudantes passeiam-se em carrinho de supermercado no cortejo das latadas

O cortejo da latada, que terminou com o «baptismo» dos caloiros no rio Mondego, constituiu o ponto alto da festa de recepção aos «primeiro-anistas» da Universidade de Coimbra, promovida pela Direcção-Geral da Associação Académica.

A recepção aos novos alunos coincide, habitualmente, com as comemorações da «Tomada da Bastilha», em 25 de Novembro, tendo sofrido um atraso de cerca de dois meses devido ao protelamento do ingresso dos estudantes no ensino superior.

Docentes e investigadores da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra divulgaram, ontem, uma carta-aberta ao futuro reitor, na qual manifestam o seu descontentamento quanto à estratégia e gestão deste estabelecimento do ensino superior.

O documento, que está a recolher assinaturas entre o quadro docente daquela faculdade, manifesta insatisfação pela política global de administração e contesta a política e a gestão que, no plano científico, se praticam na Faculdade de Ciências.

Com a carta-aberta, os subscritores «não pretendem manifestar apoio ou hostilidade ao novo reitor», cuja eleição decorre no dia 31, mas «aproveitar a ocasião para transmitir a convicção profunda de que é imperioso alterar a prática corrente».

Comerciantes protestam

Pedro Feist contra Pedro Feist na polémica dos anúncios

A recente deliberação do executivo camarário, ao aumentar as tarifas dos anúncios luminosos, conseguiu pôr em polvorosa os comerciantes de Lisboa que se viram confrontados, a partir do início do ano, com as novas taxas em vigor.

Os aumentos, de cerca de 5 mil por cento e mesmo de 7 mil por cento, põem cobro a uma situação que se arrasta há 20 anos, de protecção e incentivo da publicidade luminosa. Esta é, pelo menos, a versão da Câmara Municipal de Lisboa, que garante não terem sido actualizadas as tarifas desde 82 e que, através da polémica medida, procura-se agora conter a publicidade desordenada. .

A União das Associações dos Comerciantes do Distrito de Lisboa (UACDL), por seu turno, fala de prepotência do executivo camarário e na possibilidade de muitos comerciantes se verem na necessidade de retirar os anúncios das suas casas, por impossibilidade de pagamento ou até por «révanche».

Uma atitude curiosa, no mínimo, pois o ex-vereador Pedro Feist, até há pouco tempo responsável pelo pelouro municipal que fez vingar a polémica tabela de anúncios luminosos, vai agora substituir Ferreira de Matos na presidência da UACDL.

De registar, a propósito, o facto de a cerimónia de posse do novo executivo camarário, que se realizou às 10 horas da passada segunda-feira, ter sido antecedida, em nove minutos, pela recepção nos Paços do Concelho de telexes de protesto, enviados por aquela união de comerciantes, contra os aumentos das tarifas dos anúncios luminosos...

BOM DIA ANOS 90

14º ANIVERSÁRIO DE o diário

COLISEU DOS RECREIOS
sábado, 27, às 21:00 horas
bilhetes à venda no coliseu
e Rua S.Bernardo,14

PAULO DE CARVALHO-JANITA SALOMÉ
VITORINO-BRIGADA VÍTOR JARA
CELINA PEREIRA
JOÃO AFONSO & SÉRGIO MESTRE
GRUPO DANÇA & DANÇA
FILARMÓNICA DA SOCIEDADE
TIMBRE SEIXALENSE
MARIA DO CÉU GUERRA
ANTÓNIO ASSUNÇÃO
FERNANDA MONTEMOR-ANTÓNIO MONTÊS
LUZIA PARAMÉS-DIOGO DÓRIA
MORAIS E CASTRO

QUOTIDIANO

Contratação colectiva de mal a pior

Os portugueses não precisam que ninguém lhes diga que o dinheiro não chega até ao fim do mês. Mas um estudo da FETESE vem confirmá-lo

Um estudo da FETESE agora publicado veio confirmar o que os trabalhadores portugueses, mesmo aqueles que não têm preparação técnica, há já algum tempo vinham sentindo: durante os três anos de governação de Cavaco Silva as dificuldades na contratação colectiva agravaram-se, e a evolução positiva da economia portuguesa não se traduziu nos seus salários reais.

A contratação colectiva em Portugal sofreu, nos últimos três anos, uma dificuldade crescente tanto no contexto legal, como institucional e económico, apesar da evolução positiva da economia nacional, conclui um estudo da FETESE (Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Escritórios e Serviços), a que o «DL» teve acesso.

E se enquanto foi minoritário o Governo de Cavaco Silva priveligiou a concertação social e manteve uma significativa estabilidade legislativa no domínio laboral, a maioria conseguida para a formação do seu II Governo alterou essa abertura, verificando-se «uma progressiva dificuldade em atingir consensos respeitados e socialmente eficazes no Conselho Permanente de Concertação Social (CPCS) e tiveram lugar relavantes alterações no domínio da legislação laboral», refere o documento em análise.

Ao longo dos anos de 1987, 88 e 89 «manteve-se e acentuaram-se as práticas rotineiras de revisão salarial»: as convenções colectivas de trabalho não refletiram, em regra, nem as alterações dos modos de organizar e dividir o trabalho, nem a tendência recente para o alargamento dos leques salariais que permaneceram, na maioria dos casos, muito inferiores à situação de facto.

Segundo o estudo da FETESE, assitiu-se a uma «estratégia que visa reduzir a influência sindical e potenciar o poder patronal de decidir unilateralmente». Os casos da Administração Pública e da Petrogal são os exemplos mais emblemáticos desta forma de actuar.

Tal «estratégia da desvalorização da dimensão colectiva das relações profissionais» tem conduzido, segundo aquela Federação, a «um aumento da conflitualidade laboral», bem como à redução da capacidade de regulação social e a um retardamento da modernização da economia e das relações de trabalho.

O resumo dos resultados salariais de negociação colectiva nos três anos em análise demonstra isso mesmo: em 1987 o número de contratos foi, percentualmente de 100, os acréscimos salariais simples de 11,8; os anualizados de 11,6 e a variação real de +1,8.

Resultados que nos anos seguintes foram significativamente inferiores: em 1988 aqueles valores foram, respectivamente, de 100; 8,5; 8,5 e a variação real de -0,3 por cento. No ano passado, a percentagem de acréscimo salarial simples foi de 11, anualizado 10,8, ficando-se a variação real em -1,5 por cento.

A contratação colectiva foi, durante este período, afectada por dois tipos de condicionamentos: os de ordem legal e institucional, com destaque para as alterações introduzidas na lei com a aprovação do «pacote laboral», e as de ordem económico-financeiro. Segundo o estudo, se, por um lado, no domínio individual «o enquadramento das relações foi largamente flexibilizado», no domínio colectivo «mantiveram-se praticamente todas as restrições legais».

Entre as várias críticas que são apontadas destaca-se a preponderência do Estado no sistema de dirimição de conflitos emergentes da celebração de convenções colectivas, apesar de recomendação contrária da OIT.

Assim, as principais características ao condicionamento legal da contratação colectiva foram a desrregulamentação das relações individuais de trabalho e a manutenção das restrições à participação e à negociação colectiva.

Do ponto de vista institucional, o triénio caraterizou-se «pela criação e frustração das expectativas associadas à actividade do CPCS», já existentes antes daquele período.

.No que se refere aos condicionalismos económico-financeiros, dois indicadores são relevantes para a contratação colectiva: a inflação e o desemprego. Também neste domínio a política do Governo sofreu uma reviravolta: se em 1987 se verificou «um crescimento sustentado do investimento e do emprego e a redução da inflação» e até meados do ano seguinte a prioridade do Executivo ia para a redução da inflação, rapidamente o discurso oficial foi alterado quando não conseguiu atingir os seus objectivos: trocou «a prioridade da redução do ritmo de crescimento dos preços pela redução do desemprego».

Segundo a FETESE, tal argumento é falacioso, pois o índice de desconforto social (taxa de inflação + taxa de desemprego) demonstra o contrário: em 1987 o índice foi de 17,9, no ano seguinte reduziu-se para 16,6 mas aumentou, no ano passado, para 18,9. E se em 1987 os ganhos reais dos salários já sofreram uma redução de 3 por cento, nos anos seguintes - para além de se registar o mais baixo número de convenções colectivas publicadas - «a degradação dos salários reais foi crescente».

Elsa Andrade

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

GREVES DOS MAQUINISTAS

1 — O Conselho de Gerência da CP lamenta os problemas que vêm sendo criados aos seus passageiros e outros clientes decorrentes das greves realizadas pelos maquinistas da empresa e tem procurado usar todos os meios legítimos ao seu alcance para os minorar.

2 — No quadro das negociações salariais anuais com todos os sindicatos, iniciadas em Novembro, foi possível chegar a acordo com as organizações sindicais afectas à UGT, na base de um aumento de encargos de cerca de 14%, a que acresceram verbas atribuídas a título de correcção de diversos subsídios.

Com estes montantes a empresa esgotou por completo a sua capacidade negocial e vai proceder às correcções salariais daí decorrentes para todos os trabalhadores, a partir de 1 de Fevereiro de 1990.

Entretanto, o Sindicato dos Maquinistas apresentou-se às negociações sem qualquer proposta, optando antes por realizar uma primeira greve (de 23 a 27 de Outubro) quando já tinha conhecimento de que a negociação ia ter início em 3 de Novembro. O segundo pré-aviso de greve (de 14 a 24 de Novembro) foi recebido na empresa antes da apresentação, pelo Sindicato dos Maquinistas, da sua proposta de negociação, facto que só veio a ocorrer em 10 de Novembro.

A empresa mantém-se aberta para dialogar sobre pontos específicos ainda não negociados, porém, deve notar-se que a proposta apresentada, a ser satisfeita na íntegra, implicaria um acréscimo de encargos com os maquinistas de cerca de 50%.

Quer dizer, durante a negociação os maquinistas mantiveram uma posição de intransigência e de pressão sobre a empresa.

3 — O Sindicato dos Maquinistas reivindica ainda a mudança de escalão salarial, a qual por ter, logicamente, de ser generalizada a todos os trabalhadores da empresa, conduziria a um acréscimo mínimo suplementar de 2,1 milhões de contos, para 1990. A esta reivindicação vem juntar-se a da concessão da reforma aos 55 anos nos exactos termos em que hoje é concedida, para a generalidade dos trabalhadores portugueses, aos 65 anos.

4 — Como é do conhecimento geral, a exploração ferroviária é fortemente deficitária, cabendo ao factor humano cerca de 60% do custo total da produção, pelo que não é de modo algum aceitável o enorme aumento de encargo com o pessoal, exigido sem contrapartidas pelo Sindicato dos Maquinistas, quando é certo que estes trabalhadores já auferem uma retribuição média superior em cerca de 40% à do valor médio da recebida pelos 22 000 trabalhadores da CP.

5 — Neste quadro, e sob pena de serem criadas ainda maiores perturbações na prestação do serviço ferroviário, não pode a empresa ceder à pressão dos cerca de 1400 maquinistas que, baseados no monopólio que consideram exercer na sua área profissional e com absoluta intransigência, continuam a impor graves prejuízos e transtornos a passageiros e outros clientes.

O Conselho de Gerência

23 de Janeiro de 1990

Caminhos de Ferro Portugueses

Acordo viabiliza aulas na Secundária do Barreiro

As aulas recomeçaram ontem na Escola Secundária de Santo António, no Barreiro. A situação, que levou pais e alunos a boicotarem as aulas desde quinta-feira passada, ficou desbloqueada com a reunião realizada terça-feira no Ministério da Educação, entre uma delegação da escola e a adjunta do secretário de Estado Adjunto do ministro, Ana Maria Mendes.

Neste encontro, o Ministério informou que destacava para as funções de pessoal auxiliar três funcionários da secretaria e o guarda-nocturno.

Para José Vasconcelos, presidente da Associação de Pais e líder das conversações com o Ministério, a decisão não é óptima. É uma solução de recurso e provisória, mas que permitiu e assegura a abertura das aulas.

Contudo, um elemento do Conselho Directivo, não se mostrando muito optimista com esta decisão, disse ao «DL» que esta «deve ser mais uma das medidas provisórias definitivas».

QUOTIDIANO

Fronteira do Gerês é a morte do parque

O Ministério do Ambiente ainda não disse uma palavra sobre a absurda iniciativa autárquica...

Ao que parece, está a « cavar-se uma cova» para enterrar o Parque Nacional da Peneda-Gerês, o único do País, já brutalmente atingido, durante o Verão, por um violento incêndio que lhe destruiu parte de um património que levara mais de meio milhar de anos a construir.

Quem o denuncia é a Comissão de Turismo do Verde Minho (aliás, uma entidade habitual e estranhamente silenciosa) num documento enviado ao Presidente da República e ao primeiro-ministro.

O problema é a anunciada abertura, por iniciativa unilateral da Câmara Municipal de Terras de Bouro, da fronteira da Portela do Homem, ou seja, a abertura de uma estrada internacional dentro das fronteiras «sagradas» de um parque nacional, onde tudo deveria ser submetido a interesses puramente ecológicos. A Portela do Homem é um «santuário» pela sua *acrópole* de marcos miliários romanos, destroçados pela incúria ou a insensatez, o bosque de teixos (quase inexistentes no resto do País), os vestígios da estrada romana que ligava Brachara Augusta a Astorga, a velha *geira* dos conquistadores do Lácio, pelo viveiro de trutas que promete reparecer. No documento enviado aos Presidentes da República e do Conselho de Ministros, a Comissão de Turismo do Verde Minho assegura que «a abertura permanente da fronteira da Portela do Homem representa o princípio do fim» para o Parque da Peneda-Gerês. De acordo com o texto divulgado, a zona da Portela do Homem é a «mais sensível» do parque, pelo que a abertura de uma fronteira permanente no local, «com as perspectivas de degradação acelerada que se adivinham, representa o princípio do fim».

A abertura permanente daquela fronteira representaria «um crime» que terá de ser corrigido «sob o perigo de não nos libertarmos, internacionalmente, do labéu de subdesenvolvidos».

A comissão sublinha que «o Parque Nacional Peneda-Gerês poderá constituir a mais forte motivação turística do Norte de Portugal se se souber preservar a totalidade do património existente» e reclama urgentes «providências».

A intenção de abrir permanentemente a fronteira da Portela do Homem tem sido uma velha e absurda aspiração do repetidamente reeleito presidente da Câmara de Terras de Bouro, agora tornada pública como definitiva. Até agora, serviu apenas para causar danos irreparáveis nos marcos miliários romanos, sem a contrapartida da valorização de um posto fronteiriço que nunca serviu (e nunca servirá) mais do que em períodos de festejos religiosos que dizem respeito tanto a minhotos como a galegos e nunca para um mais que indesejável prolongado trânsito de veículos através de uma área onde se espera que proliferem e vivam em liberdade as fauna e a flora naturais.

Roby Amorim

Funeral do outro mundo

Milagre ou obra do diabo, questionavam-se. Ninguém sabia responder, muito menos Fernando Cardoso, que esse já nem podia falar mesmo que quisesse. Mas que aquilo era coisa do outro mundo, ninguém parecia duvidar.

O padre abandonou o cemitério depois de ter encomendado a alma de Fernando e, entre suspiros e lágrimas, familia e amigos despediram-se do *João do Grão*, como carinhosamente lhe chamavam. A urna repousava em cima do tripé e o coveiro ultimava já o caixão, prestes a baixar à terra. Ao lado, uma outra sepultura acabada de abrir fazia adivinhar um outro defunto que aguardava apenas o fim do enterro de *João* para «entrar na cova ao lado».

De repente, o carro negro faz-se grande, enorme, avança para eles, ladeira abaixo, em grande velocidade. O coveiro, atarefado a cumprir o seu triste dever, não consegue escapar. Nem a viúva e um dos filhos de *João*, mais umas quantas pessoas que rodeavam o caixão, tiveram tempo para fugir a tão inesperada ameaça. O carro embateu na urna, o caixão «deu uma cambalhota com a cabeceira», depois outra, partiu-se e o corpo de *João* saltou, como se vivo estivesse. Um banho de cal inundou tudo e todos, incapazes muitos deles de arredar pé, perante o insólito acontecimento.

«Aquilo foi um pandemónio. Pessoas caídas, outras baldeadas pelos muros, tudo a fugir» contava Ernesto, ainda mal refeito do susto.«Foi um milagre, acredite. O carro desgovernado, por ali abaixo. Se não fôsse toda aquela massa humana a amortecer o embate, podia ter sido bem pior. Foi milagre, foi milagre», não se cansava de repetir Ernesto, que «ainda levou uma cacetada» e escapou, por pouco, a que o carro lhe passasse por cima. O coveiro, com menos sorte, foi esborrachado contra o tripé da urna, partiu as pernas e seguiu para o hospital. Mais seis pessoas receberam assistência por ferimentos ligeiros e o funeral prosseguiu, logo que *João* foi, de novo, metido no caixão, agora martelado e pregado por tudo quanto é sítio.

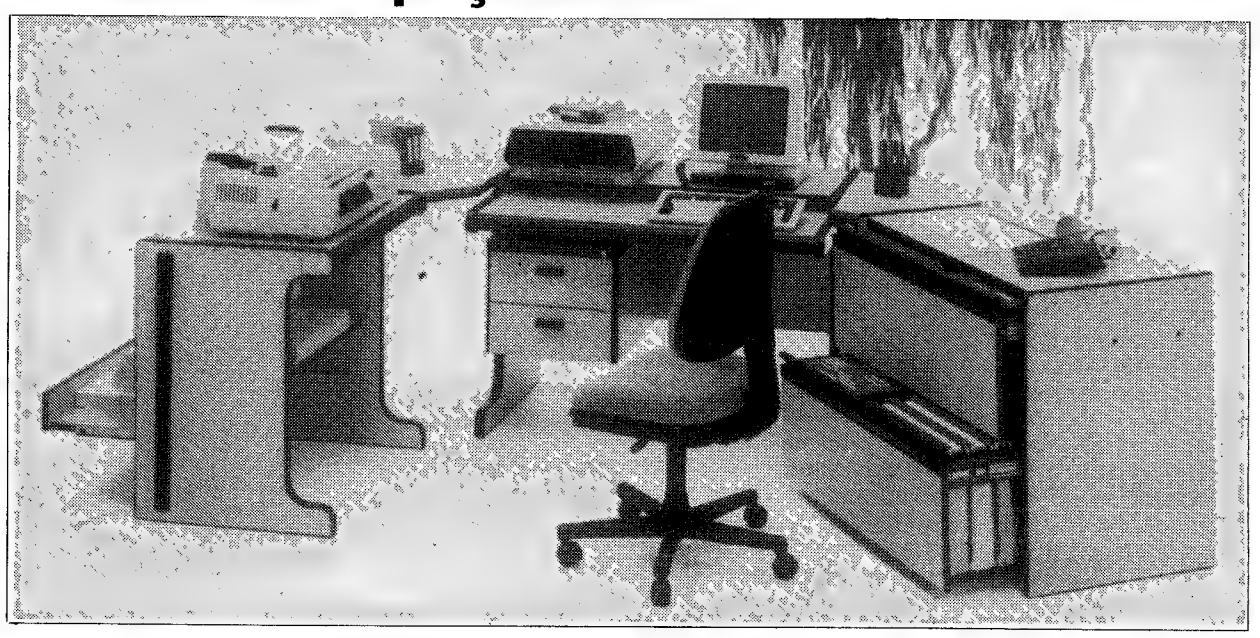
«O motorista do carro funerário estava branco como a cal, quando saiu» e disse apenas que, em 43 anos de profissão, nunca nada semelhante lhe tinha acontecido. Mas os amigos de *João* não perdoam, que ele não estava era no seu juízo perfeito, talvez com mais um copito... Que outro se lembraria de descer a ladeira com o carro desengatado, logo uma viatura de servo-freio, que se sabe não tem travões com o motor desligado? E com os pneus do carro totalmente carecas... Motorista ou carro - quem sabe mesmo os dois - não estavam em condições para «um acto deste género». Que diabo, «uma pessoa paga o enterro, bem pago, tem direito a ser mais bem tratado. Mas as agências estão-se nas tintas, querem é facturar», dizia, por seu turno, António, outro dos muitos amigos do *João*. E sé facturam, numa altura em que os funerais estão pela hora da morte!

Emília Trindade

maquirema

Soc. Importadora e Revendedora de Máquinas, Ld.ª

Um espaço no seu escritório



GABINETES ADMINISTRAÇÃO E DIRECÇÃO

SECRETARIADO EXPEDIENTE GERAL

INFORMÁTICA

BIOMBOS

RECEPÇÕES

DE LA OLIVA

CADEIRAS ANATÓMICAS

ARMÁRIOS

SALAS REUNIÕES

EN MUEBLES DE OFICINA TODO

EQUIPAMIENTO DE EQUIPOS PARA OFICINA

porta mobiliario

A REDACÇÃO DO DL FOI EQUIPADA COM maquirema

Escritório — Exposição — Vendas e Armazém

Quinta da Figueira — Lt. A Lj A/5 — Venda Nova — 2700 Amadora

Telef: 4744652 — 4745074 — Telex 63509 — Fax: 4740561

Venda de Consumíveis —/ Centro de Cópia.

Praça Olegário Mariano, 2-B — 1100 Lisboa — Telex — 824707

Estamos na FILEME Pavilhão 5

Venha visitar-nos no Stand 512

A Área Metropolitana do Porto vai ser uma realidade. Fernando Gomes, novo presidente da Câmara,em entrevista ao DL, considera que só uma gestão integrada com os concelhos limítrofes poderá resolver os problemas das populações, racionalizar meios e potenciar soluções. Para que não se projectem pontes e na outra margem não existam vias de comunicação para lhes dar saída, nem se cometam outros erros de ordenamento igualmente bizarros

Fernando Gomes promete mudar tudo no Porto

O PS terminou, como vencedor, o cerco do Porto. Às Câmaras dos concelhos limítrofes, que já detinha, juntou agora a da segunda maior cidade do País. De Estrasburgo, Fernando Gomes passa para a gestão autárquica, com a visão europeia dos problemas e a dinâmica nortenha de os enfrentar. Herda uma cidade explosiva no seu desenvolvimento e nas suas potencialidades económicas, mas caótica no trânsito, no urbanismo, nas infraestruturas, no ordenamento.

Mas está pronto para um desafio para o qual não limitou o horizonte de tempo. Já se declarou mesmo como o próximo candidato à Câmara Municipal do Porto.

Também não está contente com a Federação distrital do seu partido. Entende que existe uma situação nova, que ela deve ser reformulada e ter muito maior peso a nível nacional, não só pela importância da região, mas em consequência dos resultados das últimas eleições autárquicas.

P - *Como se sente um deputado europeu que deixa a política a esse nível, para fazer gestão autárquica, portanto de nível regional?*

R - O deputado europeu sente-se bem porque é uma opção que não tem nada de negativo. Penso que os níveis de actuação política são completamente diferentes.

A grande virtude do Parlamento Europeu é a possibilidade que temos do conhecimento antecipado de muitos fenómenos políticos, económicos e até sociais, que se passam no mundo. O Parlamento Europeu começa a discutir as coisas muito antes delas se tornarem do domínio público.

Essa capacidade de antecipação dos fenómenos políticos internacionais perde-se um pouco quando nos quedamos na gestão autárquica, sobretudo num concelho que tem os problemas que o Porto tem.

Por outro lado, ganha-se uma outra coisa: a possibilidade de praticar a política e não assistir apenas como agente passivo a muitos dos fenómenos políticos que se passam por essa Europa fora.

Penso, também, que, face à tudo aquilo que o Porto tem ainda para fazer, o desafio é suficientemente aliciante para que não sinta que perdi alguma coisa, mas que ganhei com esta transferência.

P - *O facto de ter estado todo este tempo no Parlamento Europeu proporcionou-lhe um determinadao tipo de experiência. Pensa que ela pode ser aplicada na actividade autárquica?*

R - Sem dúvida alguma. Em primeiro lugar porque muito do desenvolvimento do nosso País passa pelos investimentos e pelas ajudas comunitárias. Ter um conhecimento profundo dos mecanismos, por um lado, e por outro conhecer as pessoas, são duas condições que, à partida, me permitirão utilizar, com maior facilidade que a grande maioria dos meus colegas presidentes de câmaras, esta abertura que a Comunidade Europeia representa para nós todos. Desde logo é uma vantagem o facto de ser deputado europeu.

Por outro lado, ainda, isso deu-me um nível de relacionamento internacional, sobretudo europeu, que poderá permitir que o Porto venha a ter a dimensão que o País deseja e que a região pretende, mas que até agora não tem sido conseguida.

Aposta na alternativa

P - *As últimas eleições autárquicas deram resultados altamente positivos para o Partido Socialista. Mas há quem pergunte se foi o PS que as ganhou ou o PSD que as perdeu. Qual a sua opinião?*

R - Penso que foi o PS que ganhou as eleições. Se não houvesse um discurso claro por parte do PS, se o PS não tivesse aparecido ao longo deste período como a grande alternativa, ter-se-ia dado, provavelmente, apenas uma penalização do PSD em termos exclusivos de abstenção, sem que isso representasse uma aumento de votos do PS.

Ora, o que se verificou no País - mas falo apenas especialmente do Porto - é que o número de votos do PS relativamente às últimas eleições autárquicas, subiu substancialmente, o que representa muito mais uma aposta na alternativa do que uma penalização.

O que não quer dizer, evidentemente, que no meio disto não haja também uma penalização do PSD na cidade do Porto. Não propriamente do PSD a nível nacional, mas com certeza uma penalização enquanto gestores que há 10 anos estão na cidade do Porto e pouco ou nada fizeram por ela.

P - *Já fez o inventário da herança que recebe na cidade do Porto?*

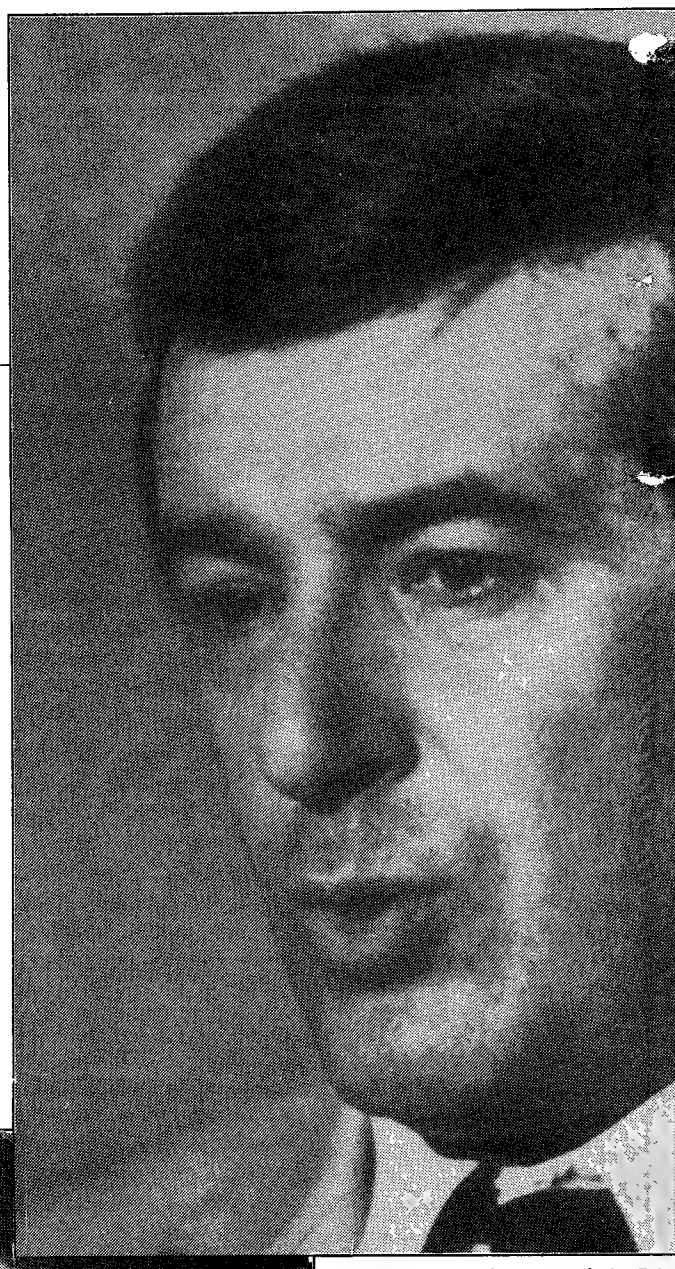
R - Já. Aliás não aceitaria ter sido candidato sem o ter feito antecipadamente. Foi a primeira coisa que fiz. Primeiro em linhas muito gerais e, depois, em linhas muito pormenorizadas, que me permitissem chegar à campanha eleitoral e poder discutir todos os problemas da cidade com propostas concretas.

Aquilo que se passou aqui, no Porto, foi que o Partido Socialista apareceu com um discurso claro e nítido. Disse qual era a solução para cada um dos problemas da cidade. Apareceu como uma verdadeira alternativa. Não apareceu a dizer «estes indivíduos não prestam». Disse, estes indivíduos não prestam, por isto, e as soluções são estas.

Conheço, portanto, todos os problemas da cidade em pormenor.

P - *O que é que vai mudar no Porto?*

R - Quase que lhe diria, sem querer parecer pretencioso, que vai mudar tudo. Desde o estilo dos políticos, uma vez que os representantes das populações nas autarquias nunca foram representantes das populações. Foram-no apenas durante a campanha eleitoral. Depois, fecharam-se naqueles maravilhosos muros de granito e viveram de costas voltadas para a cidade.



«Nunca pus em causa ganhar as eleições, mas sim que o PS pudesse ser a força mais votada»

Os conflitos foram muitos, a ligação entre a população e os autarcas foi reduzidíssima. Vai haver um posicionamento completamente diferente. Não concebo que quem está na vida pública não esteja ao serviço de alguém.

Os autarcas que acabam de ser eleitos na cidade do Porto para dirigirem a cidade são parte integrante da população e são aqueles que a população do Porto escolheu para os representar. Não são alguém que, por direito de sangue ou por graça divina, aparece colocado na Câmara do Porto.

São parte integrante da cidade, são população da cidade, que os cidadãos portuenses escolheram para defender os seus interesses. Portanto, não faz sentido que não haja uma ligação profunda, que a Câmara não seja transparente e que os munícipes não tenham acesso ao executivo municipal. Logo,

«O secretário-geral do PS

um posicionamento diferente daquele que tem acontecido até aqui. Depois, a forma de encarar os problemas da cidade.

Pensamos que não é com afrontamentos que se resolvem os problemas. Como também pensamos, por outro lado, que há que dar à gestão da cidade uma componente de rentabilização dos benefícios que ela pode vir a receber em prol das suas populações, nomeadamente das mais carenciadas, daquelas que têm tido menos facilidades.

Ainda em termos de gestão, julgo que tem havido muito pouco pragmatismo e uma falta de sentido empresarial na gestão da cidade.

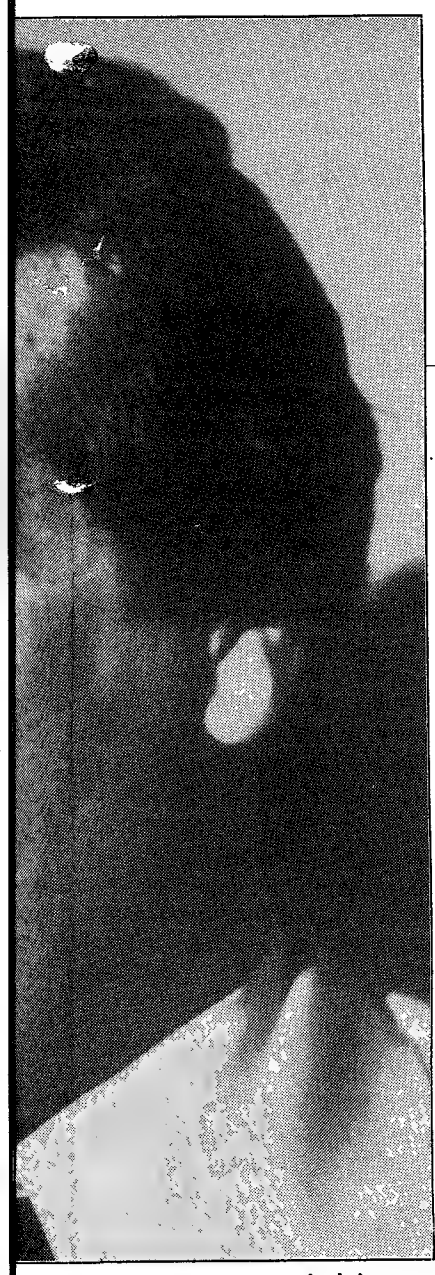
Digamos que tudo se faz por acaso, as decisões do município não são decisões pela positiva. Têm sido muito mais para contrariar algum tipo de situações, do que propriamente para dizer nós vamos fazer.

Daí, e voltando ao princípio, o que está em causa é um novo posicionamento face aos cidadãos.

Uma gestão integrada

P - *Durante bastantes anos, duas Câmaras importantes desta região - Porto e Matosinhos - tiveram presidente de partidos diferentes. Na primeira, um*

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



do PS ganhou em dois tabuleiros»

«Pensamos que não é com afrontamentos que se resolvem os problemas»

erente
tecido
ma de
s da

é com
se
Como
outro
gestão
nente
ben-
vir a
suas
mente
aque-
facili-

e ges-
avido
smo e
mpre-
ade.
se faz
es do
cisões
muito
lgum
que
er nós

ncípio,
é um
ce aos

a
anos,
s desta
nhos -
rtidos
, um

INA

social-democrata e na segunda um socialista. Por razões de espaço, o Porto está relativamente limitado na sua expansão industrial, enquanto Matosinhos pode crescer porque tem outras facilidades nesse aspecto. O facto das duas cidades terem agora presidentes de Câmaras do mesmo partido, poderá provocar um aproveitamento de sinergias, no âmbito de uma gestão integrada?

R - Sem dúvida nenhuma. Não só Matosinhos, mas Vila Nova de Gaia, Valongo, Gondomar, Vila do Conde, são concelhos que estão à volta do Porto e que passam a ser socialistas. Nomeadamente Vila Nova de Gaia, que não o era. Passamos a ter um conjunto de Câmaras que garantem, de alguma forma, um conjunto de perspectivas que, do ponto de vista político, irão muito mais no mesmo sentido do que vinham até aqui.

Durante a campanha eleitoral fizémos uma profissão de fé tornada pública através de um documento, que foi a formalização da área metropolitana do Porto. Já depois das eleições reunimos os presidentes de Câmaras eleitos dos vários concelhos que compõem a área metropolitana, menos a Maia, mas cujo presidente sei que está interessadíssimo na área metropolitana - no sentido de reafirmarmos a necessidade de a formalizar.

Remodelação tirou fôlego ao Governo

P - *Um mês depois das eleições que leitura faz dos resultados? Que novas responsabilidades advêm para o Partido Socialista?*

R - É evidente que os resultados eleitorais já tiveram as suas consequências no País, muito mais rapidamente do que aquilo que eu pensava.

A consequência imediata é tão pública e notória que é indisfarçável. O partido anteriormente maioritário - o PSD - ficou nervoso, perdeu a cabeça e o primeiro ministro fez uma remodelação ministerial que, em vez de dar mais fôlego ao Governo lho tirou, tal foi a precipitação com que foi feita.

Isto foi logo a primeira grande consequência. Por outro lado, o Partido Socialista vê reafirmado o seu discurso, ou seja, que a política económica do Governo não tinha sentido, que as condições extremamente favoráveis de que o País estava a disfrutar não estavam a ser rentabilizadas em termos de Governo, que a política social não estava correcta e cada vez mais se afirma o Partido Socialista como alternativa, dentro da perspectiva de que o discurso socialista passou. Trata-se de premiar o Partido Socialista, por alternativa a um Governo que não soube rentabilizar as condições excepcionais de que o país tem gozado nestes últimos anos. As consequências próximas para o Partido Socialista serão, necessariamente, a antecipação do Congresso que, como se sabe, vai ser em Maio próximo, e a reformulação dos seus dirigentes como tudo leva a crer. O Congresso o dirá, mas penso que isto não pode deixar de ter consequências internas no Partido Socialista, uma vez que há um grande conjunto de novos dados que permitem concluir que o Partido Socialista é hoje, geograficamente, o partido mais bem implantado no País. Veja-se Braga, por exemplo, onde hoje dispomos de Câmaras e de uma votação importante no Partido Socialista e, de um modo geral, em todas as regiões do País, mesmo naquelas que tradicionalmente eram feudos de partidos mais à direita.

P - *Como dirigente esperava que, globalmente, o Partido Socialista subisse tão rapidamente ao terreno da disputa do poder?*

R - Mentir-lhe-ia se dissesse que pensava que o Partido Socialista ia ser o partido mais votado no País. Tinha firmes expectativas de uma grande subida mas, francamente, pensei que o PS, a nível nacional, não viesse a ser aquele que ganhava as eleições globalmente. Nunca pus em causa ganhar o Porto. Sempre pensei que ganharia a cidade do Porto, mas exactamente pelo tipo de gestão que aqui tinha sido feita. Era preciso que os cidadãos portuenses fossem muito cegos, para continuarem a apostar numa situação que trouxe tremendos inconvenientes e graves prejuízos à cidade.

Nunca pus em causa que pudesse ganhar as eleições, mas pus em causa, sim, que o PS pudesse ser a força mais votada. Não pensei isso e, para mim, foi realmente uma surpresa.

Jorge Sampaio foi o grande vencedor

P - *A aproximação do poder vai unir os socialistas, embora sem prejuízo das sensibilidades que existam? Os socialistas serão agora capazes de distinguir o essencial, sem o risco de disputas internas que afectem a coesão partidária?*

R - Penso que os socialistas há muito tempo que têm sabido distinguir o que é essencial. E se é verdade que houve no seio do PS algumas discussões mais acesas nos últimos tempos, que não foram já no último Congresso, isto tem muito a ver com o facto do seu líder histórico e fundador, Mário Soares, ter partido para a Presidência da República sem que houvesse um líder natural que o pudesse substituir.

Houve uma discussão aberta e pública, toda a gente soube o que se passou no PS. Não há ninguém que não saiba todos os pormenores, tudo o que se passou no PS nos três Congressos que se seguiram à eleição de Mário Soares para Presidente da República. Mas hoje a liderança está consolidada e penso que o grande ganhador destas eleições autárquicas foi Jorge Sampaio.

O secretário-geral do PS ganhou em dois tabuleiros. Ganhou a Câmara de Lisboa através de uma disputa empenhada, que prova que ele é realmente um homem de luta no terreno e, por outro lado, um grande líder nacional, uma vez que o discurso de Jorge Sampaio colheu em todo o País

É indiscutível que, muito do que se passou a nível das nossas eleições autárquicas se deve à candidatura de Jorge Sampaio à Câmara de Lisboa.

O facto do secretário-geral do partido se ter candidatado à maior Câmara do País, levou a que muitos socialistas se tenham disponibilizado para concorrer a Câmaras, o que, em condições normais, não teria acontecido.

O facto do secretário-geral ter assumido esse risco - como nunca aconteceu no PS - prestigia estas eleições autárquicas. E por essa razão Jorge Sampaio é o grande vencedor destas eleições.

P - *Que diferenças vê entre a gestão autárquica nos outros países da Comunidade e a gestão autárquica em Portugal?*

R - Desde logo uma questão de poderes e competências. Em Portugal, mais do que em qualquer outro país europeu, o tipo de poderes atribuídos ao executivo municipal é maior e, portanto, a responsabilidade também é maior.

Se tivéssemos que escolher nos países comunitários dois modelos, diria que aquele em que o presidente e o executivo têm uma actuação mais responsabilizada, com maiores competências, é em Portugal, e aquele em que tem menos competências e tem menos responsabilidades do ponto de vista da direcção executiva do município é a França. O presidente de câmara francês é muito mais simbólico e político, enquanto o autarca português é político mas também o chefe do executivo, aquele em quem assentam todas as responsabilidades. Depois, penso que, ao nível da distribuição dos meios financeiros, na maior parte dos outros países há maiores atribuições do que em Portugal.

Ainda estamos numa fase de transição e julgo que é importante passarmos à fase seguinte, ou seja, àquela em que os municípios estarão menos dependentes do poder central. Em termos financeiros, os municípios portugueses estão ainda demasiado dependentes da administração central, o que não acontece na maioria dos países europeus.

Augusto Vilela

O PRAZER
DE VIVER A LIBERDADE

PERTO DO PALÁCIO DE QUELUZ
Lotes 18 e 19 na Cidade Desportiva/Massamá
Construímos e vendemos 3, 4 e 5 assoalhadas com financiamento garantido
Construímos obras públicas e particulares

GC Gestão e Coordenação SA
R. NOVA DA TRINDADE, 1, 2.º Dt.º – 1200 LISBOA – TELEF.: 346 06 18/9

ECONOMIA

Viabilização dos CTT passa por «*holding*»

Os CTT, Correios e Telecomunicações de Portugal, vão propor ao Governo, até ao final deste mês, a criação de uma sociedade «*holding*» denominada CTT, SA, cujo objectivo prioritário é a consolidação financeira da empresa. A administração dos CTT pretende preparar a empresa para a abertura à concorrência, interna e externa, decorrente da legislação já aprovada e das directivas comunitárias.

Aquela empresa aposta na expansão dos serviços básicos de telecomunições, bem como na consolidação dos serviços de valor acrescentado e na evolução qualitativa das redes básicas. Segundo Silva Marques, presidente dos CTT, vão ser lançados este ano o Telepoint e o MHS-Correio Electrónico, além da «*banalização*» do Videotex, do Telemóvel e do Paging, que entraram em funcionamento em 1989 e ainda do serviço público de Videoconferência, lançado já em 1990.

No domínio da organização, a estratégia dos CTT passa pela mudança de toda a filosofia de atendimento de clientes e de gestão da rede, através da informatização dos processos.

Um milhão para formar jovens quadros

Um milhão e 100 mil contos vão ser aplicados este ano na formação de 1080 jovens quadros médios e superiores, no âmbito do programa Formação e Integração de Quadros (FIQ-90), que é subsidiado em 65 por cento pelo Fundo Social Europeu.

O desenvolvimento deste programa é da responsabilidade do Instituto do Emprego e Formação Profissional e conta com o apoio da Secretaria de Estado do sector, que o define e regulamenta.

O secretário de Estado do Emprego, Bagão Félix, no despacho que determina o arranque do programa para este ano, refere que ele surge como uma «*resposta às dificuldades encontradas pelos recém-diplomados na procura e integração em postos de trabalho adequados à sua preparação académica*». Por outro lado, visa igualmente apoiar as empresas no recrutamento de quadros qualificados e ajustados às necessidades de desenvolvimento organizacional e técnico, com o consequente aumento de qualidade e produtividade.

O FIQ-90 destina-se a jovens com menos de 25 anos, à procura do primeiro emprego, ou menos de 33 se desempregados há mais de 12 meses. Para quadros superiores é necessário possuir licenciatura, bacharelato ou equivalente, para os médios cursos técnico-profissionais, 11º ou 12º anos da escolaridade.

Setenave: Governo não teme ratificação parlamentar

Ministério da Indústria garante que a concessão da exploração à Solisnor respeita a lei

Da parte do Ministério da Indústria e Energia não há qualquer problema em discutir a atribuição à Solisnor da exploração da Setenave, garantiu fonte ministerial ao "DL" na sequência do pedido de ratificação parlamentar apresentado pelo PS, que noticiámos em anterior edição. Se bem que aceite que «*a interpretação jurídica pode ser discutível*», este responsável adiantou que «*quer a Setenave, quer a Solisnor, têm pareceres de professores de Direito, que suportam a constitucionalidade do contrato celebrado entre a Solisnor e a Setenave*».

Em causa está, por um lado, a privatização da gestão desta empresa, que se seguiu à da Companhia Nacional de Petroquímica (CNP), e, em particular, o decorrente do artigo 85º da Constituição, cujo número 1 estipula que «*a reprivatização da titularidade ou do direito de exploração de meios de produção e outros bens nacionalizados depois do 25 de Abril de 1974 só poderá efectuar-se nos termos de lei-quadro aprovada por maioria absoluta dos Deputados em efectividade de funções*».

A alegada inconstitucionalidade de que sofrerá a concessão da exploração da Setenave é contrariada pela mesma fonte, que pormenoriza: «*é importante referir que este contrato, tal como o da CNP, começou a ser discutido e acordado antes da entrada em vigor da Constituição revista. Só por razões burocráticas foi assinado em Dezembro. A sua base é a lei 46/77, a de delimitação de sectores*».

Por outro lado, José Simões, dirigente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Afins (SIMA), disse ao "DL" que este problema tinha sido levantado durante a negociação do caderno reivindicativo da empresa e que lhe tinha sido garantido que estava enquadrado na lei. Contudo, manifestou o seu convencimento de que este acordo permite a salvaguarda dos postos de trabalho.

Registe-se, por fim, que o facto da CNP ter tido o seu contrato assinado antes da vigência da actual Constituição salvaguarda-a, segundo as nossas informações, de eventuais pedidos de ratificação parlamentar. Em todo o caso, o que está em causa ultrapassa a "mera" e alegada inconstitucionalidade para se situar no plano mais vasto da política governamental de privatizações.

Fidélio Guerreiro quer gestão global para Setúbal

Um parque de exposições para a região de Setúbal

Setúbal vai ter um pavilhão de exposições de actividades económicas, revelou Fidélio Guerreiro, presidente do Núcleo Empresarial da Região de Setúbal (NERSET), ao falar na apresentação da terceira edição da feira empresarial daquele distrito, a FERSET.

A candidatura aos fundos do PEDIP já foi apresentada e espera-se que a obra esteja concluída no ano de 1992. De momento, há duas hipóteses de localização: na Camarinha e no parque da SAPEC. A primeira é mais consistente.

Este pavilhão surge como reflexo da necessidade de consolidação da feira empresarial do distrito. A Câmara Municipal de Setúbal deverá colaborar na sua construção, referiu Fidélio Guerreiro.

Marcada para a semana de 18 a 24 de Maio próximo, a feira terá lugar no Parque das Escolas. Para os promotores, é «*um elemento catalizador do desenvolvimento empresarial da região de Setúbal*». O presidente do NERSET afirma que o certame «*passou a constituir uma acção estratégica do processo de desenvolvimento económico da região*».

Visão global

Fidélio Guerreiro disse, na altura, que «*a ausência da gestão global do desenvolvimento económico da península de Setúbal poderá ter consequências graves, permitindo a existência de desequilíbrios e bloqueamentos ou, até mesmo, anular grande parte das expectativas geradas*».

Este dirigente empresarial referia-se, em particular, aos efeitos dos investimentos realizados nos últimos anos na região, de que se destacam, pelos seus montantes, os da General Motors, Ford e Valmet, e dos previstos, de que se salienta o parque da SAPEC, orçado em 100 milhões de contos.

A situação levou-o, de resto, a exigir «*o imediato funcionamento*» do Conselho Coordenador e da Comissão de Acompanhamento da OID, para que não se perca a motivação dos agentes locais. «*Pensamos que as responsabilidades destes órgãos e, em particular, da sua comissão executiva, deviam ser alargadas à gestão do desenvolvimento económico da península, de modo a compatibilizar a explosão no investimento com todo o seu impacto*».

Público desconhece problema energético

Os portugueses consideram-se mal informados sobre os problemas de energia. Esta é uma das conclusões de um inquérito à opinião pública efectuado recentemente pela Comissão Nacional Portuguesa da Conferência Mundial da Energia.

Esta e outras conclusões foram apresentadas num colóquio-debate sobre «*A Energia e o Público*» que decorre nas instalações do LNEC, Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Ana Xavier, membro daquela Conferência Mundial e uma das responsáveis pelo referido inquérito, em declarações ao DL, disse que os inquiridos consideravam a cintura industrial de Lisboa a «*maior culpada da poluição do meio ambiente*», e que os produtos energéticos mais poluentes são o carvão e o petróleo.

Nesse mesmo inquérito feito a 2.343 pessoas com mais de 18 anos, conclui-se que «*o Governo devia patrocinar campanhas de informação sobre a poupança e a racionalização*».

Ana Xavier acrescentou que houve homogeneidade nas respostas a nível nacional, «*não se sentindo as diferenças entre norte e sul e litoral e interior*»

O colóquio, iniciado com a presença do ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, debateu temas como a produção descentralizada e a política de utilização racional de energia, sendo a componente mais importante das intervenções a relação da energia com os consumidores.

Este colóquio encerra hoje com uma intervenção do secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$20	55$20
ALEMANHA FED. (marco)	87$15	88$35
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	3$974	4$224
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$90	126$40
(notas de 5 a 1000)	124$40	126$90
DINAMARCA (coroa)	22$50	22$90
ESPANHA (peseta)	1$309	1$429
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$95	150$45
(notas de 5 a 1000)	147$45	150$95
FINLÂNDIA (marka)	36$90	37$50
FRANÇA (franco)	25$65	26$35
HOLANDA (florim)	77$30	78$40
IRLANDA (libra)	231$55	235$55
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$971	1$026
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	244$35	248$85
SUÉCIA (coroa)	23$85	24$35
SUÍÇA (franco)	98$35	99$85
VENEZUELA (bolívar)	3$248	4$048

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA

Fantasporto 90

Nove antestreias com Disney em pano de fundo de 1 a 11 de Fevereiro

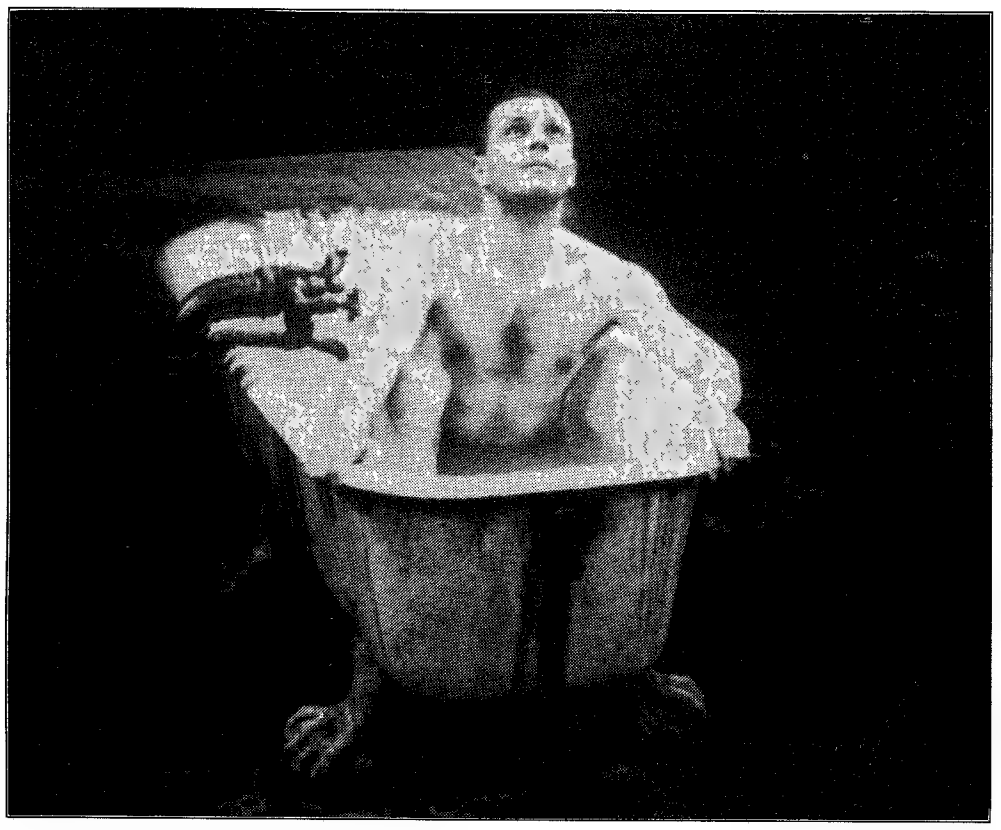
Três antestreias mundiais, seis europeias e uma retrospectiva de Walt Disney são os pontos fortes da X Edição do Fantasporto - segundo foi anunciado por Mário Dorminski, director do Festival.

«Living Doll», de Peter Litten e George Douglas (Grã-Bretanha), «Leatherface», de Dwing Little (EUA), «The Rift», de Juan Piquer Simon (também dos EUA), constituem as antestreias mundiais presentes no certame, que decorre entre 1 e 11 de Fevereiro no Auditório Nacional Carlos Aberto e Cinema Lumière.

No campo das antestreias europeias, destacam-se as obras cinematográficas de autores americanos: «Robojox», de Stuart Gordon, «Ghost Town, de Richard Governor, «Clownhouse», de Victor Salva, «House 3», de James Isaac, «Black Rainbow», de Mike Hodges e «Dead Heat», de Mark Coldblatt.

«Este é o melhor Fantasporto de sempre» - disse Mário Dorminski, para quem o Festival apresenta um programa «diversificado», desde o género do fantástico e imaginário até à investigação científica , passando ainda pelo policial e banda desenhada.

«Todos os filmes apresentados a concurso e na secção oficial são inéditos em Portugal e a maior parte da produção extremamente recente» - acresentou.



«A Banheira»

Retrospectiva Disney

Outro dos acontecimentos mais marcantes da presente edição do Fantasporto é a retrospectiva dedicada a Walt Disney., cuja organização vai editar um volume monográfico inteiramente dedicado a este mago do cinema de animação.

Neste campo da banda desenhada serão exibidas algumas das obras-primas clássicas dos Estúdios Disney - como é o caso de «Branca de Neve», «101 Dálmatas», «Dumbo», «Alice no País das Maravilhas» e «Pinóquio».

Outras obras posteriores á morte de Disney,vão estar patentes no Festival, nomeadamente «Taran e o Caldeirão Mágico» e «Os Quatro Cachorrinhos».

De acordo com Mário Dorminski, o especial destaque desta retrospectiva está na exibição de «Quem matou Roger Rabbit» e da curta metragem «Tummy Trouble».

Secção competitiva

No campo da secção oficial competitiva (longas metragens), merece especial destaque o filme checo «Big Money», de Vit Olmer sobre a problemática da *Perestroyka*.

Referência ainda para as obras «La Vouivre», de Georges Wilson, «Lost in Amsterdam», de Pim de La Parra (Holanda), «La Nayera», de Jesus Garay (Catalunha) e «Alchemik», de Koprowicz (Polónia).

Uma retrospectiva dedicada a Serguei Paradzanov e outra à empresa produtora norte-american *Trompa* completam a programação do certame.

Presenças no Porto

Um dos pontos que irá marcar o Festival deve-se ainda à presença de alguns realizadores e artistas no Porto, entre os quais George Wilson, Lisa Gaye, Serguei Paradzhanov, Ricardo Figueras e Mike Hodges.

Paralelamente ao certame vai decorrer uma exposição de serigrafia composta por cinco obras plásticas com o apoio da Cooperativa Árvore.

A programação do Fantasporto apresenta este ano «uma grande qualidade cinematográfica», segundo Dorminski, tal se devendo ao patrocínio (7500 contos) de uma conhecida empresa industrial.

Organizado pela Cinema Novo, o Festival - orçado em cerca de 25 mil contos - conta ainda com apoios de organismos públicos e privados, nomeadamente a SEC, Instituto Português do Cinema, Câmara Municipal do Porto, Direcção - Geral de Turismo, Instituto da Juventude e Fundação Calouste Gulbenkian.

O Comité de Honra do Fantasporto é presidido pelo Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, sendo de destacar ainda os nomes do ministro adjunto e da Juventude, Couto dos Santos, secretário de estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, e Luís de Matos, presidente do Instituto Português do Cinema.

CEE financia recuperação do património

A Comissão das Comunidades Europeias vai financiar um estudo para a recuperação do património de Lisboa no montante de 100 mil Ecus, mais de 17 mil contos. Segundo declarações de Isabel Mota, secretária de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, tal estudo visará «a elaboração, durante 1990, de um plano estratégico para a conservação e valorização do património arquitectónico e urbanístico de Lisboa, reconhecido como único no mundo e ponto de referência na herança cultural da Europa».

O plano em questão, para além de definir o tipo e o quadro institucional das acções a promover, deverá também permitir enquadrar a acção dos diversos agentes interessados na renovação arquitectónica da capital portuguesa e, nomeadamente, da participação do sector privado. «Tratar-se-á, essencialmente, de estabelecer uma articulação dinâmica e participada entre a conservação do património arquitectónico e urbanístico e a conservação e intensificação da vida cultural da cidade, potenciando as condições únicas que tem para se tornar em capital atlântica da Europa», realçou Isabel Mota.

A decisão da Comissão refere que «a integração de Portugal nas Comunidades Europeias dá a Lisboa a possibilidade de desempenhar um novo papel no contexto da Europa, permitindo, assim, encarar a problemática da sua herança cultural sob uma nova óptica». O financiamento agora concedido a fundo perdido provém de uma linha específica no âmbito da política regional da Comunidade, tendo o estudo sido entregue pela Comissão da CEE ao professor Jorge Gaspar, da Universidade de Lisboa.

De referir, ainda, que só para 1990 estão orçamentados mais de 350 mil Ecus (cerca de 62 mil contos)), destinados a projectos-piloto em zonas específicas e acções de recuperação.

olhar de mocho

Cultura anticultura

A anticultura, que também responde à chamada se dissermos «segunda cultura» ou cultura alternativa, partiu do pressuposto de que a cultura normal, clássica ou tradicional, era fruto da sociedade capitalista/civilizada das centrais nucleares, das florestas assassinadas, da destruição de velhas casas para no seu lugar se erguerem as torres de betão. Foi e é uma forma de protesto contra uma estrutura de sociedade que pelo menos, desde a crise petrolífera de 1973, sabe que o crescimento tem fronteiras definidas que nem por milagre se poderão aumentar.

Ora o «Lusitânia-Expresso», se é certo ter todos os ingredientes da anticultura, ainda não revelou criatividade ou posicionamento político para ascender à categoria de «cultura alternativa». Ninguém se livra de uma barba ensaboada, se utilizar uma lâmina de madeira romba. Por outras palavras, sem se saber o que se pretende contestar, acaba-se por não se contestar nada. É este o drama ou o gáudio do «Lusitânia»: pretendem fazer a barba a alguém com a lâmina de uma navalha que fabricaram com ripas de madeira caruncheta.

De facto, colar imagens com um critério de gratuidade assustadora, ligar o Einstein com tele-comandos, enaltecer a «fisicalidade» do material fotográfico, equivale a transportar-nos para o clima alucinante do psicadélico patológico. Não se sabe se será essa a intenção dos autores da equipa de ferroviários do comboio expresso.

Mas cultura, cultura, tivemos ontem à noite nesse admirável esboço de artes, letras, pedagogia, sentido histórico e integração na nossa paisagem espiritual que se chama «Vamos Jogar no Totobola». Todas as vertentes do filmezinho semanal são dignas de registo: o tema, a montagem, o fundo musical, a locução, a arquitectura. Ontem falou-se dos bonecos populares de Estremoz. E vimos um microcosmo completo: a política, a religião, o império, as guerras, o humor, a sátira. Tudo excelentemente articulado no brevíssimo quarto de hora que é uma refeição completa.

Voltemos ao ponto da cultura e da anticultura. Segundo penso, a RTP não nos terá querido apresentar os dois extremos do leque cultural por razões pedagógicas. Mas aconteceu que ficámos com dois oportunos exemplos das pontas intelectuais onde poderemos colocar a sociedade. Acontece que num desses extremos - o do «Vamos Jogar no Totobola» - temos tudo o que o outro extremo - o da anticultura - pretende contestar.

Moral da história (como rezavam as antigas fábulas da Grécia clássica): essa anticultura do «Lusitânia» rejeita-se a si própria, a cultura do «Totobola» é que nos faz pensar nos «ridículos sociais» ou nos «figurões» que ainda não foram consultados.

José S. Monteiro

Yohji Yamamoto em «C derno de Apontamentos sobre Vestuário e Cidades», de Wim Wenders, um e. saio inteligente de um criador sobre a própria criação

Para ver cinema em Paris o díficil é escolher. Aqui se fala do que o cronista em férias viu e mesmo do que não viu. E também de Manoel de Oliveira, que não passa em Paris mas em Estrasburgo, dos últimos filmes de Wim Wenders e Jacques Doillon, que infelizmente,talvez tardem a chegar a Portugal, e de um «Valmont» sem graça que amanhã estreia no Porto

Cinema de Paris em crónica de férias

Com cerca de trezentos filmes em circuito comercial, mais os ciclos da Cinemateca e da Videoteca, Paris é em qualquer época do ano um verdadeiro festival de cinema permanente. Um paraíso para o cinéfilo que, a todo o momento, pode optar entre um clássico do mudo, um filme de culto dos anos 40 ou 50, inesperadas reposições, as últimas novidades de praticamente o Mundo inteiro ou a retrospectiva de um determinado realizador.

Há apenas um risco: de tanto amar o cinema e de tudo querer ver, o cinéfilo pode acabar por detestar a cidade, percorrida de um lado para o outro numa canseira.

Mas quem há muito conhece Paris sabe que é possível ver muito cinema e ao mesmo tempo fruír a cidade. Com sessões do meio-dia à meia-noite não é dificíl, com tempo livre, ver um ou dois filmes por dia e poder ainda gozar dos pequenos paraísos tranquilos que Paris oferece.

É claro que o cinema tem um preço: o dos bilhetes, 37 francos neste momento (20 a 25 às segundas-feiras), façam-se as contas ao câmbio e verse-à que em seis dos sete dias da semana a coisa não anda longe do conto de reis por sessão.

Isto para os estrangeiros, porque os franceses beneficiam de uma série de descontos no cinema que abrangem largas faixas da população (jovens, velhos,militares, estudantes, desempregados, grupos de no minímo vinte pessoas, mais todos aqueles que apostam nas cartas de f. 'elidade e de assinatura ind. 'duais promovidas por vá as salas de arte e ensaio).

Manoel de Oliveira

Nada melhor do que ir ao estrangeiro para uma pessoa se sentir um tudo nada nacionalista. Isto para dizer que este vosso cronista, mal chegou a Paris para umas curtas férias, logo quis saber novas de Portugal, melhor dizendo, que filmes portugueses estariam por lá em exibição. Nenhum...Uma pequena decepção compensada pela noticía que nessa primeira quinzena de Janeiro passava em Estrasburgo a retrospectiva completa da obra de Manoel de Oliveira, integrada nas Jornadas Europeias daquela cidade.

Oliveira, aliás, permitiria duas outras agradáveis surpresas. «Os Canibais» surgiam como o quinto melhor filme exibido em 1989 em França, na selecção dos «Cahiers du Cinema» e (mais significativo) como o oitavo da selecção da principal revista de televisão francesa, a «Télérama».

Os «Cahiers du Cinema», de resto, abrem o seu primeiro número de 1990 com uma reportagem a duas páginas sobre «A epopeia portuguesa», a saber, o próximo filme de Manoel de Oliveira, «Não ou A Vã Glória de Mandar», com estreia prevista para Maio em Portugal (e não só, mas este «não só» ainda é segredo), soube em Paris por acaso.

Opções

Não havia filmes portugueses em cartaz, mas quanto ao resto não faltava por onde escolher.O problema em Paris é sempre esse: por que optar, sendo certo que por cada filme que se vê dez ficam por ver e apeteciam.

A opção foi a que segue: três novidades irrecusáveis, os últimos filmes de Wim Wenders e Jacques Doillon e o primeiro de Jacques Tati («Festa na Aldeia» , 1947), agora numa nova versão parcialmente colorida, segundo a cópia original recuperada em 1988; uma comparação que se revelaria duplamente funesta, a das «Ligações Perigosas» segundo Milos Forman (1989) e Roger Vadim (1959); duas reposições que súbitos impulsos tornaram irresistíveis: «La Ronde», de Max Ophuls (1959) e « Palm Beach Story» de Preston Sturges (1942), um deleite ambos; e por fim aquela que julgo ser a última obra do jugoslavo Emir Kusturica, de quem vimos em Portugal «O Papá Foi em Viagem de Negócios» (1985) e que me pareceu bem melhor que este «Tempo de Ciganos» (1987-88). Total da colheita: oito filmes ,um por dia, como mandam as boas regras de quem gosta de cinema e de Paris também.

Wenders e Doillon

Desta colheita valerá a pena falar das novidades, a começar por uma que -oxalá me engane- vai demorar o seu tempo a cá chegar: o filme de Wim Wenders «Caderno de Apontamento sobre Vestuário e Cidades» (1989). Não é um filme no sentido em que esta palavra pressupõe uma ficção como suporte dramático, é um ensaio sobre o cinema (e o vídeo), sobre a imagem e as imagens, sobre o drama dos criadores.

O filme resultou de um convite feito pelo Centro Pompidou a Wim Wenders para que fizesse uma curta metragem sobre a moda. O realizador hesitou e acabou por aceitar...filmando a génese criativa do seu anigo Yohji Yamamoto , o mais célebre estilista de vestuário japonês.

A curta metragem cresceu e transformou-se num filme de 79 minutos em 35 mm , parcialmente em vídeo (« pela primeira vez filmei com o inimigo»- diria Wenders).

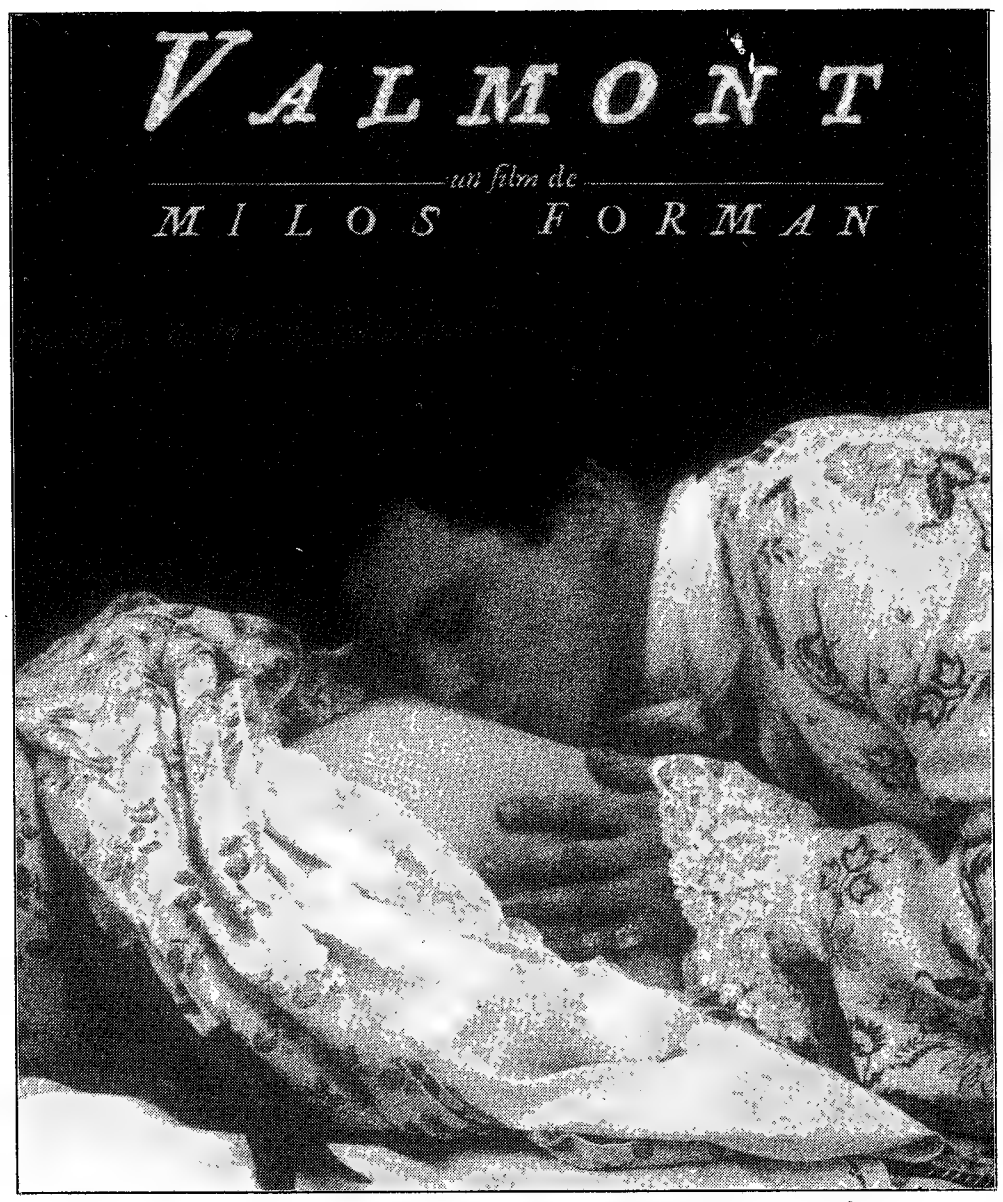
Sente-se , de resto , que Wim Wenders fez aquilo que se pode considerar um intervalo na sua obra, um parêntesis entre «As Asas do Desejo» (1987) e algo que estará em gestação. O filme respira esta autenticidade, a de um cineasta que filma as suas próprias dúvidas, os caminhos aparentemente sem saída de uma obra de excepcional qualidade.

«Caderno de Apontamentos sobre Vestuário e Cidades» começa por indagar sobre a identidade do indivíduo num mundo sobrecarregado de imagens e conclui com uma reflexão sobre o estilo, meio deve ser e não um fim.

Wenders e Yamamoto surgem eles próprios em diálogo sobre a criação e o cineasta conclui que não são assim tão diferentes como isso os oficíos de cada um.

Não sendo ,obviamente, um objecto de culto, este último filme de Wenders é uma obra de uma rara inteligência que apetece ver e rever.

Um filme de outro modo fascinante é «Vingança de Uma Mulher», que Jacques Doillon realizou numa adaptação livre de «O Eterno Marido» de Dostoievski. Doillon, dos grandes cineastas franceses é (com Rivette) o menos divulgado em Portugal e o seu último filme é outro que nunca se sabe se e quando cá chegará.



«Valmont», de Milos Forman: a artificialidade de uma mera embalagem

Oxalá chegue porque se «A Apaixonada» (1987), que vimos em Lisboa, é , passe a expressão, um Doillon «menor», «Vingança de uma Mulher» é um Doillon maior.

Duas mulheres confrontam-se para ver qual (esposa ou amante) fica com a memória do homem morto como herança a que poderá chamar sua e exclusiva. No confronto, só uma sobrevive.

É um trabalho fabuloso ao nível da câmara e daquilo que os «Cahiers du Cinema» chamam o«prescurtar dos sentimentos». Mas se a realização é brilhante, talvez mais brilhante ainda seja o trabalho das actrizes: Isabelle Huppert e Béatrice Dalle.

Se a interpretação notável de Isabelle já nem surpreende, a de Béatrice (vimo-la em «Betty Blue», de 1986, com que se estreou no cinema) é verdadeiramente um espanto.

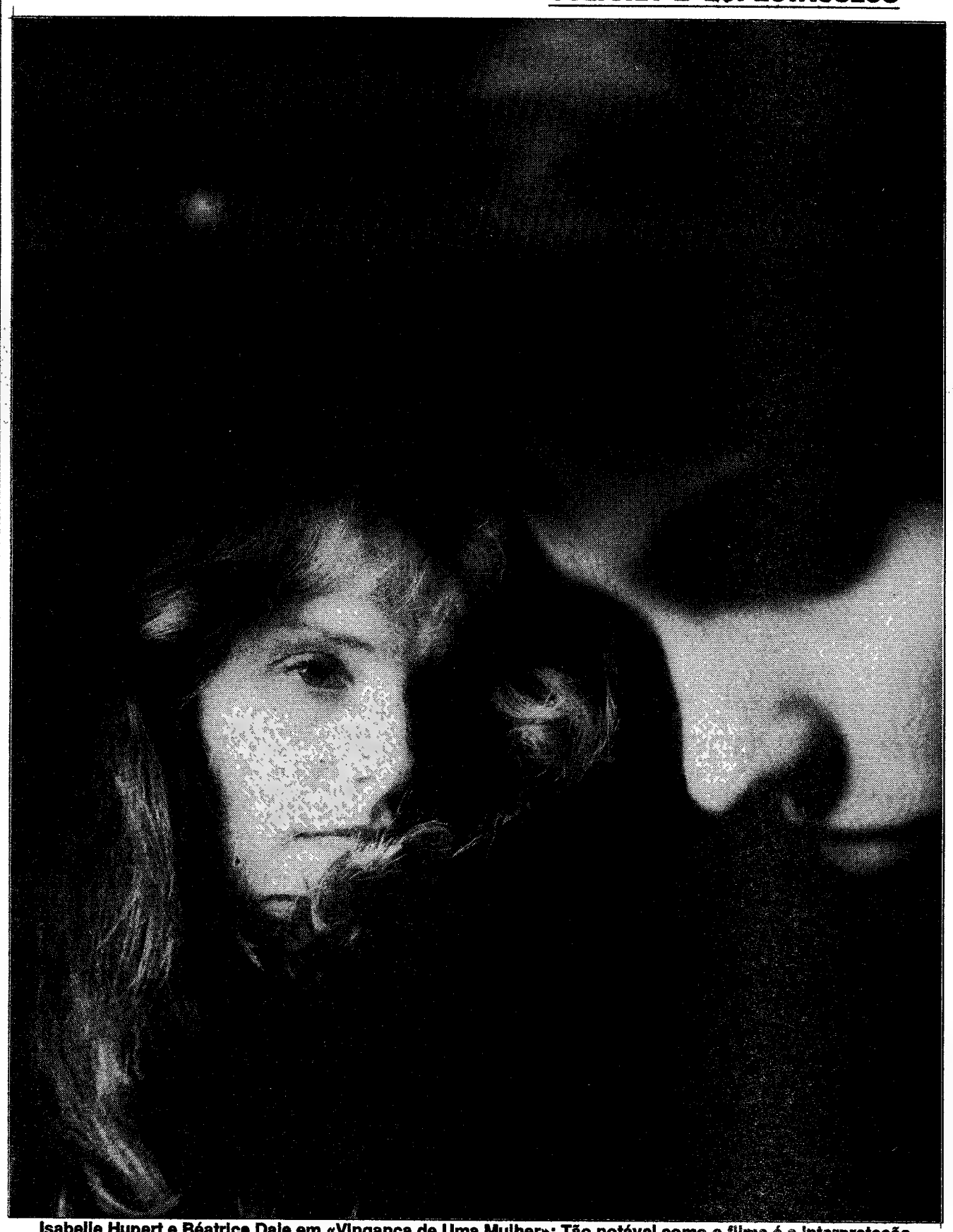
«Vingança de Uma Mulher» é um trabalho a três e fica-se com a sensação de que nem estas duas actrizes iriam tão longe sem este realizador, nem este filme sem elas poderia ter sido realizado.

Tati

«Festa na Aldeia» é um dos filmes de Tati mais vezes exibido em Portugal, quase se pode dizer que toda gente já o viu. Esta nova versão vale pela recuperação parcial da cor.

Na realidade, «Festa na Aldeia» foi filmado duplamente: a cores e a preto e branco também por precaução. Tal precaução revelou-se salvadora porque a cópia a cores não houve em 1947 processo de a fazer tirar e o filme ter-se-ia perdido.

Em 1964, Tati fez segunda versão do filme, pintando aqui e ali alguns planos e introduzindo nova personagem (a de um pintor que, mudo, deambula pela aldeia). Finalmente em 1988 (seis anos depois da morte de Tati) foi possível recuperar a cópia a cores original, mas apenas muito parcialmente.



Isabelle Hupert e Béatrice Dale em «Vingança de Uma Mulher»: Tão notável como o filme é a interpretação das duas actrizes

«Festa na Aldeia» surge-nos o filme sempre amado, mas agora com um toque encantatório, proveniente desses vermelhos e azuis breves e aguarelados.

Duas «Ligações» funestas

Choderlos de Laclos gostaria certamente de saber que as suas «Ligações Perigosas» em trinta anos já por três vezes foram transpostas para o cinema. Infelizmente, porém, nenhum dos filmes esteve à altura da grandeza literária do clássico setecentista.

Em Paris, este mês, foi possível ver das três versões cinematográficas a primeira e a última. Vistas ambas, concluí que a melhor é a do meio, o filme de Stephen Frears que na última temporada passou em Portugal.

Se o filme de Frears vivia sobretudo da interpretação, o do Milos Forman aposta literalmente no espavento da embalagem. À maneira de «Amadeus», «Valmont» (assim se chama esta nova versão de «Ligações Perigosas») é uma reconstituição histórica...e por aí se fica. Uma reconstituição que, curiosamente, sendo fiel empresta ao filme uma artificialidade a toda a prova como se poderá ver já amanhã no Porto e no dia 2 em Lisboa, onde respectivamente, o filme estreia.

Diga-se, entretanto, que comparado com a versão que em 1959 Roger Vadim fez de «Ligações Perigosas», «Valmont» é quase genial... o que atesta bem da mediocridade do trabalho do autor de «E Deus Criou a Mulher».

Nunca tinha visto as «Ligações Perigosas» de Vadim e vi agora. Não lhe perdôo: nem Gérard Philipe é convincente, ele que foi tantas vezes sublime.

O charme das livrarias

Gérard Philipe é,aliás, (com Chaplin, Bogart, Marilyn e James Dean) um dos grandes mitos cinematográficos que em Paris se eternizam no imaginário jovem. Atestam-no os múltiplos cartazes, livros e postais que constantemente sobre ele se editam e reeditam .É outro fascínio cinéfilo em Paris: as livrarias de cinema. Não são muitas, mas são um regalo ,todas elas, a fazer desejar pelo menos uma semelhante em Lisboa.

São normalmente livrarias pequenas, tão pequenas quanto acolhedoras, e o livro ,o cartaz, o postal , a fotografia, a revista transformam-se em objectos intímos e não própriamente de consumo... embora o sejam e de que maneira, mas não damos por isso.

O livro mais deslumbrante do mês era o de Marc Dondey sobre Jacques Tati, de que falei aqui anteontem, na primeira crónica de férias.Mas havia outros , direi mesmo milhares de outros sobre cinema: recentes e antigos ,em lançamento e em saldo.

Se as opções com os filmes são dificeis, com os livros ainda é pior, basta ver os preços. Mas não resisti a ,entre outras coisas, trazer para Lisboa -claro- o livro de Tati, bem como um ensaio escrito no ano passado por Robert Benayoun sobre Jerry Lewis e as memórias acabadas de publicar por aquele que é um dos verdadeiramente grandes cineastas franceses: Marcel Carné.

Mais novo um ano que Manoel de Oliveira (nasceu em 1909), Carné deixou de filmar em 1976. Devia talvez ter deixado antes, porque os seus derradeiros filmes desmerecem do autor de «Les Enfants du Paradis», para não falar de «Quai des Brumes», «Hotel du Nord» e «Les Visiteurs de Soir». Deles falará, decerto, Carné nos seus «souvenirs», intitulados - belo título!- «La vie A Belles Dents».

Comecei a ler em Orly, quando esperava o avião para Lisboa, danado de todo porque no dia seguinte se estreava em Paris nada mais nada menos que o último filne de Otar Iosseliani «Et La Lumière Fut», prémio especial do júri no Festival de Veneza. Perdi-o e foi bem feito.Já devia saber que nunca se regressa de Paris à terça-feira, quando as estreias de cinema são à quarta...

Rodrigues da Silva

B R E V E S

Comissão dos Descobrimentos rejeita filme de António Vilar

Uma empresa cinematográfica norte-americana, International Media Productions, pretende realizar o filme «Fernão de Magalhães», com guião do português António Vilar.

O cineasta português, no entanto, ainda não deu qualquer resposta à IMP, «já que - apurou a Lusa - a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses se opõe à realização do filme, alegando que o guião está cheio de erros históricos.» António Vilar solicitou à Comissão que indicasse os alegados «erros históricos», mas até ao momento não recebeu qualquer resposta.

Direitos de autor defendidos em Tribunal

No 4º. Juízo Correccional de Lisboa foi julgado e condenado o sócio gerente do Bazar do Vídeo, situado no Centro Comercial Xenon, pelo facto de ali ter à venda sete videogramas reproduzindo obras de autores representados pela Sociedade Portuguesa de Autores sem que para isso esta o tivesse devidamente autorizado.

O Tribunal, além da indemnização arbitrada à SPA, aplicou ao réu a multa de 360 contos, em alternativa de quatro meses de prisão, condenando-o ainda a pagar o imposto de justiça de 15 contos e as custas do processo.

Na sentença sublinha-se a «premente exigência de prevenção geral deste tipo de crimes, dada a sua proliferação entre nós nos anos recentes.»

Por sua vez, por decisão do juiz do 13º. Juízo Cível de Lisboa, foi ordenado que cessasse a transmissão, pela RTP, bem como a exibição por qualquer meio, do "spot" publicitário relativo ao produto "Feno-Vert Sauvage", por falta de autorização dos autores da música utilizada nesse anúncio.

Trata-se da canção «When a Man Loves a Woman», de Andrew James Wriht e Calvin Lewis, representados em Portugal pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Álbum «Hats» dos Blue Nile hoje em Portugal

O segundo álbum do trio escocês Blue Nile (Edison), intitulado «Hats», que demorou dois anos a escrever e outros dois a gravar, foi hoje editado em Portugal.

Produzido pelo próprio grupo, o álbum é constituído por sete faixas: «Over the Hillside», «The Downtown Lights», «Let's Go out Tonight», «Headlights on the Parade», «From a Late Night Train», «Seven Am» e «Saturday Night».

Originários de Glasgow, os Blue Niles formaram-se em 1982 depois de Paul Buchnan (leitor de Inglês), Paul Joseph Moore (graduado em Electrónica) e Robert Bell (licenciado em Matemática) se terem encontrado na Universidade.

Cinco séculos de azulejos em Lisboa

«Cinco séculos de azulejos em Lisboa» - este o itinerário, para domingo, 28, do Centro Nacional de Cultura, através de visitas ao Museu do Azulejo, Igreja de S. Roque e Cervejaria da Trindade.

Escritora catalã em Lisboa

A escritora catalã Montserrat Roig chega a Lisboa no dia 1 de Fevereiro para apresentar o seu romance «A Voz Melodiosa». O livro de Montserrat Roig, uma das escritoras mais conceituadas na nova literatura catalã, a ser apresentado no dia seguinte, foi lançado há dias pelas Publicações Dom Quixote na Colecão Letras de Espanha.

Mosteiro de Alcobaça património Mundial

Para celebrar a declaração do Mosteiro de Alcobaça como Património Mundial, um grupo de sócios do Centro Nacional de Cultura desloca-se no próximo sábado àquela edilidade. Integram o grupo o arquitecto Leonel Fadigas, o arquitecto Gonçalo Byrne (autor do novo projecto para o Museu) e a respectiva conservadora, Maria Augusta Trindade. O grupo visitará ainda o Convento de Cós, o Castro de Pirreitas e o Museu do Vinho.

Futebol: campeonato chega ao meio

Belenenses empata nos Barreiros

O Nacional atinge o termo da primeira volta sem ter averbado qualquer triunfo e o Belenenses aproxima-se da «orla europeia»

Um «frango» do guarda-redes Mikhailov permitiu ao Nacional da Madeira empatar (1-1) frente ao Belenenses, em jogo em atraso da 12.ª jornada do campeonato da primeira divisão, disputado no Funchal.

Tratou-se de uma partida na qual o mau futebol foi uma constante, com nehuma das equipas a produzir jogadas aceitáveis, de forma a criar efectivas situações de perigo.

Os visitantes abriram o activo aos 20 minutos, na sequência de um centro de Gonçalves, aparentemente sem perigo, com os defensores contrários a falharem a intercepção, acabando a bola por sobrar para Sadkov que, sozinho, fez o 0-1.

Reagiu o Nacional ainda que com pouco discernimento e, já no dealbar dos primeiros 45 minutos, um remate fraco de Robertinho à figura de Mikhailov acabou por se escapar por entre as mãos do guardião, entrando no fundo das redes da baliza do Belenenses para gaudio dos locais, que assim chegaram à igualdade (1-1).

Na segunda parte, o jogo foi ainda mais pobre tecnicamente, com o Belenenses a fechar-se muito bem, deixando a iniciativa do jogo ao seu adversário. Os madeirenses, apesar de dominarem territorialmente, retendo o esférico durante mais tempo, nunca conseguiram ultrapassar a bem organizada defesa forasteira, que não deu grandes espaços de manobra aos dianteiros locais.

O resultado final ajusta-se ao desenrolar da partida, que foi muito pobre tecnicamente, com as equipas a não mostrarem muitas soluções ofensivas.

O árbitro Alexandre Morgado, do Porto, esteve mal ao não assinalar uma grande penalidade contra o nacional, por claro derrube do guardião Gilmar a Sadkov, numa altura em que os visitantes estavam a ganhar por 1-0.

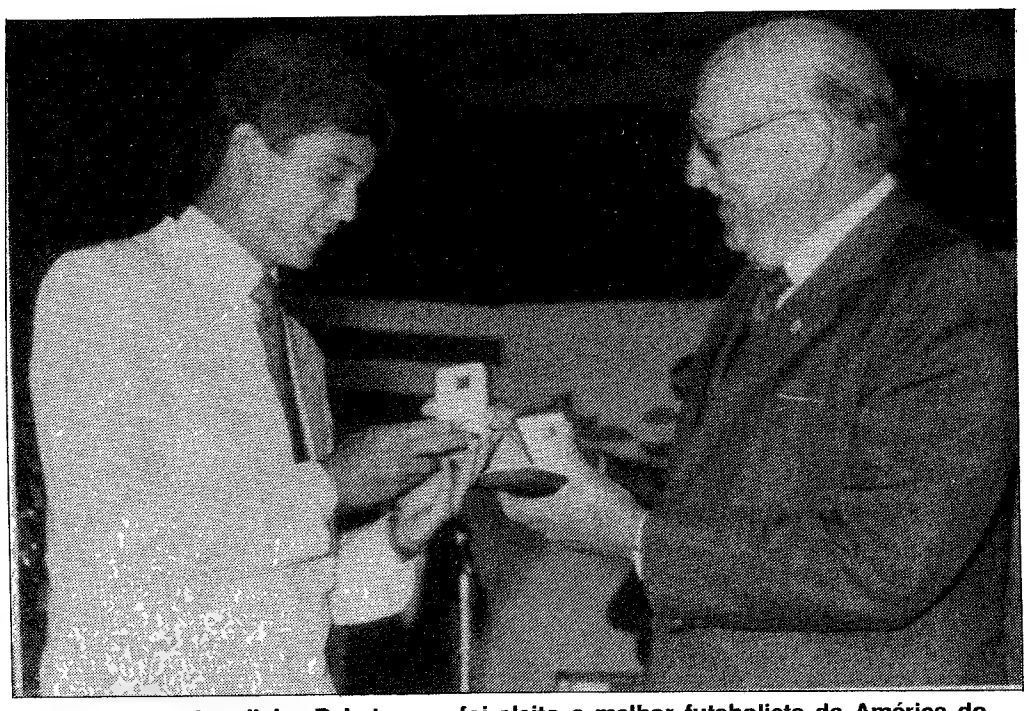
NACIONAL: Gilmar; Heitor, Rui Duarte, Leiz e Ladeira; Toninho, Robertinho, Edu e Sylvannus (Vieira, 81); Dinis e Dino.

BELENENSES: Mikailov; Galo, Oliveira, Edmundo e José Mário; Juanico, Jaime, Macaé e Sadkov; Gonçalves e Chiquinho (Jorge Silva, 63).

Acção disciplinar: cartões amarelos para Ladeira (34), Edmundo (60), Dinis (76) e Vieira (85).

Belenenses: Jaime Monteiro anuncia candidatura

Em entrevista hoje concedida ao jornal «A Bola», o antigo dirigente do Belenenses, Jaime Monteiro, anuncia o propósito de entrar na corrida eleitoral e promete colocar meio milhão de contos á disposição do clube. Para início de campanha não está nada mal como bem esteve, ao afirmar que «*Acácio Rosa merece uma estátua no Restelo». Uma promessa e um sentimento que são garantia de muitos votos.*



O futebolista brasileiro Bebeto que foi eleito o melhor futebolista da América do Sul, no momento em que recebia o galardão das mãos de Eduardo Rocca Couture

Recorde-se que o lugar actualmente ocupado por Rosa Freire, é pretendido por outros dos quais se destaca Fernando Ferreira (antigo presidente) falando-se da existência de uma facção que pretende convidar Fernando Martins, antigo chefe do executivo benfiquista.

Nacional-Porto na noite de sábado

O encontro Nacional-FC Porto, marcado para as 21 horas e 30 de sábado e que será transmitido directamente pela RTP, é o único jogo antecipado da 18.ª jornada do campeonato nacional da I Divisão. Quanto à II Divisão não estão marcadas antecipações, registando-se as seguintes alterações: Caldas-Marialvas disputa-se nas Caldas da Rainha por inversão da ordem do sorteio, o Seixal-Olivais e Moscavide terá lugar em Paio Pires e o Farense-Portalegrense começará ás 15 horas e 30 minutos.

Quatro «Chicotadas»

Devido aos maus resultados produzidos pelas equipas, verificaram-se mais quatro «chicotadas» no luso futebol. Mourinho (Covilhã) cedeu o lugar ao seu anterior adjunto Carlos Elvai, Alcides Coimbra (Oliveira do Bairro) abdicou a favor de José António, Fernando Festas (rende Marconi no Marialvas e, finalmente, Valongo (Alba), cedeu o lugar a Ferreira.

Salão: o «baile» continua

A selecção portuguesa goleou a Inglaterra por 11-1 num dos encontros da meia-final de futebol de salão, a decorrer no Pavilhão do Freixieiro (Matosinhos).

Numa partida marcada pelas deficientes condições do piso — escorregadio junto às duas balizas, devido à humidade — Portugal construiu uma vitória folgada que lhe dá acesso à final marcada para amanhã às 19 horas, frente á Checoslováquia que ontem derrotou a Espanha por 3-1.

Sob a arbitragem de Artur Gil (Espanha), as equipas apresentaram:

Portugal: Carlos França; Hélio Matos, José Ferreira (1), Vieira Dias (1), e Manuel Azevedo (7). Jogaram ainda: Lino Oliveira, Jorge Almeida, Armindo Pinto (2), Paulo Caldeira, Ivo Cristóvão, Joaquim Brito e Fernando Teixeira.

Inglaterra: Harvey; Catlow, Bascoe, Forter e Patton (1). Jogaram ainda: Bremman, Lensk, Kieth, Mason, Lambert, Billy e Kevin.

•

O FC Porto ficou em 5.º lugar no VII Torneio Internacional de Futebol «Indoor» de Bercy, que terminou com o triunfo final do Paris Saint-Germain.

Nos dois encontros ontem disputados, o FC Porto venceu o Partizan da Jugoslávia por 6-5 e empatou 2-2 com o Aston Villa de Inglaterra.

Na final, o Paris Saint-Germain derrotou o Malmoe da Suécia

Eintracht vence o Farense

O Eintracht de Frankfurt venceu o Farense pro 2-0, em jogo particular de futbeol, disputado no Estádio São Luís, em Faro.

A equipa germânica, segunda classificada do campeonato da primeira divisão da RFA, teve algumas dificuldades para levar de vencida o Farense, guia da Zona Sul do Nacional de Futbeol da Segunda Divisão.

O Eintracht, que se encontra em estágio no Algarve, só conseguiu marcar os seus dois golos quando o Farense substituiu grande parte dos seus titulares por reservas e juniores.

AFL vai analisar as contas

O presidente da mesa da Assembleia Geral da Associação de Futebol de Lisboa (AFL), Moisés Ayash, manifestou a intenção de convocar uma assembleia geral para analisar as contas de 1988/89 e marcar a data das próximas eleições.

Após a reunião realizada com os clubes da primeira, segunda e terceira divisões, pondero a realização de uma Assembleia Geral da Associação no dia 16 de Fevereiro, para discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1988/89, afirmou Moisés Ayash.

Ainda de acordo com as declarações daquele dirigente, **posteriormente a Assembleia deverá também pronunciar-se sobre a data da realização das próximas eleições na AFL.**

RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais · Telha
Assistência · Peças: Sete Portais · Telha
2830 BARREIRO

HÓQUEI EM PATINS:

O Sporting venceu ontem o Paço de Arcos por 9-5, em encontro em atraso na oitava jornada do campeonato nacional da primeira divisão.

Com este triunfo, o Sporting ocupa a quarta posição do campeonato, com 24 pontos, menos cinco que o Óquei de Barcelos, líder da prova. O Paço de Arcos, partilha o sexto lugar com o Turquel, ambos com 20 pontos.

Classificação geral: 1.º Óquei de Barcelos, 29 pontos; 2.º Benfica, 27; 3.º FC Porto, 26; 4.º Sporting, 24; 5.º Oliveirense, 21; 6.ºs Turquel e Paço de Arcos, 20; 8 º Valongo, 19; 9.º Sanjoanense, 18; 10.º Quimigal, 17; 11.º Academica de Coimbra (menos um jogo, 16; 12.º Grunding, 15; 13.º Parede, 13 e 14.º Sporting de Tomar (menos um jogo), 11.

Andebol: selecção na Bulgária

Bom teste no jogo inaugural

Portugal perdeu por escassos dois golos (23-25) com a Roménia em jogo inaugural do Torneio de Serdika, em andebol, incluído na preparação para o mundial, grupo «C».

Carlos Resende, autor de 12 golos, e Miguel Fernandes, no segundo tempo, subsituindo o guarda-redes titular Santa Bárbara, foram os principais impulsionadores da selecção portuguesa no jogo frente aos romenos, que estão integrados no grupo «A» da modalidade.

A equipa portuguesa, orientada pelo romeno Mircea, revelou algum nervosismo nos primeiros minutos do encontro, sendo importante face ao poder ofensivo dos romenos, que se revelaram muito fortes no ataque.

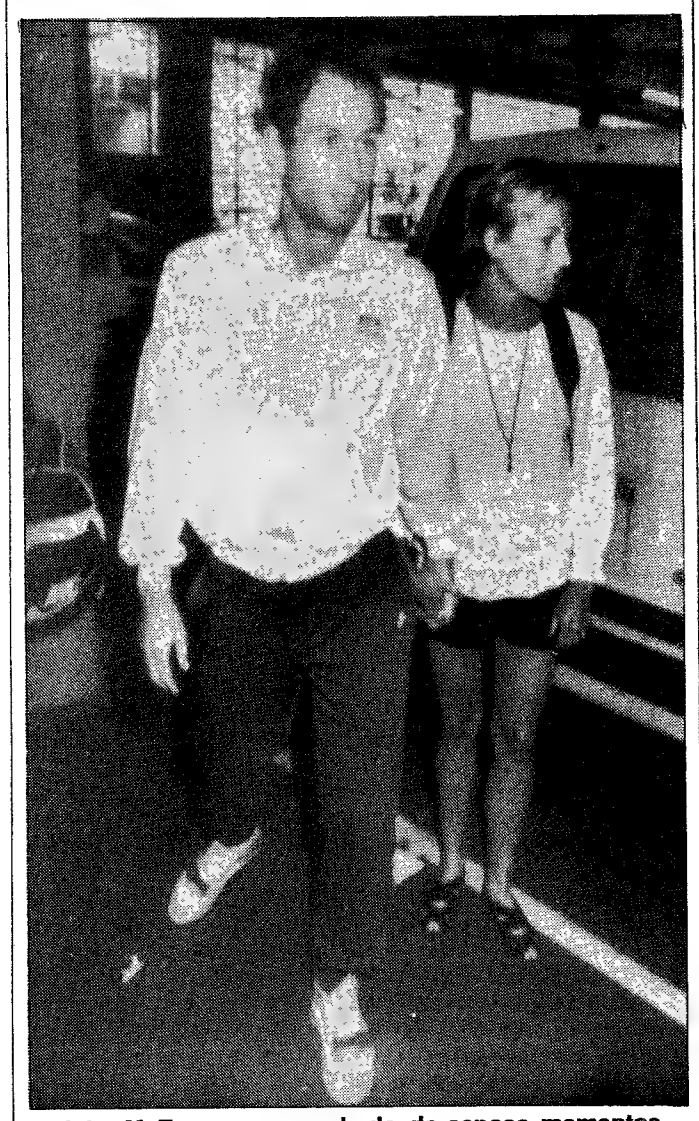
Para o técnico da selecção portuguesa Mirchea, o resultado foi «óptimo, mesmo muito bom», referindo que a Roménia sem se apresentar na máxima força, apresentou «vários titulares como Buligan, Niuu e Zakari, acompanhados de um lote de jovens com muito valor».

Mircea disse estar satisfeito com a manobra colectiva da equipa portuguesa e com a forma como ela partiu para o contra-ataque, embora tivesse notdo algumas falhas no contra-ataque, deixando fugir a possibilidade de obter um melhor resultado.

Sob a direcção dos árbitros checoslovacos Brabetz e Dubenituhek, por Portugal jogaram e marcaram:

Santa Bárbara; Paulo Carneiro (2), Mário Macedo (2), José Santos (2), Carlos Resende (12), António Leite, Miguel Galamba, Manuel Pastor, Luís Gomes (1), Miguel Fernandes, João Duarte (2), Rui Ferreira (2) e Jorge Rodrigues.

		J	V	E	D	G	P
1.º	F.C. PORTO.....	17	13	3	1	34- 5	29
2.º	V. Guimarães.....	17	12	4	1	27-10	28
3.º	Benfica.....	17	11	5	1	46- 7	27
4.º	Sporting.....	17	10	5	2	19- 8	25
5.º	V. Setúbal.....	17	8	4	5	22-15	20
6.º	Belenenses.....	17	7	4	6	17-18	18
7.º	Boavista.....	17	6	5	6	28-18	17
8.º	Braga.....	17	5	7	5	15-18	17
9.º	Chaves.....	17	5	7	5	20-24	17
10.º	E. Amadora.....	17	6	4	7	22-16	16
11.º	Tirsense.....	17	3	9	5	8-15	15
12.º	Beira Mar.....	17	4	5	8	8-20	13
13.º	Marítimo.....	17	2	8	7	13-24	12
14.º	Penafiel.....	17	4	4	9	13-27	12
15.º	União.....	17	3	5	9	12-24	11
16.º	Nacional.....	17	0	10	7	11-28	10
17.º	Feirense.....	17	3	4	10	9-27	10
18.º	Portimon.....	17	3	3	11	13-33	9



John McEnroe acompanhado da esposa momentos depois de ter sido expulso do «Open» da Austrália

Ténis: «Open» da Austrália

Wilander vingou «humilhação»

O alemão-federal Boris Becker viajou para a Austrália procurando a sua terceira vitória consecutiva num torneio do «Grand Slam» na esperança de assumir o primeiro lugar do «ranking» mundial. Mas as coisas não aconteceram dessa maneira e Becker perdeu no encontro dos quartos-de-final com o sueco Mats Wilander, que resurgiu ao melhor nível, ganhando por 6-4, 6-4 e 6-2.

Becker nunca foi além de uma melhor presença que os quartos-de-final em cinco ocasiões no «open» da Austrália e não está certo que irá tentar novamente.

Para Mats Wilander, que em Dezembro foi «humilhado» por Becker na final da Taça Davis em Estugarda, a sua vitória tem um significado especial e para ele o mais importante «é voltar a jogar», referindo apenas: «foi apenas um bom jogo e não posso ficar muito entusiasmado com a vitória».

Wilander vai defrontar nas meias-finais o seu compatriota Stefan Edberg, a quem já ganhou por 10 vezes em 17 encontros.

Edberg, vencedor dos «masters» o ano passado, foi o único entre os jogadores apurados para as meias-finais a ceder um «set», tendo derrotado o norte-americano David Wheaton, por 7-5, 7-6, 3-6 e 6-2.

O checoslovaco Ivan Lendl, primeiro cabeça-de-série, apurou-se para as meias-finais batendo o vencedor do «open» de Portugal do ano passado, o soviético Andrei Cherkasov, por 6-3, 6-2 e 6-3, tendo como adversário o francês Yannick Noah, que afastou por seu lado o sueco Mikael Pernfors, 6-3, 7-5 e 6-2.

«Ranking» feminino

A alemã-federal Steffi Graff mantém a liderança do «ranking» mundial, à frente da norte-americana Martina Navratilova — revelou a Associação Internacional do Ténis Feminino (WITA).

Despois de Graff e Navratilova, as jogadoras que nos últimos anos têm dominado o ténis internacional, os terceiros e quartos lugares do «ranking» são ocupados pela argentina Gabriela Sabatini e pela norte-americana Zina Garrison, respectivamente.

A espanhola Arantxa Sanchez Vicario, que aos 17 anos venceu o «open» francês de Roland Garros de 1989, encerra o lote das cinco primeiras classificadas da tabela mundial.

BREVES

RALI MONTE CARLO: o francês Didier Auriol (Lancia) venceu a primeira prova a contar para o campeonato mundial de ralis, ao triunfar em Monte Carlo, batendo o espanhol Carlos Sainz (Toyota), por 52 segundos.

Massimo Biasion averbou a posição imediata com mais três minutos do que o vencedor.

Esta tarde na Praça da Alegria

«Estrangeiros» do Sporting no Conselho de Justiça

O caso dos futebolistas estrangeiros ao serviço do Sporting, que originaram protestos do Penafiel, Vitória de Guimarães e Nacional da Madeira, será hoje analisado pelos membros do Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol. Sobre o assunto alega o presidente do Vitória de Guimarães: «*Acredito que o Vitória irá ganhar os dois pontos até porque o Conselho de Disciplina reconheceu que Douglas é estrangeiro e só se apoia num artigo já revogado. Agora, pelas novas disposições regulamentares a responsabilidade das irregularidades é sempre dos clubes.*»

Confrontado com o facto dos dirigentes do Sporting terem agido segundo instruções dos serviços da Federaçãao, o dr. Pimenta Machado afirma: «*Tudo isso não tem relevância já que houve nepotismo e compadrio entre os serviços da FPF e o Sporting.*»

Naturalmente que diferente é o conceito do jurista e vice-presidente do Sporting ao considerar que «*uma decisão negativa do Conselho de Justiça seria contrária aos elementares princípios do direito*», tese que Pimenta Machado comenta assim: «*Uma decisão negativa será contrária aos princípios do direito dele, que não é o direito comum, nem o que regulamenta as questões comuns.*»

Pouco adianta o esgrimir dos conceitos expressos pelas partes em confronto, pois sabe-se que o objectivo comum é a tentativa de influenciar os seus colegas do Conselho de Justiça, o que, obviamente, não sucederá.

Um caso que promete continuar a alimentar forte celeuma. Ficaremos atentos ao próximo capítulo.

QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo da Notária Licenciada Maria Adília Borges Tristão

CERTIFICO

Que esta fotocópia composta de nove folhas, é fotocópia parcial extraída para efeitos de publicação da escritura outorgada neste Cartório em quatro de Dezembro do ano corrente, lavrada de folhas cento e vinte e nove a folhas cento e trinta e duas, verso do livro número Trezentos e Doze-D, destas notas de transformação de sociedade comercial por quotas denominada «SOCIEDADE IMOBILIÁRIA PONTE DO GUADIANA, LIMITADA» em sociedade anónima «SOCIEDADE IMOBILIÁRIA PONTE DO GUADIANA, S.A.», o qual se rege pelos Estatutos constantes que se seguem.

ARTIGO PRIMEIRO

1 — A sociedade adopta a denominação de Sociedade Imobiliária Ponte do Guadiana, S.A.

2 — A sua sede é na Avenida da Liberdade, número 9, 7, em Lisboa, freguesia de S. José, podendo sempre a Administração deslocar a sede dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe e, bem assim, criar ou extinguir delegações, agências ou outras formas de representação em Portugal ou no estrangeiro.

ARTIGO SEGUNDO

1 — A Sociedade tem por objecto a aplicação de capitais em imóveis, designadamente a compra de prédios rústicos e urbanos, e a revenda dos adquiridos para esse fim.

Poderá ainda a Sociedade promover estudos de urbanizações, dedicar-se à indústria de construção por conta própria ou alheia, tomar de arrendamento, explorar e administrar quaisquer empreendimentos turísticos.

2 — A Sociedade poderá participar no capital ou associar-se com outras sociedades ou pessoas, dentro das actividades contidas no objecto social, podendo exercer os cargos sociais para que for designada.

3 — Como garantia dos financiamentos que venha a solicitar dentro das actividades constantes do seu objecto social, poderá a Sociedade onerar os seus bens, constituindo sobre os mesmos garantias reais.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade tem duração indeterminada.

CAPÍTULO SEGUNDO
CAPITAL SOCIAL, ACÇÕES E OBRIGAÇÕES

ARTIGO QUARTO

1 — O capital social é de cinco milhões e cem mil escudos e é representado por 5100 acções com o valor nominal de mil escudos cada uma, encontrando-se integralmente subscrito e realizado em dinheiro.

2 — As acções são nominativas ou ao portador e escriturais ou não, livremente convertíveis, sendo quando for caso disso, representadas por títulos de uma, cinco, dez, cinquenta, cem, mil ou mais acções.

ARTIGO QUINTO

1 — Por deliberação do órgão de Administração, após parecer favorável do órgão de fiscalização poderá o capital social ser elevado, por uma ou mais vezes, até ao limite de vinte milhões de escudos.

2 — Na sua deliberação a Administração fixará os termos e as condições de cada aumento de capital bem como a forma e os prazos de subscrição a realizar.

ARTIGO SEXTO

1 — Por deliberação do órgão de administração a Sociedade poderá emitir obrigações e outros títulos convertíveis ou não em acções.

2 — Na sua deliberação a Administração fixará os termos e condições de cada emissão de obrigações, bem como a forma e os prazos da subscrição a realizar.

ARTIGO SÉTIMO

1 — A sociedade pode, por deliberação da Assembleia Geral, amortizar acções nos seguintes casos:

a) por acordo com o respectivo titular;

b) se as acções a amortizar tiverem sido arrestadas, penhoradas, arroladas ou por qualquer outra forma apreendidas em processo judicial ou administrativo;

c) quando o respectivo titular ou detentor praticar actos que perturbem a vida da sociedade.

2 — A sociedade pode, nas condições em que a lei o permitir, adquirir acções próprias e sobre elas realizar todas as operações legalmente permitidas.

3 — As acções próprias pertencentes à sociedade não têm, enquanto se mantiver essa titularidade, quaisquer direitos sociais incluindo o de participar em aumentos de capital, e não são consideradas para efeitos de votação ou de convocação de Assembleia Geral, apurando-se sempre as maiorias em função dos votos correspondentes ao capital social excluídas essas acções.

4 — Por deliberação do órgão de Administração a sociedade pode ainda adquirir quaisquer participações em outras sociedades, com objecto igual ou diferente do seu, e fazer sobre as mesmas todas as operações que entender convenientes.

CAPÍTULO TERCEIRO
DOS ÓRGÃOS SOCIAIS

Secção Primeira — DA ASSEMBLEIA GERAL
ARTIGO OITAVO

1 — A Assembleia Geral é constituída pelos accionistas com direito a voto, correspondendo um voto a cada acção, não havendo qualquer limitação ao número de votos por cada accionista, quer ele intervenha por si, quer como procurador de outro ou outros accionistas.

2 — Os accionistas poder-se-ão fazer representar nas reuniões da Assembleia Geral desde que o comuniquem por simples carta assinada até ao momento do início da reunião.

3 — Os membros de todos os órgãos sociais também estarão presentes nas Assembleias Gerais, podendo intervir nos seus trabalhos, apresentar e discutir propostas, mas não terão, nessa qualidade, direito de voto.

ARTIGO NONO

1 — A mesa da Assembleia Geral é composta por um presidente e um secretário, eleitos quadrienalmente pela Assembleia Geral e são sempre reelegíveis, podendo ser ou não accionistas.

Secção Segunda — DO ÓRGÃO DE ADMINISTRAÇÃO
ARTIGO DÉCIMO

1 — A Administração da sociedade será exercida por um Administrador Único ou por um Conselho de Administração composto por três a sete membros, tudo conforme for deliberado em Assembleia Geral, a qual procederá à sua eleição quadrienalmente.

2 — O Administrador Único ou os membros do Conselho de Administração prestarão ou não caução e terão ou não remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

1 — O Conselho de Administração ou o Administrador Único terá os mais amplos poderes de gestão e representará a sociedade, em juízo e fora dele, incluindo os poderes para comprometer-se em árbitros, confessar, desistir ou transigir em qualquer processo judicial, administrativo ou arbitral, alienar e onerar bens imóveis, dar e tomar de arrendamento prédios e fracções autónomas, contrair empréstimos e prestar garantias.

2 — O Conselho de Administração, quando existir, poderá delegar num ou mais Administradores a gestão corrente de sociedade, dentro dos limites da lei.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

1 — Havendo Administrador único a Sociedade obriga-se pela respectiva assinatura, ou pelas assinaturas de mandatários constituídos nos termos legais.

2 — A Sociedade nos demais casos obriga-se pelas assinaturas de dois Administradores, ou pelas assinaturas de um Administrador e de um procurador, ou ainda pelas assinaturas de dois procuradores, bastando, porém, a assinatura de um Administrador ou de um procurador para os actos de mero expediente.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO

As deliberações do Conselho de Administração, quando existir, serão tomadas pela maioria dos votos presentes ou representados, tendo o presidente voto de qualidade.

Secção Terceira — DO ÓRGÃO DE FISCALIZAÇÃO
ARTIGO DÉCIMO QUARTO

A fiscalização de actividade da sociedade será entregue a um Fiscal único ou a um Conselho Fiscal composto por três membros efectivos e um suplente, conforme for deliberado na Assembleia Geral que proceder à sua eleição, a qual designará um Presidente quando for caso disso.

CAPÍTULO QUARTO
APRECIAÇÃO ANUAL DA SITUAÇÃO DA SOCIEDADE E APLICAÇÃO DE RESULTADOS

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

1 — O ano social coincide com o ano civil.

2 — Relativamente a cada ano civil, a Administração elaborará o balanço, o relatório de gestão e as contas do exercício e a demonstração de resultados, os quais juntamente com o relatório sobre o estado e a evolução dos negócios sociais e a proposta de aplicação dos resultados serão apresentados ao Órgão de Fiscalização e à Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO

Os lucros líquidos terão a aplicação que for deliberada em Assembleia Geral, deduzidas as verbas por lei obrigatoriamente destinadas ao fundo de reserva.

CAPÍTULO QUINTO
DISSOLUÇÃO E LIQUIDAÇÃO

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

A Sociedade dissolve-se, para além dos casos previstos na lei, mediante deliberação da Assembleia Geral por maioria de três quartos dos votos.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

1 — Serão liquidatários os membros da Administração que estiverem em exercício no momento, salvo se houver deliberação da Assembleia Geral em sentido contrário.

2 — Depois de satisfeitos os direitos dos credores sociais, poderá o activo restante ser partilhado em espécie pelos respectivos sócios.

Vai conforme:

Lisboa, treze de Dezembro de mil novecentos e oitenta e nove.

A 2.ª Ajudante
(assinatura ilegível)

«DL» — 25/1/90

INEF: ministro Roberto Carneiro encerrou Bodas de Ouro

Roberto Carneiro, ministro da Educação, presidiu à sessão solene da comemoração do 50.º aniversário do Instituto Nacional de Educação Física (INEF), tendo aproveitado a ocasião para homenagear todos aqueles que nele serviram o desporto.

«*É grata e honrosa a intenção do Governo prestar homenagem a todos aqueles que pela sua dedicação e esforço entregaram as suas vidas ao desenvolvimento da educação física e do desporto em Portugal, consequentemente, à educação da juventude*», *afirmou Roberto Carneiro.*

O ministro da Educação fez um historial da acção do Instituto Nacional de Educação Física, que em 3 de Dezembro de 1975, através do Decreto-Lei 675/75, passou a possuir a designação de Instituto Superior de Educação Física (ISEF).

Roberto Carneiro frisou o papel do INEF no processo de desenvolvimento da educação física e do desporto nesta segunda metade do século XX, e o seu envolvimento nas dinâmicas educativa e desportiva do País.

Entre as várias acções que o Instituto levou a cabo o ministro destacou «a sua participação na educação motora da juventude portuguesa, desde o nível da instrução primária à universitária» e ainda a condução de «*programas de investigação, nos domínios das ciências do desporto, da educação e da motricidade*».

Entretanto, Roberto Carneiro salientou os efeitos e as condições que a nova Lei de Bases do Sistema Educativo veio criar para que sejam introduzidas modificações estruturais no sistema.

O ministro da Educação revelou ainda que o projecto de lei sobre educação física e desporto escolar acaba de ser analisado pelo Conselho Nacional de Educação e que se encontra neste momento a receber os últimos ajustes.

No domínio do programa escolar 1989/90, Roberto Carneiro adiantou que este se destina «a devolver o desporto à escola», e ainda «*consolidar a dignidade dos professores e criar novas oportunidades para os alunos*».

Segundo revelou, o programa encontra-se actualmente a ser seguido por 660 das 941 escolas do ensino básico e secundário, o que permite calcular em 70 por cento a taxa de adesão ao programa.

Roberto Carneiro referiu que «*a opção pelo desporto escolar, em matéria de política educativa e desportiva, está a revelar-se como uma medida de carácter estrutural que a médio prazo contribuirá para estabelecer uma nova configuração da prática desportiva em Portugal, estruturada numa ampla participação dos jovens*».

Disciplinas desportivas

HALTEROFILISMO: a possibilidade de um atleta poder representar dois clubes no mesmo ano desportivo, questão inédita em Portugal, será discutida no próximo congresso da Federação de Halterofilismo.

Segundo informação divulgada pela Federação, o congresso ordinário vai reunir-se em 3 de Fevereiro, no Centro de Estágio do Instituto Superior de Educação Física e além da análise e votação do relatório de actividades de 1989, vão ser debatidas algumas alterações do regulamento de provas.

Entretanto, no próximo sábado vão decorrer os campeonatos regionais absolutos de halterofilismo, prova apenas vedada aos atletas do escalão de iniciados, estando inscritos 98 atletas, 64 na zona sul (prova que vai decorrer no Luso Futebol Clube, no Barreiro) e 34 na zona norte (Sport Clube da Lavos, na Figueira da Foz).

Os primeiros classificados e as duas melhores marcas em cada categoria de peso qualificam-se para o campeonato nacional absoluto, marcado para 10 de Fevereiro.

GOLFE: o segundo torneio aberto da temporada da Federação Portuguesa de Golfe, a disputar no fim-de-semana em Tróia, terá a participação de 98 jogadores, novo recorde de concorrentes da prova.

Este torneio será também a primeira prova do Circuito Espírito Santo, apurando-se os cinco primeiros classificados para a finalíssima, a disputar em Dezembro.

Entre os 98 concorrentes contam-se todos os campeões nacionais, com destaque para António Castelo (absoluto), Henrique Paulino (júnior), Filipe Salazar de Sousa (primeiras categorias), e ainda Pedro Nunes Pedro, João Pedro Carvalhosa e José Correia.

No escalão feminino participam também as melhores amadoras portuguesas, desde Graça Medina e Teresa Abecasis, Patrícia Nunes Pedro e Patrícia Roquete, e as irmãs Ana e Cláudia Dantas.

ATLETISMO: alguns dos melhores atletas mundiais de fundo e meio fundo vão concentrar-se no Algarve no dia 4 de Fevereiro para disputarem na pista da Aldeia das Açoteias a 27.ª edição da Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato e o 14.º Cross Internacional das Amendoeiras.

Cerca de 20 equipas que constituem a fina flor do atletismo europeu, entre elas o Sporting, Bergamo, AV Toskomst (Bélgica) e Tipton Harriers (Inglaterra) participam na Taça dos Campeões Europeus para decidirem o título de 1990.

No Cross Internacional das Amendoeiras, na prova masculina, estão confirmados atletas de grande gabarito tais como os portugueses Ezequiel Canário, João Campos, António Leitão, os italianos Alliegro Rafaello, Grigio Mauro, os polacos Ostrowski Henryk, Ostrowski, e o belga Vincent Rousseau, entre outros.

Dirigente portista Reinaldo Teles ao ataque

«Futebol português é a família Forsythe!»

Andam incandescentes os diferentes vectores que confluem para o interior da direcção dos «dragões», com as acusações do presidente vimaranense ao jogador André a serem formalmente repelidas pelo executivo das Antas, mas o castigo uefeiro (interdição por um jogo do estádio azul-branco) a criar grande clivagem entre figuras gradas da colectividade.

Reinaldo Teles, chefe do Departamento de Futebol do FC Porto, classificou de «*novo capítulo da encenação montada pelos vimaranenses*» a pretensão de uma eventual suspensão do jogador portista André.

Pimenta Machado, presidente do Vitória de Guimarães, afirmara, em declarações públicas, estar disposto a recorrer ao artigo 45 do Regulamento de Disciplina da FPF, com vista a determinar se houve ou não intencionalidade de André no lance que provocou lesão grave ao vimaranense René. O artigo 45 prevê a aplicação de uma pena de suspensão ao atleta que provoque intencionalmente um dano físico grave igual ao tempo de paragem de actividade do jogador agredido.

«*Sentimo-nos ofendidos com este tipo de posições, em que se pretende banalizar jogadores de nível europeu, comparando-os aos muitos que continuam a chegar a Portugal nos porões de petroleiros*», lamenta Reinald Teles, acrescentando que a atitude dos dirigentes vimaranenses «*deve enquadrar-se num contexto mais vasto, em que é notória uma reacção generalizada de hostilização ao FC Porto*», que terminou a 1.ª volta do campeonato de futebol da divisão principal ocupando o lugar cimeiro da respectiva classificação, com um ponto de vantagem sobre o Vitória de Guimarães, dois sobre o Benfica e quatro sobre o Sporting.

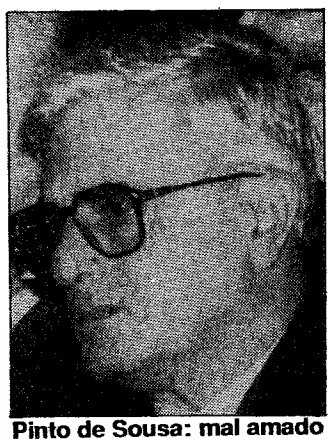
Ataque indirecto a Pinto de Sousa

«*Para quem esperava, no início da temporada, que estivéssemos hoje a disputar com o Vitória de Setúbal e o Belenenses um lugar na Europa, a posição do FC do Porto é bastante incómoda e suscita reacções próprias de quem quer emendar contas que fez precipitadamente*», afirma Reinaldo Teles.

Em entrevista que concedeu à agência Lusa, Reinaldo Teles sublinhou o facto de os dirigentes portistas se terem remetido durante cinco meses quase ao silêncio, *no intuito propositado de não contribuir para ambientes exaltados em torno do campeonato. «Os pontos conquistados têm sido a resposta mais adequada aos ambientes hostis e agressivos que temos encontrado em quase todos os campos onde nos deslocamos»* acrescentou.

«Perante o incómodo que o FC do Porto constitui, nesta altura do campeonato, para algumas figuras do mundo do futebol, mão ficaremos surpresos se alguém aparecer a pedir a anulação do campeonato caso o Benfica e o Sporting continuem a perder pontos ou, então, a substituição de Lourenço Pinto por aquele que, no ano passado, devido ao seu critério de nomeações, garantiu ao Benfica o título de campeão nacional», comentou Reinaldo Teles, dizendo depois: «*A má vontade e inveja que alguns dirigentes e responsáveis pelo futebol nutrem pelo FC Porto, tira-lhes a clarividência, ao ponto de os fazer cair no ridículo de até felicitarem publicamente árbitros que assinalam «penaltes» contra os seus próprios clubes mas em favor do «seu clube de sempre» por faltas cometidas fora da área*».

Pinto da Costa e Reinaldo Teles: lado a lado



Pinto de Sousa: mal amado

Lisboa invejou subida de Artur Jorge

Manifestando-se «*um dirigente a quem o adversário obrigou a passar frontalmente ao ataque, em defesa do meu clube*», Reinaldo Teles garante que «*não será fácil fazerem de nós os parentes pobres desta família Forsythe que é o futebol português*». E adiantou que o FC Porto «*está motivado para enfrentar todas as contrariedades que vão surgir na 2.ª volta do campeonato, até porque já nos habituámos a enfrentar grupos organizados, pagos por alguns clubes de Lisboa*».

O dirigente portista considera «ridículas» afirmações ou suspeições que colocam Lourenço Pinto (actual responsável máximo da arbitragem) «ligado» ao FC Porto, interrogando se deverão também ser estabelecidas «ligações» nos casos passados de Pinto de Sousa, e actuais de Dinis Monteiro ou Porfírio Alves. A propósito, desafia «*quem quer que seja a apontar um único jogo em que o FC Porto tenha ganho com a ajuda de terceiros*».

No entender do dirigente das Antas «*existe toda uma legitimidade para pensarmos que o procedimento hostil dos nossos adversários vai aumentar até ao encontro com o Benfica, no Estádio da Luz, no intuito de nos ser criado ambiente desfavorável*». Segundo o chefe do departamento de futebol portista, a uma «*certa desorientação*» dos adversários do FC Porto, face aos resultados actuais da equipa, «*veio juntar-se mais recentemente a inveja e preocupação de alguns «timoneiros» de Lisboa, devido à designação do treinador Artur Jorge como responsável máximo da selecção nacional de futebol*».

«Comédia vimaranense»

Instado a pronunciar-se sobre notícias recentes acerca da gestão financeira do clube, o chefe do departamento de futebol classificou-as de «*mais uma cabala*», frisando que «*não é nosso hábito responder a notícias cujas fontes não estão identificadas, nem responder a pessoas sem rosto*».

Ainda sobre os acontecimentos que rodearam o jogo com o Vitória de Guimarães (no Estádio das Antas) Reinaldo Teles considerou «*ter sido uma comédia de Pimenta Machado, que teve no seu treinador principal o melhor actor*». E afirmou, a propósito: «*Estou preocupado em saber como é que o treinador Autuori vai encarar os filhos, depois de ter sido castigado pela Federação, com uma punição que o próprio reconheceu justa*».

A terminar, Reinaldo Teles garantiu «*estar o FC Porto bem de saúde, apesar de 90 por cento dos portugueses serem contra o clube, independentemente de pertencerem ao Benfica, Sporting ou Boavista*».

Lusa/«DL«

Portistas em choque

Alexandre Magalhães contesta Reinaldo Teles e Pinto da Costa

Em reacção a declarações tornadas públicas pelo presidente portista Jorge Nuno Pinto da Costa e pelo vice-presidente Reinaldo Teles, que endossaram para o seu ex-colega Alexandre Magalhães a responsabilidade dos problemas que rodearam o árbitro suíço que dirigiu a partida entre os «dragões» e o Hamburgo (que afastou os azuis-brancos da caminhada uefeira) recebemos de Alexandre Magalhães o seguinte comunicado:

A propósito das notícias vindas a público, nos passados dias 21 e 23 de Janeiro, em que me é atribuída a responsabilidade de ser o causador voluntário da interdição do Estádio das Antas, pelos incidentes ocorridos no último jogo efectuado entre o FC Porto e o Hamburgo, desejo afirmar, peremptoriamente, que são falsos os factos e insinuações proferidos pelo sr. Reinaldo Teles e que foram veiculados, depois de os assumir como verídicos, pelo sr. Jorge Nuno Pinto da Costa. Aliás, tais factos constituem peças de um processo que visa denegrir a minha imagem como sócio antigo e honorário do clube, seu antigo atleta e ex-dirigente, junto da massa associativa do FC Porto, e, ainda, denegri-la como profissional íntegro e cidadão cumpridor. Não posso nem devo, assim, e porque foi posta em causa a minha integridade e idoneidade, deixar de, no local próprio — foro judicial — responsabilizar os autores de tais afirmações, torpes e difamatórias pelos graves e elevados danos morais, profissionais, associativos e sociais, cujos efeitos já se sentiram mas de que não é, ainda, possível determinar toda a sua extensão.

Queria deixar bem claro o inequívoco que a minha resposta ao contencioso que me foi aberto e não foi por mim querido - é imperativo da minha consciência ética e determinada, também, pela salvaguarda do respeito e dedicação que sempre tive e mantenho pelo grande clube que é o FC Porto.

«Pontos quentes» sobem ao plenário

Processo relativo ao «caso-Paulo Autuori» será reaberto por imposição do dirigente Dinis Monteiro

A reunião do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol prometia ser escaldante, já que estava previsto o «esclarecimento» dos confrontos de ideias e de opiniões expressas publicamente pelo presidente Lourenço Pinto e pelo «vice» Dinis Monteiro. Recorde-se que Lourenço Pinto veio à praça pública fazer graves acusações sobre o comportamento do treinador Paulo Autuori, no final do encontro Porto - Guimarães, tendo saltado à liça, o «vice» Dinis Monteiro, desmentindo o líder quando à afirmação feita por aquele ante as camaras televisivas, de que Autuori entrara no recinto do jogo com propósitos agressores na pessoas do árbitro Francisco Silva. A atitude de Lourenço Pinto foi vivamente contestada, tanto mais que, na sua qualidade de advogado, lhe cumpria o silêncio, sobretudo até que o Conselho de Disciplina analisasse o relatório arbitral, tendo Dinis Monteiro contestado com vigor os preceitos seguidos pelo seu parceiro do executivo.

A fricção de ideias fazia supor que os colegas de Lourenço Pinto encostassem o líder à parede, constando mesmo que aquele se limitasse à mera «presidência honorífica», deixando a liderança do executivo confiada aos companheiros.

Nada disso sucedeu, porque as demais questões agendadas ocuparam o tempo disponível para a sessão e a importância do assunto impõe que seja analisado em plenário. É isso que irá suceder no dia 10 de Fevereiro, tanto mais que Dinis Monteiro não abdica do seu direito de ver o assunto totalmente clarificado. «*Houve dualidade de critérios em relação ao processo de Paulo Autuori e de outros dois processos recentes, pelo que se explica a necessidade de proceder à reabertura dos casos, como forma de defender a verdade desportiva e os agentes desportivos envolvidos*». Esta é a posição de Dinis Monteiro, referida no final da sessão. Uma posição que não terá aceitação da totalidades dos seus colegas do executivo, que ele compreende ao afirmar ter «*o maior respeito pelos meus colegas, mas neste momento a minha opinião é diferente de alguns deles. O que eu não posso é aceitar vergonhosas dualidades de critérios.*»

Curiosamente, o dr. Lourenço Pinto quedou-se no mutismo. «*Desculpe mas não presto qualquer declaração*« foram as suas palavras para o repórter do «DL». Uma atitude que se estranha, no momento em que lhe cumpria responder perante uma tomada de posição generalizadamente criticada. O silêncio de agora contraria as palavras de ontem.

Insígnias para sete

Em cerimónia muito concorrida (lamente-se a ausência de qualquer representante da Associação de Futebol de Lisboa) foram entregues as insígnias da FIFA aos árbitros Vítor Correia, Rosa Santos, Carlos Valente, Francisco Silva, Veiga Trigo e ao «debutante» Pinto Correia, que passa a ocupar a vaga deixada por Alder Dante. O bracarense Fortunato Azevedo não esteve presente (por motivo de doença) mas a sua insígnia ser-lhe-á entregue oportunamente.

Pinto Correia: «debutante» de insígnia ao peito

Na berra, esteve Valentim Loureiro quando, convidado a entregar o galardão a Francisco Silva, afirmava (no seu estilo irónico) que deveriam ter convidado Pimenta Machado para tal encargo.

Entre os presentes, destaque para João Rodrigues (andará amuado com os jornalistas?), Ribeiro Magalhães, Gaspar Ramos, Carlos Queirós, Amândio Carvalho, Pimenta Machado, Valentim Loureiro, Adriano Pinto, Gilberto Madail, fernando Marques, Porfírio Alves, António Ribeiro (presidente da Associação Portuguesa de Árbitros de Futebol), e Tomás Baltasar. •

Lourenço Pinto (ele e João Rodrigues tiveram intervenções circunstânciais) manifestou a esperança de muito brevemente poder anunciar o nome do árbitro português que estará presente na fase final do campenato mundial. «*Uma coisa será certa. Um destes sete admiráveis servidores do futebol será o representante de Portugal no grande acontecimento futebolístico*». Rosa Santos, abordado pelo reporter do «DL», afirmou que (oficialmente), não recebeu qualquer indicação de que será ele o eleito pela Comissão de Arbitragem da FIFA. Mas a não ser o juiz alentejano, só poderá ser escolhido Vítor Correia ou Carlos Valente: e isto apenas porque têm sido os mais solicitados, tanto pela UEFA como pela FIFA. No dia 31 se saberá.

Alves Henriques

B R E V E S

Stefan Rehn regressou à Suécia

O centro-campista sueco Stefan Rehn deixou o Everton, da Liga Inglesa de Futebol, e assinou um contrato por dois anos com o IFK Gotemburgo.

O jogador, que apenas alinhou durante os 90 minutos num encontro, desde que se transferiu do Djurgarden, no verão do ano passado, queixa-se de que tem ficado no «banco» desde que Colin Harvey assumiu o comando da equipa. «*Perdi dinheiro nesta transferência, mas por outro lado ganhei a possibilidade de jogar na equipa da Suécia no mundial de Itália*», afirmou o jogador, que desde o Outono não é chamado à selecção.

O Gotemburgo recusou revelar a verba envolvida na transferência, mas a Imprensa sueca refere que o clube pagou 275 mil libras (68 mil contos) ao Everton. O clube inglês pagará 400 mil libras (100 mil contos) por Stefan Rehn.

Bota de Ouro para Preud'Homme

O guarda-redes Michel Preud'Homme, da selecção nacional e do Mechelen, da primeira divisão do campeonato de futebol da Bélgica, foi designado como o «bota de ouro», atribuída ao melhor futebolista do ano.

Predu'Homme (30 anos) ganhou o troféu com 386 votos, atribuído por um júri constituído por jornalistas, dirigentes de equipas, árbitros e treinadores. Na segunda posição ficou Marc Emmers, companheiro de equipa do Preud'Homme, com 209 votos, ficando Marc Degryse, do Anderlecht, em terceiro, com 177 pontos.

Preud'Homme ganhara já o troféu há dois anos, enquanto Leo Clijsters, outro jogador do Mechelen, ganhou a «bota de ouro» em 1980.

«Hooligans» preocupam dirigentes italianos

As forças policiais italianas foram avisadas de que cerca de 500 «hooligans» ingleses se devem deslocar em Junho a Cagliari, na Sardenha, para assistir aos jogos do mundial de futebol em Itália. «*Fomos alertados para o facto de cerca de 500 «hooligans» ingleses deverem chegar a Itália para presenciar os encontros da sua selecção*« — revelou Giancarlo Ruffino, secretário do ministro do Interior, de Itália.

Segundo aquele responsável, prevê-se a chegada à Sardenha para assistirem ao mundial cerca de nove mil adeptos da selecção inglesa, oito mil da holandesa, mil da irlandesa e apenas algumas centenas de apoiantes da turma egípcia.

Ruffino destacou que uma Polícia especial estará em permanente vigilância para detectar os «hooligans» entre os milhares de adeptos das diversas selecções, devendo esta intervir ao menor sinal de violência dos forasteiros.

Inglaterra, Holanda, República da Irlanda e Egipto formam o grupo «F» da fase final do mundial.

assim vai o totobola

Penalti: 212 111 111 2122; O Jornal de Amarante: 2XX 111 111 XXXX; Jornal da Beira: 2X2 111 11X 11XX; Cardeal Saraiva: 212 XX1 11X 1X21; Algarve Desporto: X1X 1X1 X22 11XX; Ronda Desportiva: 2XX 111 122 12XX; Correio de Coimbra: 212 111 1XX 1X1X; Correio do Vouga: 21X 111 X11 1X11; A Defesa: 2XX 111 11X 1XXX; Defesa de Espinho: 21X 111 1XX 11X2; Diário de Coimbra: 212 111 11X 12XX; O Diário: 212 1X1 111 1X1X; Diário de Lisboa: 2XX 111 111 12XX; Diário de Viseu: 212 111 1XX 2122; O Distrito de Portalegre: 212 1X1 11X 1122; Rádio Nova Antena: 221 1X1 1XX 21XX; Folha de Domingo: 2X2 111 X11 1X22; Ecos de Cacia: 212 1X1 11X 11X2; Eu Sei Tudo: 21X 111 112 2X22; O Jornal de Felgueiras: 212 111 11X 1XXX; Rádio Guarda: 2X2 X12 1XX 212X; Rádio Totobola: 2XX 111 XX1 X122; Linhas de Elvas: 222 11X 1X1 1XX1; Litoral: 222 111 11X 2122; Jornal da Lixa: 2XX 1XX 1XX 1X21; Maria da Fonte: 2X2 111 11X 11X2; O Mensageiro: 2XX 111 111 X11X; No Estúdio e no Estádio: 212 111 211 122X; Notícias de Chaves: 21X 111 XX1 1X22; Notícias de Felgueiras: 212 111 11X 1XXX; Notícias de Gouveia: 22X XXX 1X1 1121; Notícias de Guimarães: 212 111 1X2 1X22; Notícias de Viseu: 212 11X XX1 X122; Semanário da Região Bairradina: 2XX 111 X11 12XX; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 2XX 111 11X 1XXX; Bom Dia: 212 1X1 112 1X21; Jornal de Santo Tirso: 2XX X11 121 X121; A Voz do Domingo: 2XX 111 1XX 11X1; Voz de Lamego: 212 111 X11 2X12; Desporto/Rádio Guarda: 22X 221 122 XX11; Contacto/Rádio Guarda: 2X2 111 112 122X; Meia Tarde: X22 XX1 11X 1XX1; Encontro Com a Manhã: 2XX 111 111 X12X; Convidámos Para Lanchar: X11 XXX 1XX 12X2; Sons da Madrugada: 212 111 11X 111X; Tarde Desportiva: 212 XX1 1X1 X122; Livre e Directo: 2XX 11X X11 1X2X; Um Caso Por Semana: 22X X11 XXX 1112; Foi Notícia: X2X X11 X22 1221; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 22X 1X1 12X X21X; Cultura e Recreio: 212 11X 1XX X12X; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 2X1 111 111 X1XX; Diário de Aveiro: 212 111 11X 1X21; Rádio Viriato: 2XX 111 11X 1112; Jornal de Notícias: 21X 1X1 112 2XX2; Jornal da Graça: 2X2 11X 11X X12X; A Voz dos Ridículos: 211 111 111 1X11; Jornal de Gaia: XX2 111 1XX X2X2; O Comércio de Leixões: 212 111 1XX 1222; De Tudo Um Pouco: 2X2 111 111 1X2X; Resenha Desportiva: 2X2 11X 111 11XX; Quadrante Norte: 212 111 11X XX2X; Alvo Suplemento: 222 11X 1XX 1221; Alvo: XXX 111 111 XXX2; Rádio Alvo: 211 11X 1XX 1111; Alvo Desportivo: XXX 111 111 1XXX; Tempo de Desporto: 222 1X1 1XX 1222; Rádio Comercial/Secção Desportiva: 2XX 111 11X X122; Tempo e Resultados: 2X2 11X 1X1 1XXX.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 4/90 DE 28 DE JANEIRO DE 1990

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (a) 1	BOLAS (a) X	BOLAS (a) 2
1. Nacional - Porto	0	7	62	1	1	11
2. Guimarães - Sporting	30	28	11	5	5	2
3. Setúbal - Benfica	5	28	36	1	5	6
4. Boavista - Tirsense	59	9	1	10	1	1
5. U. Madeira - Feirense	53	15	1	9	2	1
6. E. Amadora - Braga	56	12	1	9	2	1
7. Belenenses - Marítimo	57	11	1	9	2	1
8. Beira Mar - Portimon.	40	23	6	7	4	1
9. Penafiel - Chaves	26	34	9	5	6	1
10. Leixões - G. Vicente	46	15	8	8	3	1
11. U. Leiria - Académica	28	28	13	5	5	2
12. Mangualde - Salgueiros	12	26	31	2	5	5
13. Lusitano - Louletano	15	30	24	3	5	4

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ: 212 111 11X 11ouX2X

I Série N.º 21
Dia 25 de Janeiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Portaria n.º 60/90:
Estabelece que os cidadãos do sexo feminino possam, em condições de igualdade com os cidadãos do sexo masculino, candidatar-se a prestar serviço militar efectivo nos quadros permanentes da Força Aérea.

Ministério das Finanças

Declaração:
De terem sido autorizadas alterações no orçamento do Ministério para o ano de 1989 no montante de 75 518 500 contos.

Ministério das Finanças e da Indústria e Energia

Portaria n.º 61/90:
Alarga o quadro de pessoal do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial.

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 35/90:
Define o regime de gratuitidade da escolaridade obrigatória (revoga o artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 301/84, de 7 de Setembro, cuja redacção foi alterada pelo artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 243/87, de 15 de Junho).

Tribunal de Contas

Resolução n.º 1/TC-I/90:
Aprova o Regulamento do Tribunal de Contas.

Resolução n.º 2/TC-I/90:
Aprova instruções relativas à organização das contas de gerência dos serviços e organismos sujeitos à jurisdição do Tribunal de Contas, nos termos da Lei n.º 86/89, de 8 de Setembro.

Departamento de Comunicação Social — UNL
Sindicato dos Jornalistas

CURSO DE CURTA DURAÇÃO

SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

15 de Janeiro a 7 de Fevereiro de 1990
(2.as e 4.as feiras)

Inscrições no Sindicato dos Jornalistas
Rua dos Duques de Bragança 7, 2.º — Lisboa

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - céu muito nublado. Vento moderado de Oeste soprando por vezes forte. Períodos de chuva passando a aguaceiros a partir do fim da tarde.
Regiões do Centro: - céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste. Períodos de chuva fraca.
Regiões do Sul: - períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Períodos de chuva fraca para o fim do dia.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado
No Funchal, céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

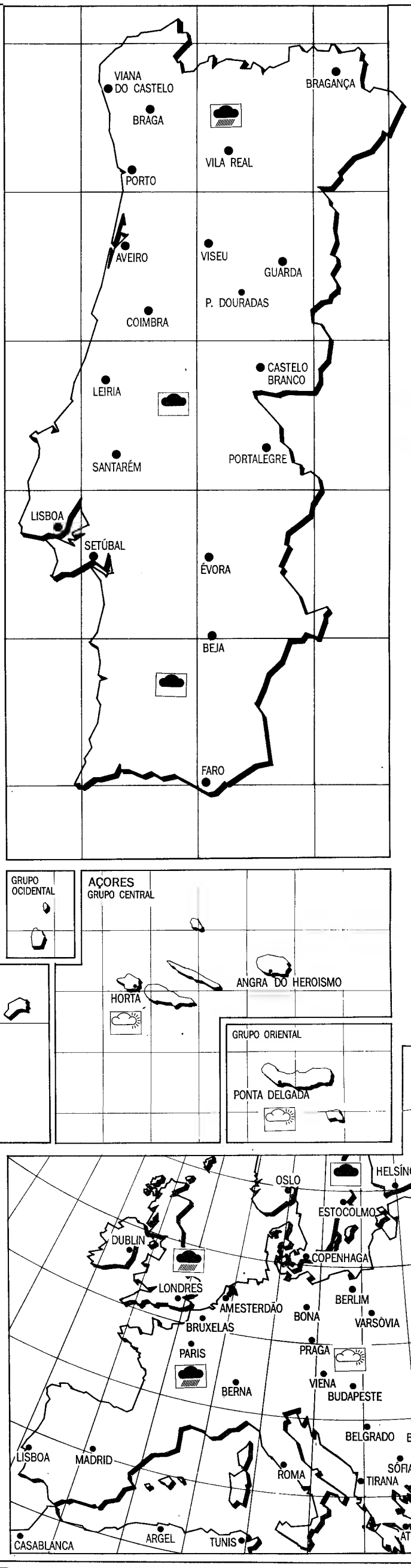
AÇORES

Grupos Ocidental e Central: - céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste rodando para Noroeste a partir da tarde. Períodos de chuva fraca passando a aguaceiros. Pequena descida da temperatura máxima.
Grupo Oriental: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste rodando para Noroeste. Aguaceiros fracos para o fim do dia.

Amanhã
No Continente:
nas regiões do Norte: céu muito nublado. Vento moderado de Oeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros para o fim do dia. Pequena descida da temperatura.
Regiões do Centro:- Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste. Aguaceiros fracos que serão de neve na Serra da Estrela. Aumento da nebulosidade para o fim do dia com períodos de chuva. Descida da temperatura.
Regiões do Sul: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Pequena descida da temperatura.

Depois
No continente:
Regiões do Norte: - céu muito nublado. Vento Oeste fraco ou moderado. Aguceiros passando a períodos de chuva para a tarde.
Regiões do Centro e Sul: - céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado. Aguaceiros em especial nas regiões do Centro e que passarão a períodos de chuva para o fim do dia. Queda de neve na Serra da Estrela.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
02.14	3,5m	07.56	1,0m
14.40	3,4m	20.06	1,0m

Amanhã

02.53	3,6m	08.33	0,8m
15.16	3,5m	20.43	0,8m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	10	10	Chuvisco
V. Castelo	13	14	M. nub.
Vila Real	10	10	Encoberto
Porto	12	14	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	12	12	Chuvisco
C. Carvoeiro	14	15	Encoberto
C. Branco	11	11	Chuvisco
Portalegre	10	10	Nevoeiro
Lisboa	12	13	Encoberto
Évora	11	11	Neblina
Beja	11	11	Encoberto
Faro	13	13	Encoberto
Sagres	14	14	Encoberto
P. Delgada	14	15	P. nub.
Horta	15	16	P. nub.
Funchal	13	13	P. nub.
Sines	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 15; Porto, 15, Faro, 16; P. Delgada, 17; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	2	5	Nevoeiro
Londres	5	11	Chuva
Paris	6	10	Chuva
Bruxelas	4	6	Chuva
Amesterdão	5	6	Chuva
Genebra	6	7	Chuva
Roma	7	11	M. nub.
Oslo	-5	-4	P. nub.
Copenhaga	2	2	M. nub.
Estocolmo	1	1	M. nub.
Berlim	2	3	P. nub.
Viena	2	3	P. nub.
Varsóvia	1	3	M. nub.
Atenas	7	8	Neblina
Moscovo	0	1	Neve

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	1	2	Neve
Houston	5	15	Limpo
Los Angeles	8	24	Limpo
Montreal	1	4	Chuva
Nova Iorque	7	15	Chuva
S. Francisco	7	18	Limpo
Toronto	-1	5	Chuva
Vancover	-10	-2	P. nub.
Washington	7	10	Aguaceiros
Hong Kong	8	14	M. nub.
Melbourne	20	33	Limpo
Pequim	-10	-4	Limpo
Perth	15	28	Limpo
Singapura	24	32	Limpo
Sydney	18	26	Limpo
Tóquio	0	5	V. forte
Wellington	10	21	Aguaceiros

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Alvalade - Estados Unidos:** Rio Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 881409; **Areeiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Baixa:** Durão, Rua Garrett, 90, Tel. 3476185; **Baixa:** Cortez, Rua São Nicolau, 93, Tel. 325378; **Benfica:** União Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 700092; **Campo de Ourique:** Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A, Tel. 686176; **Intendente:** Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51, Tel. 547838; **Marquês da Fronteira:** Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **Restelo:** Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C, Tel. 610741; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque D'Ávila, 125, Tel. 545225; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7584144; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 966540; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alameda - Chile: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A, Tel. 521269; **Areeiro - Praça de Londres:** João XXI, Av. João XXI, 16-A, Tel. 886462; **Boa Hora:** Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 3631958; **Castelo:** Silva, Calçada Santo André, 16, Tel. 862674; **Entre Sete Rios e 2.ª Circular:** Da Luz, Estrada da Luz, 124-A, Tel. 7263179; **Estrela:** Gama, Calçada da Estrela, 130, Tel. 660339; **Feira Popular:** Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, Tel. 763016; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant. Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias, Urban. Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Fuerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Amadora, P. 25 de Abril, 3-A, Tel. 4935518. Permamente; Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Até às 22 h; **Damaia:** Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 4932756. Até às 22 h; **Queluz:** Gil, Av. Miguel Bombarda, 28, Tel. 4350117. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5, Tel. 9243693. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 92114103. Até às 22 h; **Mercês:** Clarro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA BANDA

Almada: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; **Cova da Piedade:** Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Ferreira & Pilar, Av. República, Tel. 2073035. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, R. Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E. N. 10, Bloco A, Loja A, Paivas, Tel. 221682. Permanente; **Seixal;** Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h; **Montijo:** União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 22 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 766171 766178 766179

HÁ 20 ANOS

SIKHS E HINDUS DIVIDIDOS POR CAUSA DO PUNJAB (PAÍ...

Diário de Lisboa

IRLANDA DO NORTE

Território ocupado

...SEGUNDO O MINISTRO IRLANDÊS DA JUSTIÇA

Manifestações em Barcelona contra o Regime

Irlanda do Norte - território ocupado

«A Irlanda do Norte é um território ocupado por forças militares inglesas» -declarou o ministro da Justiça de Dublin, Moran, numa entrevista publicada pelo diário "Las Palmas", Canárias, onde está a gozar um curto período de férias. Para Moran, «aquele território é realmente uma base inglesa, que custa a Londres 500 milhões de libras esterlinas por ano.» Afirmou ainda o ministro que «se fosse feita uma consulta popular sobre a reunificação, o resultado seria favorável a uma Irlanda unida, dentro da qual os protestantes teriam o mesmo direito a serem respeitados que os católicos.»

Barcelona - contra o Regime

O dia de sábado foi fértil em incidentes na cidade de Barcelona e seus arredores. Mais de cem pesssoas gritaram frases hostis ao regime e distribuiram panfletos assinados pelas «Comissões Operárias» (sindicatos clandestinos). Porém, antes que a Polícia tivesse tempo de intervir, os manifestantes desapareceram. As forças da ordem apanharam em flagrante quatro pessoas colando cartazes subversivos nas fachadas de edifícios da capital catalã - e prenderam-nas.

A fachada veio abaixo

Um velho prédio da Avenida 5 de Outubro, que o sismo de Fevereiro deixara bastante abalado, não resistiu aos efeitos das chuvas de hoje e desmoronou-se fragorosamente esta manhã. Felizmente, não houve vítimas, embora todos os locatários, na sua maioria hóspedes de modestos recursos, considerem praticanmente perdidos os seus haveres.

EFEMÉRIDES

1882

• Nasce a escritora inglesa Virginia Woolf

1935

• Nasce, em Alcains (Castelo Branco), António Ramalho Eanes, eleito 15.º Presidente da República Portuguesa, em 27 de Julho de 1976 e reeleito a 7 de Dezembro de 1980.

1947

• Morre, em Miami (EUA), o gangster norte-americano «Al Capone».

1981

• O avião «Freedom One», com os 52 reféns norte-americanos a bordo, chega a West Point, Nova Iorque, procedente da RFA. Os reféns suportaram 444 dias de cativeiro no Irão.

1983

• Morre o realizador cinematográfico George Cukor.

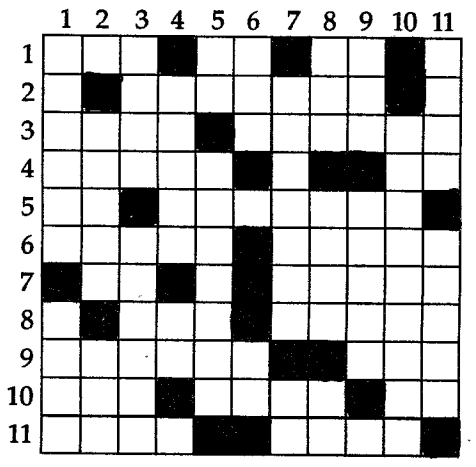
1985

• Uma explosão de gás na Escola Secundária do Cartaxo provoca 17 feridos (16 alunos e uma professora), seis dos quais em estado muito grave.

1989

• O corpo do pintor surrealista espanhol Salvador Dali é sepultado num túmulo de mármore branco no Museu de Figueras.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17844

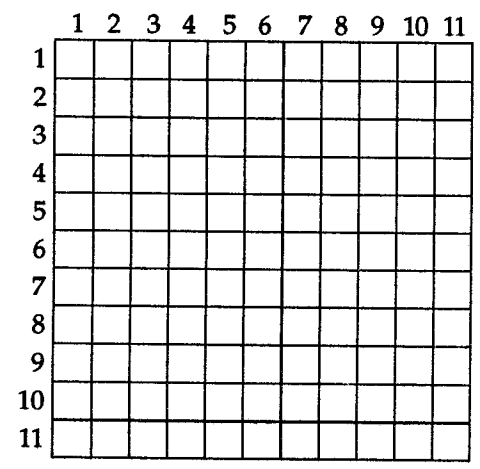
HORIZONTAIS:

1 – Letra grega. Concede. Pronome reflexo.
2 – Residiram.
3 – Gavinhas. Molestara.
4 – Pista. Espera resposta.
5 – Preposição. Empurram.
6 – Cidade do Japão. Soltar balidos.
7 – Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Impeço.
8 – Ente. Nome de flores.
9 – Mastigou sem engolir. Arara.
10 – Empunhei. Ninhos. Brisa.
11 – Fechas as asas para descer mais depressa. Empregam.

VERTICAIS:

1 – Tencionas. Gostas muito de.
2 – Sacerdotes budistas. Agarrei.
3 – Íntimos. Cidade do estado de Minas Gerais.
4 – Aldeia de Itália. Era cristã.
5 – Doutor. O breve e décima quinta letra do alfabeto grego.
6 – Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Interjeição de dor.
7 – Apanhar. Alternativa.
8 – Sadias. Limpo com água. Abreviatura de Santíssimo.
9 – Ave pernalta. Nome de mulher.
10 – Concluíram.
11 – Comprar garrotes de um ano para revender daía dois anos para exportação. Dar a cor da rosa a.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16654

HORIZONTAIS:

1 – Aquele que. Acaricia.
2 – Grito. Inunda.
3 – Habitante de Iasso. Zomba.
4 – Prefixo de privação. Fedor. Içar.
5 – Fêmeas dos leões. Compaixão.
6 – Carta de jogar. Rio da Rússia. Cabelos brancos.
7 – Pequena concha bivalve pertencente a um molusco do género do mexilhão que se encontra no Senegal. Triturava.
8 – Aplanais.
9 – Ratem.
10 – Ligas. Separe.
11 – Patrão. Aulas.

VERTICAIS:

1 – Espécie de inambu. Galispo (ave).
2 – Espécie de lanceiro no exército austríaco, russo e alemão (pl.). Prefixo de negação.
3 – Deusa da Aurora. Irmão de Moisés.
4 – Desagradável (pl.).
5 – Apanhara.
6 – Negativa. Borla de barrete.
7 – Povo antropófago que chegou até ao Congo pelo meado do século XIX. Arsénio (s.q.). Batráquio.
8 – Aleias. Miriare. Reis.
9 – Gálio (s.q.). Mau pago de um benefício (pl.).
10 – Gostais de. Preposição.
11 – Esbelta. Patas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17843

HORIZONTAIS: 1 – FOGE. DO. Cem. 2 – Arrumarão. 3 – Moa. At. Ama. 4 – Vilão. Ois. 5 – Lai. Dras. Re. 6 – Teias. Dor. 7 – Cia. Zoila. 8 – Arrue. Co. Ce. 9 – Oiã. Não. Man. 10 – Asoto. It. 11 – Os. Restasse.
VERTICAIS: 1 – Famalicão. 2 – Oro. Irias. 3 – Gravitaras. 4 – Eu. Or. 5 – MALDIZENTE. 6 – Datarão. Aos. 7 – Or. Oásico. 8 – Ao. Lo. Dá. 9 – COMO. DA. 10 – Airó. Cais. 11 – MD. SERPENTE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16653

HORIZONTAIS: 1 – Asno. MM. Que. 2 – Aa. La. VS. 3 – Riscarão. CC. 4 – Osca. Filtro. 5 – Ir. Intuir. 6 – Ardiam. 7 – Iaci. Aram. 8 – V.º Aramaras. 9 – Uso. Ena! 10 – Asnático. 11 – Perdão. Caãs.
VERTICAIS: 1 – Roma. Vá. 2 – Sais. Rio. De. 3 – Nascida. 4 – Carica. Ad. 5 – La. Airosa. 6 – Marfim. Asno. 7 – Ain. Amua. 8 – Voltará. Tc. 9 – Qs. Tu. Areia. 10 – Cri. Manca. 11 – Escora. Sãos.

PROVÉRBIO: FOGE DO MALDIZENTE COMO DA SERPENTE.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
ENTRE PRIMOS
Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rosselini.
Maiores de 12 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
CHUVA NEGRA
Filme de Ridley Scott c/ Michael Douglas e Andy Garcia.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
CHUVA NEGRA
Com Michael Douglas e Andy Garcia
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
HOMEM APAIXONADO
Filme de Diane Kurys c/ Greta Scachi e Peter Coyote
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore c/Philippe Noiret e Jacques Perrin
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
A SOMBRA DO ASSASSINO
Filme de Robert Kirk c/ Anthony Perkins e Deborah Foreman
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 E 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
OS DISCÍPULOS DE SHAOLIN
Maiores de 13 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
A VICIOSA LAURA
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

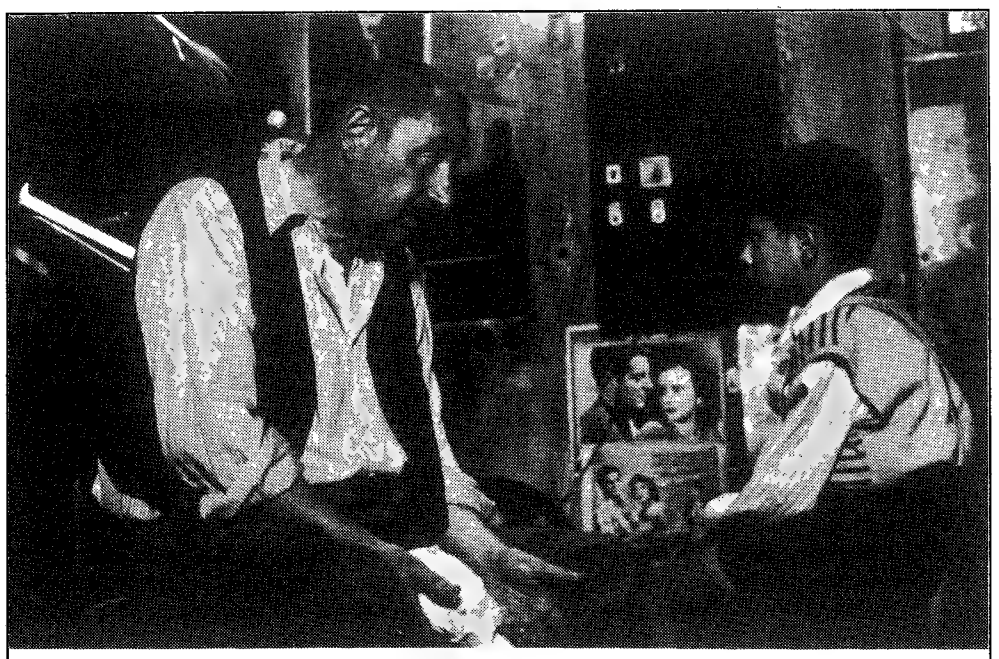
CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
A TURMA DO SEXO
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
OS TRÊS FUGITIVOS
Filme de Francis Veber c/Nick Nolte e Martin Short
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Com Vicent Gardenia e Alyson Reed
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA POR-



Cinema Paraíso **PUB**
Em exibição na sala 4 Quarteto **Filme qualidade** **M/12 anos**

TUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085
CICLO ANOS 60/ANOS 80
SLENTH/1972
De Joseph L. Mankieviez c/ Laurence Olivier e Michael Caine, às 18.30 horas.
BODY HEAT1981
De Laurence Kasdan c/ William Murt e Kathieen Turner, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
HOMEM APAIXONADO
Maires de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
TENNESSEE BUCK E OS SALTEADORES DA TRIBO PERDIDA
Com David Keith e Kathy Shower
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
O ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134

«Clube dos Poetas Mortos» em exibição em várias salas de Lisboa

CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
CÓDIGO COBRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
COMO O CÉU SE ENGANOU
De Emile Ardolino
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
KINJITE - JUSTIÇA Á MARGEM DA LEI
Com Charles Bronson
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

CARTAZ

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
O BAR DO SEXO
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
O DESAFIO DOS CAMPEÕES
Filme de Fritz Kiersch c/Don Michael Paul e Kathleen York
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14..30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
REGRESSO A VIENA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POESTAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
PROFISSÃO. DURO
Filme de Rowdy Herringtony
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
CARATÉ KIDD
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
O ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
Maiores de 18 anos.
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

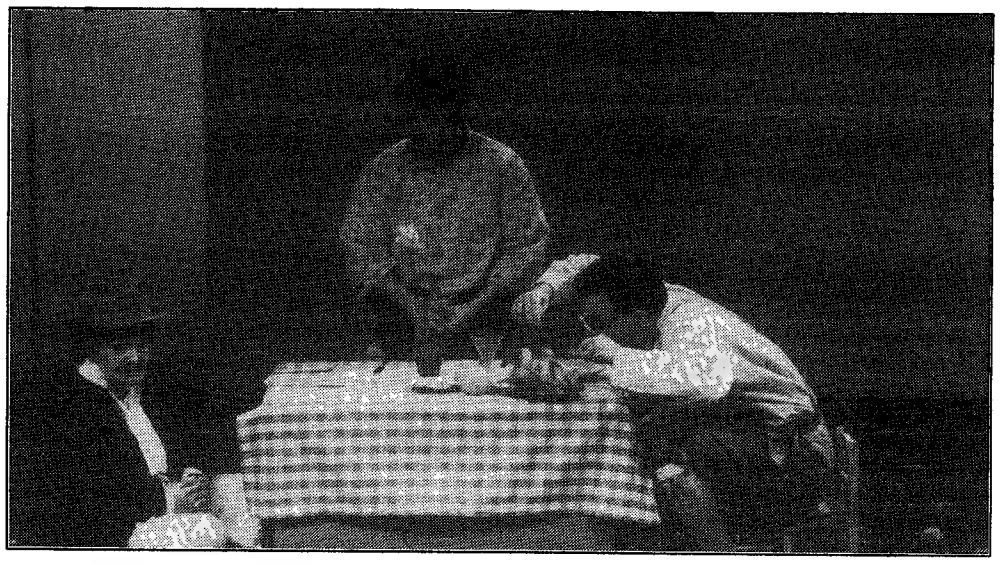
CACÉM- ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
KINJITE-JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas
SALA 2
EM BUSCA DO MARFIM MÁGICO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas

CASCAIS

.OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
CYBORG
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
UMA HISTÓRIA DE VERÃO



Márcia Breia, Adriano Luz e Luis Lima Barreto numa cena da peça "Salada" em exibição no Teatro da Cornucópia

Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
O ABISMO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Telef. 2865027
GOLPE DE VINGANÇA
Maiores de 16 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30; Sáb. Dom. e Feriados às 15.30, 18.00 e 21.30 horas

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
BRAVOS E HERÓIS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO LISBOA

A BARRACA CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 - Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS
Av. Luís Bivar, 91 - Telef. 544389
De 5ª a Sáb. às 21.30; Dom. às 17.00 horas.
LES BATISSEURES D'EMPIRE
De Boris Vian. Encenação de Daniel Beauron.

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanço à 4ªFeira.
SALA 1
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telf. 661515/669205
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. e Feriados às 16 horas.
SALADA
De Tristan Rémy, é um trabalho colectivo dos actores da Cornucópia.

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

.TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866
Sába. e Dom. às 16 horas.
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586

De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas.
ORA BATE...BATMAN'SO

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas ; Dom. às 17 horas.
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

ODIVELAS
TEATRO DA MAL-APOSTA
R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sába. às 21.30; Domingos às 16.00 Horas.
O RENDER DOS HERÓIS
De José Cardoso Pires. Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

PORTO
TEAR
R. do Heroismo, 86 - Telef. 573265.
De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 horas.
JARDIM DAS CEREJEIRAS
De Anton Tchekov, pelo TEAR. Encenação de Rogério de Carvalho.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição perma-

A RAINHA APRESENTA

ARLEQUIM
POLIDO PELO AMOR
de MARIVAUX
ÉVORA
TEATRO GARCIA DE RESENDE
De 26 a 31 no Porto
no Teatro Carlos Alberto às 21.30 h.
Apoios: DESTINFORT RANK XEROX · horas MEDEIROS · DN · O PRIMEIRO DE JANEIRO · Região das Caldas · Rádio Comercial · JL o jornal · A CAPITAL
Teatro da Rainha
Companhia subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura

CARTAZ

nente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: a aexposições "Joias de Ana Campos" e "As Bandeiras do Mês - Portugal Dinamarca". Até Abril ,"Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;

BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa

GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile, constituída por algumas dezenas de obras contemporâneas, representativas das novas correntes artísticas daqueles países e em que estão representados os principais artistas sul-americanos; até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Colecção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos s éculos XVII, XVIII, XIX e XX.

PALÁCIO FOZ: até 2 de Fevereiro, uma exposição fotográfica sobre a etnografia angolana do cneasta António de Sousa.

ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.

ALFA MIXTA (Escola Gerais, 34): até 10 de Fevereiro, de terça a sábado das 14 às 20 horas, Pintura e Escultura de Liane katsuki, Romy Castro, Scoditti, Sobral Centeno e Verónica Nel.

ARTE OBJECTO (R. Francisco Metrass, 8 B): Pintura e tapeçaria de Alba Simões (1ª individual).

CASA DO ALENTEJO: até 28 de Janeiro, diariamente das 10 às 22 horas, Pintura de A. M. Partoja Rojão.

CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.

ESPAÇO INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naïf brasileiro Jorge Viriato.

GALERIA DE ARTE DA RTP (Pelouro da Cultura da Casa do Pessoal da RTP - R. Laura Alves, 2): para inauguração deste espaço, uma exposição de Pintura de Hernani Lopes subordinada ao tema "A Serra é Verde, e Alfama é Azul".

GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 3 de Fevereiro, Fotografia de António José Alegria.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 28 de Janeiro, Fotografia de Mafalda Reis Moore (Branca de Neve) e de Eduardo Nery (Lugares).

GALERIA DN (R. António Maria Cardoso, 41): até 12 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 19 e sábados das 9 às 13 horas, Pintura de Rui Viana.

GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".

GALERIA ESPIRAL (Pª Ilha do Faial, 14 A): Pintura de Luísa Costa Cabral.

GALERIA FONTE NOVA (Estrada de Benfica, 503): até 26 de Janeiro, uma colectiva de Pintura com a participação de Carlos Neto, Fernanda Freitas, Fernando Lory e Urbano.

GALERIA DA GRAVURA (Tv. do Sequeiro, 4 r/c): até 19 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13,30 e das 15 às 19, uma exposição de Helena Mártires.

GALERIA NASONI (Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 9-A): Pintura de Noronha da Costa.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48.A): até 2 de Fevereiro, exposição de homenagem a Tomás Mateus, com venda de algumas das suas obras.

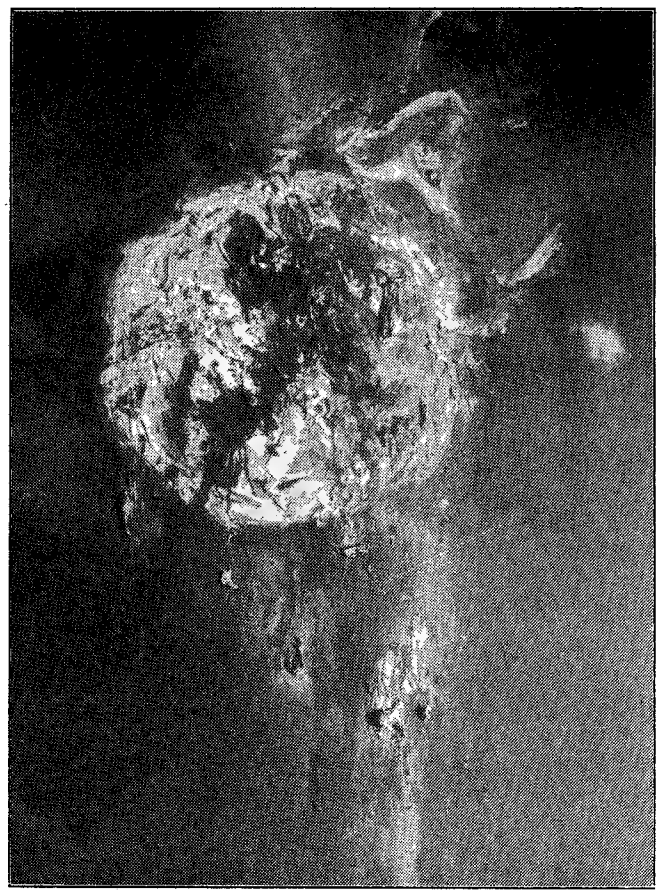
INSTITUTO ALEMÃO (Campo dos Mártires da Pátria, 37): até 7 de Fevereiro, "Aspectos da Fotografia Contemporânea Alemã" com trabalhos de Wilmar Koening e Silke Grossmann..

RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.

GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.

GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.



Pintura de Bual, na Galeria Santa Justa

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 10 de Fevereiro, Pintura de Agostinho Duarte.

GALERIA SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 17 de Fevereiro, de segunda a sexta das 15 às 20 horas, Pintura de Artur Bual.

GALERIA YGREGO (Av. António Augusto de Aguiar, 13C): até 3 de Fevereiro, de segunda a sexta das 9,30 às 20 e aos sábados das 9,30 às 13 horas, Pintura Digital de José Frazão Duarte e Feliciano Morgado.

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição dos cartazes "Trophée Lancôme".

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): até 31 de Janeiro, a exposição de Pintura "Sete Pecados Capitais", produção de Graça passos com trabalhos de Gonçalo Ruivo, Helena Pinto, Jaime Lebre, João Queiroz, Jorge Varanda, José António Cardoso e Miguel Branco. Na Galeria de Arte Moderna, também até ao final de Janeiro, Fotografia de Sérgio Eloy.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (Av. Duque de Loulé, 31): até 26 de Janeiro, "Linhas do Desejo", fotografias de Guilherme Silva.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no estádio (2.º edição) - Informação Desportiva; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz de Roma; **20.45:** Musical; **21.00:** Música Portuguesa; **21.30:** Imaginário. Noticiários intercalares de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

17.00: Novo destaque para o timbre do dia: O duo de violino e piano; **17.30:** Música do Século XX . Sinfonia n.º 3 de Martinu; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 23 quartetos de cordas de Mozart.; **19.33:** Album Musical. - Obras de Mussorgsky, Liszt, Tchaikovsky, Schumann, Beethoven e Bizet; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Concerto Nocturno. Obras de Zoltan Kodaly, Charles-Valentin Alkan, Jan Zach, Samuel Barber, John Ireland e Smetana; **23.00:** Euroradio - Gravações cedidas pela Radiodifusão de Israel; **00.30:** Serão ao Estilo do Século XIX. Obras de Brahms, Glinka, Zani de Ferranti, Wilhelm Gade, Chopin e Berlioz; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **18.45:** Diálogo; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

teatro da cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)

Encenação: colectiva da companhia; **Tradução e montagem do texto:** Luís Miguel Cintra; **Cenário e figurinos:** Cristina Reis; **Montagem:** Fernando Correia; **Interpretação:** Adriano Luz, António Fonseca; Cristina Cavalinhos, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Luísa Cruz, Márcia Breia e Rogério Vieira.

3.ª a sábado às 21.30 — domingo às 16h

Em exibição

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef.: 66 15 15/66 92 05

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de TRINTA DIAS, que começarão a contar-se da data da publicação do segundo e último anúncio citando a requerida Adelina Borges de Abreu Ferreira que teve a sua última residência conhecida na Rua Leite de Vasconcelos, 74, 3.º Dto. em Lisboa, para no prazo de DEZ DIAS findo o dos éditos deduzir oposição ao inventário, impugnar a sua própria legitimidade ou a das outras pessoas citadas e a competênia do cabeça de casal, nos Autos de Inventário Facultativo n.º 6081 — Separação de meações, que corre termos neste 4.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, 3.ª secção em que é requerente Humberto Alves da Fonseca.

Para constar se lavrou este e mais dois de igual teor que vão ser afixados.

Lisboa, 17 de Janeiro de 1990

O Juíz de Direito
Carlos Marcos Rodrigues

A Escrivã Adjunta
Ana Maria Ferreira

DL — 25/1/90 — 2.ª Pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

O Doutor, Fernando Ribeiro Cardoso, Mm.º Juiz de Direito do Tribunal Judicial de Oeiras.

FAZ SABER, que pela 1.ª secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Oeiras, correm seus termos uns autos de Adopção Plena registados sob o n.º 6/89, e que pelo presente ficam citados, AUGUSTO GASTÃO PIRES e EUGÉNIA MARIA ALMEIDA PEREIRA DA CONCEIÇÃO, encontrando-se em parte incerta e com a última residência conhecida, na Quinta do Marquês, 59, em Oeiras, na qualidade de progenitores do menor, PAULO ALEXANDRE CONCEIÇÃO PIRES, de que correm éditos de 30 dias, contados a partir da segunda e última publicação do respectivo anúncio, e findo aquele prazo, têm o prazo de 20 DIAS, para deduzirem, querendo, oposição à adopção plena do menor, PAULO ALEXANDRE CONCEIÇÃO PIRES, requerida neste Tribunal.

Oeiras, 18 de Janeiro de 1990

O JUIZ DE DIREITO

a) Fernando Ribeiro Cardoso

O ESC. ADJUNTO

(assinatura ilegível)

«DL» 25/1/90 — 1.ª Pub.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

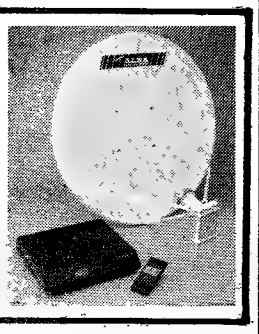
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Teremos hoje a presença de "Virgul", seguida de novos episódios de "A Viagem do Albatroz" e "Kate e Skubanek". Depois, no programa "Vem lá filme", serão apresentadas as últimas novidades sobre filmes infantis e ainda as aventuras do endiabrado Tom Sawyer.
18.30 - RUA SÉSAMO
59º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.11- BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - JUSTIÇA CEGA
3º episódio: Inicia-se o "Julgamento do Século", o de um grupo de activistas do IRA, acusados de terem planeado um ataque de mísseis. Frank é o advogado de defesa de um dos conspiradores de menor importância, Eamon Hand. James Bingham sente um desejo enorme de interferir no caso, mas quando se vê forçado a representar os interesses do líder do grupo e se envolve nas manobras de bastidores, traições, ardis e mentiras, torna-se um indivíduo muito mais experiente, mas muito menos íntegro.
22.50 - 24 HORAS
23.30 - REMATE

RTP-2

16.55 - BENJI E O PRÍNCIPE EXTRATERRESTRE
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17º episódio: Jerzy Kukuczka viu o mundo a partir dos pontos mais altos. Subir às montanhas é o seu desporto favorito e fá-lo sem quaisquer ajudas governamentais ou comerciais. Atitude que contrasta com a do italiano Reinhold Messner, o conhecido "barão" do montanhismo. Dois homens (Jerzy e Reinhold) de duas nações (Polónia e Itália) com o mesmo gosto pelo alpinismo, mas com ajudas e situações económicas diferentes.
17.20 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
26º episódio
18.30 - OS HENDERSON
6º episódio: Steve e Mike querem que Wheeler lhes explique qual a identidade de Aston, enquanto o reitor Barton descobre que houve uma série de roubos na escola, e que as suspeitas recaem em Brains e Andy. Para descobrir quem realmente efectuou os furtos é preparada uma armadilha.
19.25 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina» e "O Homem Invisível"
20.15 - MAGAZINE MUSICAL
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
1º episódio: Diana Canova é a protagonista desta série, que retrata a história de uma mulher que nasceu nos fabulosos anos 50, cresceu na década de 60 e contraiu matrimónio na de 70. Iremos encontrá-la, já nos anos 80, na altura em que se muda para Nova Iorque, com um filho de 12 anos e que começa a trabalhar numa empresa discográfica... Ao lado de Diana Canova, actores como Jonathan Prince, Jane Leeves, Richard Cummings e Paul Walker.
21.50 - SINAIS DO TEMPO

"Emoções" é o título de uma nova série cómica, que o 2º Canal começa a passar logo à noite, às 21.30

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

22.55 - QUINTA DIMENSÃO
09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - GLOSS
14.20 - PALAVRAS CRUZADAS
15.15 - OS PLANETAS
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
18.55 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05- O TEMPO
20.11- DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.20- BOLETIM AGRÁRIO
20.25 - VALE TUDO
21.15 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
21.30 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.20 - TELEMUNDO
22.55 - CHEFE, MAS POUCO
23.20 - 24 HORAS
23.50 - REMATE
24.00 - PELA NOITE DENTRO
"Ruby e Oswald"

RTP-2

15.01 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - 3, 2, 1 CONTACT
17.25 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.05 - HAJA MÚSICA
19.00 - DESPORTO
Campeonato da Europa de fufebol de salão
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ACERTO DE CONTAS
23.30 - ROTAÇÕES
Desporto

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 JUSTIÇA CEGA
RTP 2 SINAIS DO TEMPO
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

«A Alta Autoridade para a Comunicação Social nasce polémica e mal-amada.»

José Magalhães, «Diário Popular», 24.01.90

A PERGUNTA DO DIA

Fernando Real
ministro do Ambiente
e dos Recursos Naturais

— O que é que o Governo vai fazer para compensar os prejuízos causados pela maré negra na Madeira?

—«Foram já estabelecidos contactos com o representante do Clube de Seguradores, com base em Londres, com o objectivo dos prejuízos sofridos com a maré negra de Porto Santo serem imputados às empresas seguradoras do navio-tanque que originou o derrame de crude. Estão a ser realizadas as formalidades legais, para que se obtenha o certificado de prova do derrame, o que permitirá reclamar também as indemnizações, por prejuízos causados pelo acidente, através da mesma via.
A presença, em Porto Santo, de representantes quer da P&I Club (Joseph Nichols) quer de Jean-Ives Huet, técnico da CEE, permitem uma ligação com a Comunidade Europeia na avaliação dos prejuízos causados bem como na inventariação dos danos consequentes da maré negra.»

Sexta-feira no
Diário de Lisboa
«Vantagem do PS na corrida para Belém» - artigo de Fernando Piteira Santos
A corrupção em Portugal em Grande Angular
O cartoon de José Bandeira
O suplemento A MOSCA

Manuel da Costa Brás é o Alto Comissário contra a Corrupção. É coronel de Artilharia, foi ministro e Provedor de Justiça. Tem uma postura discreta e revela-se imbuído de um «espírito de missão»

Corrupção: melhora a qualidade e aumenta o preço

D.L. - Porque é que aceitou ser Alto Comissário?

C.B. - ... Bom, por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, eu prefiro trabalhar em proveito de qualquer coisa que tenha a ver com o País - não sei se me faço entender? -, no sentido muito simples da expressão, do que por exemplo trabalhar numa empresa privada. Por outro lado, existiram motivações que decorrem do perfil exigido ao titular pelo decreto que criou este organismo...

D.L. - E julgava, portanto, que tinha o perfil adequado?

C.B. - Eu não digo que julgasse, o que havia é alguém que julgava. Daí a razão de me terem convidado. O juizo não é meu.

D.L. - O ser militar terá facilitado a sua escolha e, por outro lado, a sua missão?

C.B. - Tenho a consciência que sim.

D.L. - Porquê?

C.B. - Porque há um certo espírito de missão, não estou a repetir chavões, mas há um certo espírito de missão que, naturalmente, condiciona o que tenho feito...

D.L. - Há muita corrupção em Portugal?

C.B. - Posso-lhe responder sob o ponto de vista quantitativo e posso-lhe dizer que é muita e é pouca. Depende mais dos afloramentos do que de uma mensuração que seja real. Nós nunca podemos ter uma ideia que seja perfeita em termos de quantidade... Que existe, sem dúvida.

D.L. - Que tipo de corrupção?

C.B. - Eu penso que passou a ser mais de natureza qualitativa, do que de feição quantitativa. Quer dizer que, no início da actividade deste organismo havia muitas situações de pequeno valor, pequenas questões. Não quer dizer que tenham desaparecido! Com algum cinismo poder-lhe-ia dizer que é como se melhorasse a qualidade e aumentasse o preço. Parece-me que é o que acontece neste momento.

D.L. - Há pessoas que dizem que o Alto Comissário tem poderes excessivos. É verdade?

C.B. - Depende...

D.L. - Por exemplo, o acesso ao sigilo bancário. É um poder excepcional no nosso País...

C.B. - O qualificativo de excessivo dependerá mais da natureza do seu uso do que propriamente da sua detenção...

D.L. - Mas é um privilégio no sentido do desempenho das suas funções...

C.B. - Devo-lhe dizer que é perfeitamente indispensável e digo-lhe mais, não é suficiente.

D.L. - Porquê?

C.B. - Porque há situações cuja averiguação nós deviamos prolongar, não há ninguém que possa prolongá-la e eu situo-me bastante neste campo.

D.L. - O facto de os actos da Alta Autoridade não serem passíveis de recurso é também um privilégio?

C.B. - É um privilégio. Mas a capacidade de recurso existe sempre. Nós conduzimos as averiguações e os resultados são transmitidos a instâncias judiciárias. Está estabelecido na lei e é dos direi-tos constitucionais que o cidadão tem plena capacidade de defesa. Nós aqui, umas vezes ouvimos as pessoas visadas, outras vezes não as ouvimos. O que temos é a garantia de que elas serão ouvidas nas instâncias judiciárias. Portanto, a capacidade de defesa é plenamente proporcionada a quem tenha sido visado pela Alta Autoridade.

D.L. - A Alta Autoridade tem uma natureza transitória. Justifica-se a sua continuidade ilimitada?

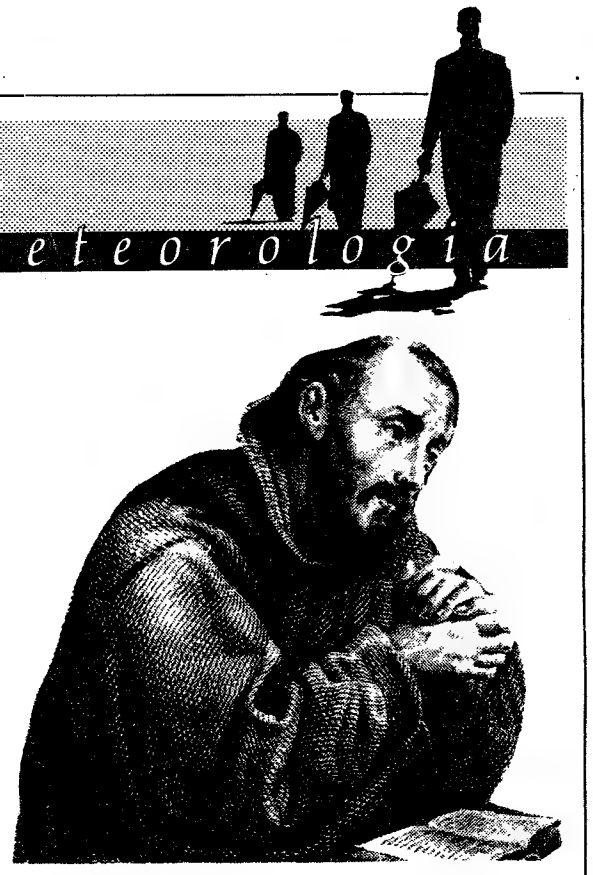
C.B. - Não há nada que defina ou estabeleça a natureza transitória da Alta Autoridade. Apesar disso, é meu entendimento que esse qualificativo lhe pode ser aplicado. Este organismo foi criado como uma medida que teve, e acho que ainda tem, a sua aplicabilidade para fins cívicos. Essa transitoriedade depende das capacidades que ela detém serem transpostas e as acções que desenvolve serem realizadas por outras entidades, no quadro institucional do nosso País.

D.L. - E têm consequências?

C.B. - Tem havido uma evolução nas instâncias judiciárias. Têm sido criadas inspecções sectoriais, tem havido reajustamentos das orgânicas, por exemplo da Polícia Judiciária e do próprio Ministério Público. Eu acho que elas devem ser desenvolvidas com toda a latitude. Sou plenissimamente favorável a isso e de resto manifestei-o junto da Comissão Constitucional em 1986, quando estava em revisão a lei que neste momento nos rege.

A. J. T.

meteorologia



Mea culpa

Em França, francês, em Roma, romano, em Portugal, espectador do programa de Herman José.

Fizeram de mim um português novo, não me castigaram bastante, mal me criaram: aconteceu o que não devia nunca, nunca, nunca acontecer. Nunca.

Não vi. Não vi, não por snobismo, não por um cepticismo qualquer, não por falta de fé, não por cabotinismo no sentido contrário, não por academismo, purismo, reaccionarismo, intelectualismo, não pelo carácter acabrunhado de um triste sir, melancólico-patológico, Hamlet, não por preferir as tabernas, por ter estado a jogar à sueca, por ter um sono irredutível, não por serviço nocturno, por avaria da aparelhagem, por causa de um trabalho inadiável, por sonhar com utopias, não por encontro amoroso, não por estar a ler um policial bestial, não por uma dor de dentes, por gripe, estado febril, etcetera, etcetera, etcetera; não vi, simplesmente.

Não vi *Casino Royal*. Não posso entrar em discussão. Não posso honestamente fazer parte da comunidade, não posso viajar nos transportes públicos ou alternativos, não posso emitir conselhos preciosos aos produtores do programa, não posso prestar depoimentos, não posso telefonar à RTP, não posso acreditar na melhoria, não posso opor-me a José Mocho Monteiro, não posso felicitar a amiga de infância São José Lapa, não posso atacar, não posso defender, não posso poder. Não vi.

Não vi porque me esqueci. Apesar de todo o bombardeamento informativo, apesar de todas as entrevistas, de todas as previsões, de todas as pré-críticas, de todas as capas das revistas, apesar da energia comunicativa da própria RTP, eu, besta, eu distraído, eu mau português, eu ocioso, eu barbudo, eu atrasado em tudo, eu produto bruto, eu mau pagador, eu o parvo da história, eu inimigo da nação e de mim próprio, confesso-me culpado e rogo que me perdoem com caridade cristã.

Um dia hei-de ser gente. Talvez na próxima segunda-feira.

Jorge Listopad

A.M.A. ® Auto Monumental de Arcuro S. A.
CONCESSIONÁRIOS VW AUDI
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 25 DE DEZEMBRO DE 1989. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

A Morte do Pai, conto, pág. 2; Allama Muhammad Iqbal, poeta árabe, pág. 3; Inéditos de António José Forte, pág. 4; Pontos de Partida, Dimíter Anguelov, pág. 5; Crónica de Fernando Guerreiro, pág. 8.

CLARICE LISPECTOR: respirar a água viva

Agora está amanhecendo e a aurora é de neblina branca nas areias da praia. Tudo é meu, então. Mal toco em alimentos, não quero me despertar para além do despertar do dia. Vou crescendo com o dia que ao crescer me mata certa vaga esperança e me obriga a olhar cara a cara o duro sol. A ventania sopra e desarruma os meus papéis. Ouço esse vento de gritos, estertor de pássaro aberto em oblíquo vôo. E eu aqui me obrigo à severidade de uma linguagem tensa, obrigo-me à nudez de um esqueleto branco que está livre de humores. Mas o esqueleto é livre de vida e enquanto vivo me estremeço toda. Não conseguirei a nudez final. E ainda não a quero, ao que parece.

Esta é a vida vista pela vida. Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa.

Equilíbrio perigoso, o meu, perigo de morte de alma. A noite de hoje me olha com entorpecimento, azinhavre e visgo. Quero dentro desta noite que é mais longe que a vida, quero, dentro desta noite, vida crua e sangrenta e cheia de saliva. Quero a seguinte palavra: esplendidez, esplendidez é a fruta na sua suculência, fruta sem tristeza. Quero lonjuras. Minha selvagem intuição de mim mesma. Mas o meu principal está sempre escondido. Sou implícita. E quando vou me explicitar perco a úmida intimidade.

Este texto que te dou não é para ser visto de perto: ganha sua secreta redondez antes invisível quando é visto de um avião em alto vôo. Então adivinha-se o jogo das ilhas e vêem-se canais e mares. Entende-me: escrevo-te uma onomatopeia, convulsão da linguagem. Transmito-te não uma história mas apenas palavras que vivem do som. Digo-te assim:

«Tronco luxurioso.»

E banho-me nele. Ele está ligado à raiz que penetra em nós na terra. Tudo o que te escrevo é tenso. Uso palavras soltas que são em si mesmas um dardo livre: «selvagens, bárbaros, nobres decadentes e marginais.» Isto te diz alguma coisa? A mim fala.

Mas a palavra mais importante da língua tem uma única letra: é. É.

Estou no seu âmago.

Ainda estou.

Estou no centro vivo e mole.

Ainda.

Tremeluz e é elástico. Como o andar

de uma negra pantera lustrosa que vi e que andava macio, lento e perigoso. Mas enjaulada não — porque não quero. Quanto ao imprevisível — a próxima frase me é imprevisível. No âmago onde estou, no âmago do É, não faço perguntas. Porque quando é — é. Sou limitada apenas pela minha identidade. Eu, entidade elástica e separada de outros corpos.

Na verdade ainda não estou vendo bem o fio da meada do que estou te escrevendo. Acho que nunca verei — mas admito o escuro onde fulgem os dois olhos da pantera macia. A escuridão é o meu caldo de cultura. A escuridão feérica. Vou-te falando e me arriscando à desconexão: sou subterraneamente inatingível pelo meu conhecimento.

Escrevo-te porque não me entendo.

E eis que o meu mal me domina. Sou ainda a cruel rainha dos medas e dos persas e sou também uma lenta evolução que se lança como ponte levadiça a um futuro cujas névoas leitosas já respiro. Minha aura é de mistério de vida. Eu me ultrapasso abdicando de meu nome, e então sou o mundo. Sigo a voz do mundo com voz única.

O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto, canto que é meu e teu, evola-se um halo que transcende as frases, você sente? Minha experiência vem de que eu já consegui pintar o halo das coisas. O halo é mais importante que as coisas e que as palavras. O halo é vertiginoso.

Finco a palavra no vazio descampado: é uma palavra como fino bloco monolítico que projeta sombra. E é trombeta que anuncia. O halo é o it.

Preciso sentir de novo o it dos animais. Há muito tempo não entro em contato com a vida primitiva animálica. Estou precisando estudar bichos. Quero captar o it para poder pintar não uma águia e um cavalo, mas um cavalo com asas abertas de grande águia.

Arrepio-me toda ao entrar em contacto físico com bichos ou com a simples visão deles. Os bichos me fantasticam. Eles são o tempo que não se conta. Pareço ter certo horror daquela criatura viva que não é humana e que tem meus próprios instintos embora livres e indomáveis. Animal nunca substitui uma coisa por outra.

Estou cansada. Meu cansaço vem muito porque sou pessoa extremamente ocupada: tomo conta do mundo. Todos os dias olho pelo terraço para o pedaço de praia com mar e vejo as espessas espumas mais brancas e que durante a noite as águas avançaram inquietas. Vejo isto pela marca que as ondas deixam na areia. Olho as amendoeiras da rua onde moro. Antes de dormir tomo conta do mundo e vejo se o céu da noite está estrelado e azul-marinho porque em certas noites em vez de negro o céu parece azul-marinho intenso, cor que já pintei em vitral. Gosto de intensidades. Tomo conta do menino que tem nove anos de idade e que está vestido de trapos e magérrimo. Terá tuberculose, se é que já não a tem. No Jardim Botânico, então, fico exaurida. Tenho que tomar conta com o olhar de milhares de plantas e árvores e sobretudo da vitória-régia. Ela está lá. E eu a olho.

Repare que não menciono minhas impressões emotivas: lucidamente falo de algumas das milhares de coisas e pessoas das quais tomo conta. Também não se trata de emprego pois dinheiro não ganho por isto. Fico apenas sabendo como é o mundo.

Se tomar conta do mundo dá muito trabalho? Sim. Por exemplo: obriga-me a me lembrar do rosto inexpressivo e por isso assustador da mulher que vi na rua. Com os olhos tomo conta da miséria dos que vivem encosta acima.

Você há de me perguntar por que tomo conta do mundo. É que nasci incumbida.

(excertos de *Água Viva*, Editora Nova Fronteira)

Clarice Lispector

literário

O NOME DO PAI

Era tarde. É sempre tarde quando se começa a pensar. O exercício é difícil e doloroso, sendo todavia indispensável. Pelo menos para alguns. Os outros, os muitos, satisfazem-se com a dificuldade. Quando ela não existe, inventam-na. Para recusar assumir a responsabilidade de começar. E para evitar também a impossibilidade de acabar.

Tal é o que me acontece desde que recebi o cartão seco, que não indicava o remetente. Um curto bilhete de falsa visita, onde não havia nome algum. Nem direcção. Apenas a caligrafia seca, quase áspera, que queria impor a sua verdade.

Abria-se quase sem dar por isso, uma unha procurando o pequeno interstício deixado pela cola: um rasgão. Um poço, uma falta de luz. A obscuridade depois, quando acabei de ler.

Olho pela última vez para os retratos, as fotografias, os desenhos, os óleos que tirei da parede: nas paredes, agora, só a lisura branca da cal, a espessura um pouco frágil do gesso dos estuques. Mais nada. A paisagem que recusa os sinais.

Deixem-me explicar o inexplicável. Tudo tem sido frágil e incerto atrás de mim. É esse vazio que pretendi preencher, sem o mínimo êxito. Insistindo: deixaram-me sem pais, sem identidade. Ninguém me quis nomear, quando nasci. Assim me entregaram à sociedade, que me deu um nome, que me forneceu um apelido. Para me poder classificar e controlar. Mais nada.

No asilo todos sabiam que esse nome não me pertencia. Não tinha nem nomes nem rostos atrás de mim. O deserto perfeito, que teria de preencher um dia, não sabia ainda como.

Só muito mais tarde encontrei a solução: na Feira da Ladra, lugar onde os objectos perdem a sua origem. Deparei com os retratos abandonados, que tinham perdido o lar e a função. Rostos sem nome, exibindo quando muito as assinaturas douradas dos fotógrafos, ou os nomes dos pequenos pintores de bairro, da província.

Nem os rostos nem os nomes queriam dizer coisa alguma. Nas costas das fotografias não poucas dedicatórias ternas: às mães, aos pais, aos irmãos, às amigas, aos amigos, aos desconhecidos. Histórias inconclusas, que só deixavam os pequenos rastos tipográficos ou caligráficos. Uma baba de tinta que não levava a lado algum.

Assim nasceu o que me parecia ser a solução: organizar uma família para mim, com rostos, vestuários, funções, nomes, formas de parentesco. Encontrei, procurando com alguma febrilidade, nas pequenas caixas, o pai que devia ter tido, a mãe, morta cedo, e os irmãos que ainda não conhecia.

Digno, o pai, sólido comerciante sentado diante da objectiva, opondo à máquina a determinação áspera de um homem que não quer ser capturado por nada, por ninguém. Menos ainda pela máquina fotográfica. Sentado. Digno. Austero. Uma mãe, a cabeleira ondulando sedosa, com uma fita que pensei rosa e um sorriso que já começara a esfarelar-se: havia nela a certeza da morte breve. No jazigo de família, nos Prazeres, onde já as irmãs tinham encontrado outra vida. Outra forma da nossa inutilidade.

Decidi que descendia de comerciantes instalados numa das ruas da Baixa. Na rua dos Correeiros, ou na rua dos Douradores. A loja no rés-do-chão, aberta ao sol, ao vento, sobretudo aos clientes. A casa no primeiro andar, onde de quando em vez a minha mãe se entremostrava. Procurando alguém? Ou perscrutando apenas a ausência de futuro?

Não o saberei nunca. Instalei a família nas paredes, mas pouco a pouco esfriou-se o meu entusiasmo. Dei-me conta da brutalidade do comerciante, da violência com que tratava a minha mãe. Preferi separar-me da família: não pude fazer frente à violência dos conflitos que iam surgindo das fotografias.

Um dia, um dos meus irmãos caiu da parede. Encontrei-o jazendo contra o plinto, virado para a parede. Decidira separar-se da família. De mim também. Meti-o numa caixa, onde foram acompanhá-lo os que, durante alguns meses, tinham sido para mim pai e mãe, irmãos, tios, primos, avós.

Novamente órfão, novamente sem família, passei mais algumas semanas na Feira da Ladra, antes de me decidir a invadir outra zona. A dos adelos, dos antiquários. Procurando os retratos a óleo, as molduras douradas. As condecorações. Decidira que a minha família pertenceria à aristocracia: um barão, pelo menos. Talvez até um visconde, porque não?

O investimento era maior, e compreendi enfim a relação entre o dinheiro e a família. Cada novo quadro que ia instalando nas paredes da sala, parecia preencher não um vazio, mas um nicho previamente instalado. Destinado a acolher aquela imagem. Aquele ícone: sagrado e indispensável.

Durante meses fui alargando a família, mas comecei por encontrar os avós: o amplo homem num amplo cadeirão. As suíssas entufadas, o bigode aparado com cuidado, mais branco do que preto. As condecorações cintilando: o pintor procurara reproduzi-las com cuidado, os azuis, os violetas, os verdes musgo. Uma pura natureza-morta.

Só depois de ter encontrado a avó, alguns tios, e até um primeiro renque de primos, consegui descobrir a mãe: escondida num adelo, atrás de pilhas de molduras vazias. Sem os rostos que as tinham exigido. Uma mulher serena, com uns peitos salientes, mas sobretudo o olhar um tudo nada gordo, como se lhe fosse necessário essa exoftalmia para melhor conter o mundo.

Terna, talvez até um pouco asmática, como se sentia no desenho das narinas.

Inquietas: arfantes. Procurando um ar que lhe recusavam. Onde? Porquê? Quem? Tantas incertezas!

Nunca descobri o título do meu avô: de onde? Se visconde, como? Mas sempre encontrei a mesma ternura por parte de minha mãe quando regressava a casa, com a pasta cheia de processos: tinha-me consagrado ao direito comercial.

Todavia o cataclismo era inevitável. Sabia, mas escondia-o a mim próprio. Procurei sempre conservar as minhas famílias. Sabendo que era impossível, porque não conseguiam enraizar-se na minha história.

Mas nunca mais voltei a ter uma mãe tão terna. Custou-me reconhecer que me tinha enganado, e que ela nunca podia ter casado com o meu pai: esse homem austero, retratado de pé, em corpo inteiro, com as dragonas douradas balançando sobre o busto um pouco estreito, Coronel, naturalmente.

Havia no busto da minha mãe uma medalha onde se esboçava um retrato: com a lupa verifiquei ser um homem. Outro marido? Mas a relação tinha acabado, e não podia eu deixar de a acatar. Alargou-se, no sótão, o espaço consagrado às famílias que tinha tido. Que continuavam a ser as minhas famílias. Aumentou o número dos meus pais e das minhas mães. Nunca tive tantos parentes.

Até hoje de manhã, ainda os conservava nas paredes. Tinha conseguido finalmente descobrir a mãe que desejava, jovem, os olhos encarando a objectiva, querendo ultrapassar os limites do aparelho. Impor à placa de vidro uma verdade que ela não podia conservar. Muito jovem: talvez dezanove, talvez vinte anos. Sem busto. Fiquei um momento chocado, surpreso: sempre, até aí, as minhas mães tinham possuído bustos muito volumosos. Sinais de uma maternidade que não recusava a sua força erotizante.

Fascinava-me o retraro: uma fotografia cuidada, a jovem senhora sentada, o braço apoiado no braço do cadeirão, empunhando um leque que mais evocava o voo falsamente fantasista das borboletas. Ter-lhe-ei inventado um olhar levemente amendoado? Pensava eu em Madame Butterfly?

Está já no sótão, com uma família incompleta, já que não me deram tempo para acabar a minha busca. Tive sempre que me mostrar insistente comigo próprio, para recusar os falsos parentes. Os vendedores não hesitavam em recomendar-me homens e mulheres que não podiam pertencer à minha família. Não diziam comigo. Não tinham nos olhos esse véu de abismo que me leva a distinguir os membros das minhas famílias. Um gosto pelo nada. A certeza de que iremos desaparecer.

Inutilmente. Dando fim a uma vida também inútil.

O retrato procura apenas lutar contra o inevitável. Conserva a imagem. Talvez alguém a encontre mais tarde e lhe dê um destino. Tantas imagens órfãs nas gavetas, nos gavetões, nas paredes.

Fui obrigado a enterrá-los a todos no meu sótão.

Tinha sido preso há alguns anos. Não me parece importante lembrar os pormenores. Penso hoje que só a ingenuidade nos leva aos curros das prisões políticas. Os autênticos combatentes matam ou morrem. Só os ingénuos e os primários amadurecem na inutilidade das prisões.

Não me parece necessário recordar as condições em que fui torturado: os ingénuos são feitos para isso. Nunca pertenci a nenhuma dessas associações corporativistas onde se concentram os antigos presos políticos. Não participo nessa espécie de religiosidade que se extasia diante das cicatrizes.

Não pude contudo escapar, marca também da ingenuidade, ao ódio. Odeio profundamente o chefe de brigada que me torturou.

O bilhete que alguém meteu pessoalmente na minha caixa do correio, diz apenas «sua mãe, que morreu na semana passada, pediu-me para lhe dizer o nome de seu pai: trata-se do senhor José Maria Correia de Pinho de Lacerda» A escrita enxuta, cheia de bicos, escrita de mulher educada num desses colégios geridos por freiras: não as Doroteias, mais certamente o Sagrado Coração de Jesus.

O nome, cheio de nervuras aristocráticas. Talvez transmontano, mais certamente beirão. Dos lados de Lamego, ou de Tarouca. Encravado na terra espessa, onde as vinhas bebem um sumo roxo, que deixa marcas nos copos, nos corpos, nas almas.

Na lista telefónica não havia nenhum Lacerda que coincidisse com o nome do meu pai. Muitos La Cerdas, Lacerdas, mas nenhum que me desse uma direcção, um bairro, um telefone, sabe-se lá até uma profissão, doutor, engenheiro, arquitecto.

Telefono a um dos raríssimos amigos meio-intímos. Um antigo juiz, que já estivera na Polícia Judiciária. Queria saber se seria possível identificar as pessoas mortas e enterradas em Lisboa. Hesito no último instante: quem me dizia que minha mãe morrera em Lisboa?

A voz do outro lado do telefone quer saber em que estado me encontro, quem é afinal o meu pai. Digo-lhe o nome. Sinto a espessura da hesitação. Uma parede inesperada. Insisto.

«Mas então você não sabe que o inspector Correia da Silva se chama realmente Pinho de Lacerda... Claro, nasceu em Vila Nova de Foz Côa.... Lamento ter de lho dizer... Até hoje não acreditava em coincidências, mas terei de rever o meu sistema de crenças...»

Lamenta muito? Mas lamentar é pouco, porque acabo de perder de novo o pai que me fora confiado por um cartão seco.

Tive a certeza de que minha mãe sempre me odiara. Por ser filho do meu pai.

Alfredo Margarido

• LIVROS SELECCIONADOS
• RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS

★

NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR,
NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR

PEÇA CATÁLOGO

LIVRARIA ACADÉMICA

RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 10
TELEFONE 2 59 88

4000 PORTO • PORTUGAL

literário

RELANCE SOBRE ALLAMA MUHAMMAD IQBAL

Segundo os seus biógrafos e, entre eles, o dr. M. Moizuddin, que consultámos para o feixe destas notas (além de KN Sud, seu exegeta e tradutor), (1) Allama Muhammad Iqbal nasceu em Sialkot, a 9 de Novembro de 1877; e morreu, no auge da glória, na madrugada de 21 de Abril de 1938, em Lahore, onde foi sepultado nas cercanias da Mesquita de Badshahi.

Iqbal frequentou a instrução primária e o liceu, respectivamente, na Scotch Mission School e no Murray College, em Sialkot. Depois, ingressou no Govt. College, em Lahore, e licenciou-se em Filosofia. Foi nomeado leitor no Oriental College e também no Govt. College. Um dos professores, sir Thomas Arnold, avaliando os seus méritos, convenceu-o a prosseguir, no estrangeiro, a educação superior.

O poeta partiu para a Europa e, de 1905 a 1908, estudou filosofia nas Universidades de Cambridge e Heidelberg e doutorou-se na Universidade de Munique. A sua tese intitulava-se: *The Development of Metaphysics in Persia.*

Iqbal começou a escrever desde a mais tenra idade. Os primeiros poemas, em urdu, baseiam-se, na maioria, em ideias patrióticas e no fascínio pelo campestre e pelo bucólico. A estada na Europa, como veremos mais adiante, mercê de um incidente, provocou uma alteração completa nesta temática e o perfilhamento da língua persa, a par da sua própria língua, como condutora da corrente de alta tensão poética: deixou de ser um poeta de nacionalismo estreito e sentimentos regionais, associados á paisagem natalícia, para se transformar no visionário de largo caminho do Islame e num poeta universal.

Só há duas maneiras de nascer de novo: ou, se descobre, como Pascoaes, que a aldeia em que se nasceu excede o planeta, ou, se recebe, como Iqbal, a revelação de que o planeta não passa duma aldeia mais pequena do que um grão de terra.

E, na Europa, pouco escreveu. De facto, um dia, decidiu que não perderia mais tempo com poesia e comunicou a sua deliberação a Sir Thomas Arnold e Sir Abdul Qadir que, nessa época, se encontravam em Inglaterra. Iqbal pensava que deveria dedicar-se a algo de mais construtivo. Os dois amigos retorquiram que, a poesia que ele escrevia, não era uma perda de tempo, mas uma útil contribuição para a cultura do seu país e comunidade. E talvez inspirasse, os desanimados e oprimidos conterrâneos, a libertarem-se da dominação estrangeira. Bastava olhar para ele e via-se logo que Deus lhe concedera um dom, que era mister usar em benefício da Humanidade.

E, com estas palavras, foi persuadido a reconsiderar e a anular o seu propósito de silêncio.

Entretanto, ocorreu o tal incidente, atrás referido, que modificou o teor da carreira poética de Iqbal. Este fora convidado para jantar em casa de um amigo, que, finda a refeição, lhe pediu que recitasse versos em persa. Iqbal, embaraçado, informou o anfitrião, e os outros convidados, de que só redigira poemas em urdu e, em persa, apenas alguns dísticos. O pedido, todavia, desencadeou-lhe uma série de conjecturas e, quando regressou a casa, deitou-se e permaneceu, toda a noite, acordado. No dia seguinte, ao deparar com Sir Abdul Qadir, recitou-lhe dois *ghazals,* em persa, compostos durante a noite. Aquele apreciou a sua beleza e excelência de dicção. O poeta, pela primeira vez, interiorizava que, para se expressar e aumentar a audiência, a linguagem persa lhe oferecia mawis possibilidades do que o urdu. Desde então, Iqbal escreveu prioritariamente no idioma de Rumi, alargando a sua temática, até aí localizável geograficamente, ao Cosmos, indefinido e inesgotável, em constante movimento matemático e imobilidade sem pátria, excepto a Terra inteira que, como disse o Profeta, é uma mesquita. Aos poetas islâmicos compete o cálculo infinitesimal do Incondicionado da sua liturgia.

De novo na Índia, em 1908, inicia a redacção de um longo poema em persa *(masnavi),* intitulado *Asrar-i-Khudi.* Impressa em 1915, em Lahore, esta obra granjeou-lhe a reputação de grande poeta internacional. Imediatamente foram dados à estampa outros livros seus de versos em persa e, em reconhecimento pela sua contribuição para a poesia mundial, a Universidade de Allahabad distinguiu Iqbal com o grau de Doutor em Literatura *honoris causa.*

No decorrer deste período, embora preferisse a linguagem persa, não abandonou nunca a linguagem, que bebera com o leite e nela continuou a exprimir-se, publicando poemas em urdu, em jornais, revistas, ou recitando-os para grupos de admiradores.

Em 1924, aparece a primeira edição da recolha destes poemas, *Bang-i-Dara;* a que se sucedem *Bal-i-Jabril* (1935), *Zarb-i-Kalim (1936) e Armagham-i-Hejaz* (1938, póstumo).

عشق رسول

ALLAMA IQBAL

Em traços apressados e muito gerais, num vislumbre de afinidades electivas com autores do Ocidente, Iqbal, como poeta descritivo da natureza, pertence à família de Wordsworth e de Shelley e, como romântico, possesso de uma ordenda desordem de infinito, aparenta-se com Coloridge.

É um poeta de fé inquebrantável, pleno de vidência e em ininterrupta transmutação alquímica, aspirante ao Graal de Jamschid, a taça do rei mítico oriental, onde se concentra toda a luz do mundo, o passado, o presente e o futuro da história da Terra e dos seus habitantes; Graal equivalente, na mitologia ocidental, à taça que recolheu, pelas mãos de José de Arimatheia, o sangue de Cristo.

Há símbolos, comuns às formas religiosas mais diversas, não devido a qualquer fenómeno de assimilação, que, em muitos casos, seria impossível, mas porque provêm, directa ou indirectamente, da tradição primordial.

Todo o verdadeiro símbolo, desde a origem, comporta múltiplos sentidos, pois não se constitui em virtude de uma convenção humana, mas, sim, em virtude da divina «lei da correspondência», que religa os mundos entre si.

Allama Muhammad Iqbal segue a tradição, na via dos seus antepassados de sangue poético, como Rugbeham e Hafizig de Chiraz, cavaleiro-arquitecto em demanda da pedra filosofal, pedra-alicerce do monoteísmo, condição da sobrevivência, em espírito, da espécie adâmica e da cosmovisão islâmica do tempo: o casamento do efémero com o eterno no edifício consagrado do Universo.

Muhammad Rashid Barahona

(1) *Allama Iqbal poet-philosopher and dreamer of Pakistam,* Tehram Times, 9.XI.89; *Selections from Ghalib and Iqbal,* by KN Sud, Sterling Publishers Private Ltd, New Delhi, 1978.

A MESQUITA DE CÓRDOVA

Teus dias e noites não passam do fluir
do tempo, sem nenhum dia, nenhuma noite.
Tens as cores imutáveis da eterna obra,
que o homem, devotado a Deus, termina em glória.

Ó Mesquita de Córdova, amor fez-te florir:

jamais o muçulmano deixará a História
sobre a face da Terra, pois os seus apelos,
d'Abraão e Moisés, revelam os segredos.

A pátria dele é infinita: o horizonte,
no limiar da morte, sem limite;
e uma vaga do seu mar d'espelhos
são, o Tigre, o Danúbio e o Nilo, juntos.

Allama Muhammad Iqbal
(versão de MRB)

NOCTURNO

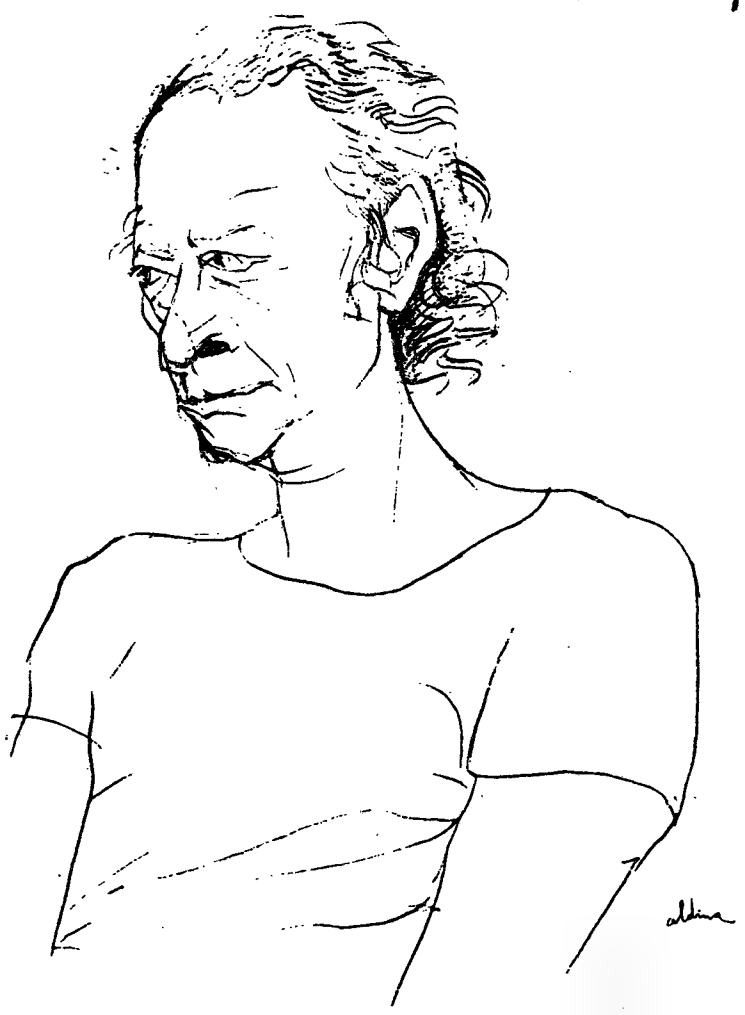
Quando Leila aparece do fundo da noite
com os anéis do cabelo soltos pelos ombros;
quando o silêncio desafia a quem o exprime
e as árvores meditam, entre ramos, sonhos.

Quando uma luz carmim, cintilante, se espalha
e reverbera, na montanha, incêndios,
e dá, á sua face, a cor da labareda:
o coração, alcança o êxtase, em pedaços.

Allama Muhammad Iqbal
(versão de MRB)

António José Forte foi um dos últimos a assumir o surrealismo
década, não deixou o crédito por mãos alheias, falecendo-lhe o
inédito pedindo, embora, que Deus o mantenha como «poeta ol

ENDEREÇO
SEM PASSAPO



O QUE NÃO MORRE

Conhecemo-nos éramos pouco mais que adolescentes. Foi um encontro duradoiro e que em mim, hoje, persiste em memória. Uma sólida amizade que se foi caldeando na certeza das convições, nas ideias afins, na revolta que fermentava dentro de nós. Nessa altura líamos os mesmos livros (não todos que queríamos, os censores eram aplicados), tínhamos o mesmo código de entendimento, dizíamos as mesmas palavras. Éramos militantes de uma vida que sonhávamos diferente, vendo a poesia como fonte radiante de todo o nosso viver jovem. Mudar a vida, transformar o mundo. Rimbaud e Marx: a aposta dourada. A frase mágica onde assentavam todas as nosssas ideias e todo o nosso sentir. Talvez por isso mantivemo-nos novos e abertos quando a maior parte de tudo que nos rodeava era velho e opressivo.

Não exagero. Vivemos muitos dos nossos anos sob a bandeira salazarista. Sentimos na carne e no espírito a prepotência das suas Polícias, das suas instituições, das suas mentalidades. Fomos, naturalmente, vítimas fáceis. Soubemos, no entanto, salvaguardar a chama original, mesmo quando admitimos, com a passagem dos anos, que a vida continuava por mudar e o Mundo por se transformar, como tanto ansiávamos quando pouco mais que adolescentes. Ele, o poeta, disse num dos seus poemas: «Fazei todo o mal que puderdes e passai depressa». Eles acabaram por passar, travestindo-se de oportunos democratas após Abril.

Com a revolução vieram os tempos heróicos e aqui seguimos caminhos diferentes no que respeita ao lugar escolhido de luta, sem porém esquecer a síntese que se cimentara em nós muitos anos antes. E como esquecê-la, se as águas convulsivas e criadoras não tardaram a ser estagnadas fazendo ressuscitar caducas fórmulas revestidas de baças luminárias, o que levou o poeta a escrever: «A acção poética implica para com a revolução uma atitude pessimista». Razão dele ou de quem sempre viveu o ideal da origem, o anseio da liberdade total. É tempo de dizer, finou-se o poeta, agora só a fogueira dos seus poemas, os gritos ora coléricos ora cáusticos que eles contêm e às vezes, não muitas, ternos também.

Conhecemo-nos num café — o Café da Graça. Continuámos a conhecer-nos no Café Ribatejano, depois no Café Gelo, no Café Nacional, no Café Royal. Vivemos bastante os cafés de Lisboa. Foi no café, ao redor de uma mesa, nos idos de cinquenta, nas horas da nossa disponibilidade, que fomos sendo, ele, outros. Alguns, como poetas, como pintores, como prosadores, têm hoje nome firmado entre os mais — ou talvez um pouco menos de que o devido pela marginalidade que sempre quiseram ter —, conseguiram esses que os olhos penetrassem e o corpo sentisse o não evidente, o outro lado da cortina flamejante onde existe o esplendor da criatividade. Esplendor que havia em António José Forte, por ser tatuagem gravada na sua pele. Porém, ao contrário de outros, a poesia nele não se desbaratou no poema escrito. Melhor lhe serviu a palavra acto, a surrealidade como faca afiada, razão por que nunca renegou ou desdisse a sua entrega de quando era pouco mais que adolescente.

Dizia com frequência, «sou o único esquerdista português», entre o brincar e o convencer. E era-o à sua maneira, com o humor de quem dá à palavra «esquerdista» e à ideia de ser livre o seu lugar rigoroso. Não que vivesse numa torre de marfim, pelo contrário, a rua era o seu lugar predilecto. E por ser assim, por querer que fosse assim, manteve-se acima da linha do horizonte, recusando, sem alardes mas firmemente, a carreira de poeta festejado que poderia ter tido. Alcançou o que queria, ser um poeta sem espectáculo literário, matriz de exemplo grave e séria.

Publicou em 1959, depois dá um salto de anos até 1971, outro salto, 1976, e só nos últimos anos de vida editou com mais frequência. Suponho por saber que a máquina que impulsiona o sangue estava por um fio. E o fio quebrou-se repentinamente. Atrás de si deixou poesia e memória. Um poeta em que a cólera e a ternura, a tristeza e a alegria se cobriram sempre por um véu de pudor. Foi-se sem máscaras. Sem lágrimas. Sem cedências. E eu, escrevente deste retrato, lembro os seus olhos quando jovem, eram grandes e límpidos. Como os seus poemas.

Virgílio Martinho

Homenagem a André Breton

La clé des champs ou
la clé Duchamp?
Marcel des Chants

Homenagem a Maiakowsky

O poeta aflito entre a realidade e o mito
(Assinatura ilegível)????

Para o Virgílio

Todo o poder aos sovietes, incluindo a imaginação. Ou a imaginação no poder. Ou ainda o poder na imagvinação.
Paris, Maio-Junho de 1968

Para a Fernanda

O direito de todos não só ao pão, mas também à sardinha assada da Poesia.
A Mãe Coragem, assassinada à martelada no México

Homenagem aos Processos de Moscovo

O zero e o infinito
ou a polícia e o grito
(Assinatura ilegível)????

Para o jogo da verdade

A verdade não é um jogo.
É um fogo. Não o apaguem.
(Assinatura ilegível)????

Para o Ernesto

Este é tempo de partido
tempo de homens partidos
C. Drumond de Andrade

Para o Manuel de Castro

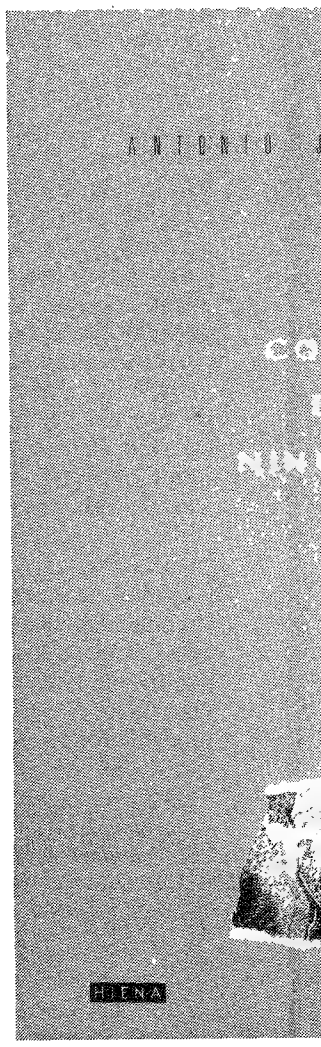
Bê a bá Bakunine
Anti-Strauss

Para Ninguém

O Paraíso são os outros.
Anti-Sartre

Para Todos

A Poesia deve ser feita por todos, não por um. Pobre Lenine, pobre Trotsky, pobre Mao.
A Comuna de Paris



O livro único de um corpo

Para o Pedro Oom

Pode-se ser dadarqui
pode-se ser durrutist
(Assinatura ilegível)

Para Alguém

Personne ne peut rep
Dani le Rouge

Para o Barahona

O grifo, animal do Eg
pousa sempre sobre
o que é
esquisito.
É uma ave engraçada
porque assim não an
Fernando Pessoa

Para o Dácio

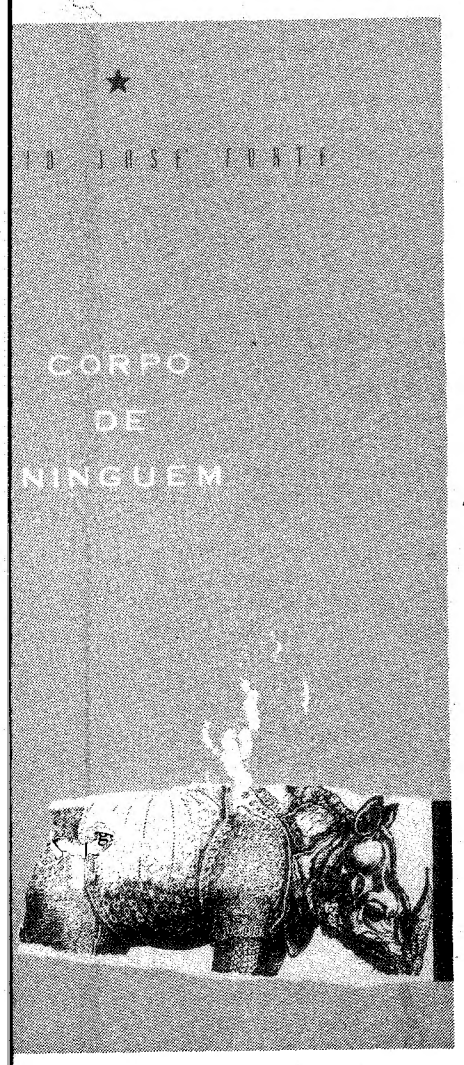
Toda a verdadeira cu
é anti-burguesa.
Marcuse
ou
Struggle for life.

António José Forte (c
Martinho em 1968, prec

iterário

ismo como ética e curto-circuito do real. Redescoberto, já nesta
ne o coração antes da fama lhe anelar os ossos. Aqui divulgamos um
ta obscuro».

OS
ORTE



m corpo de ninguém

Dom

adarquista
rrutista

egível)????

eut représenter personne.

e

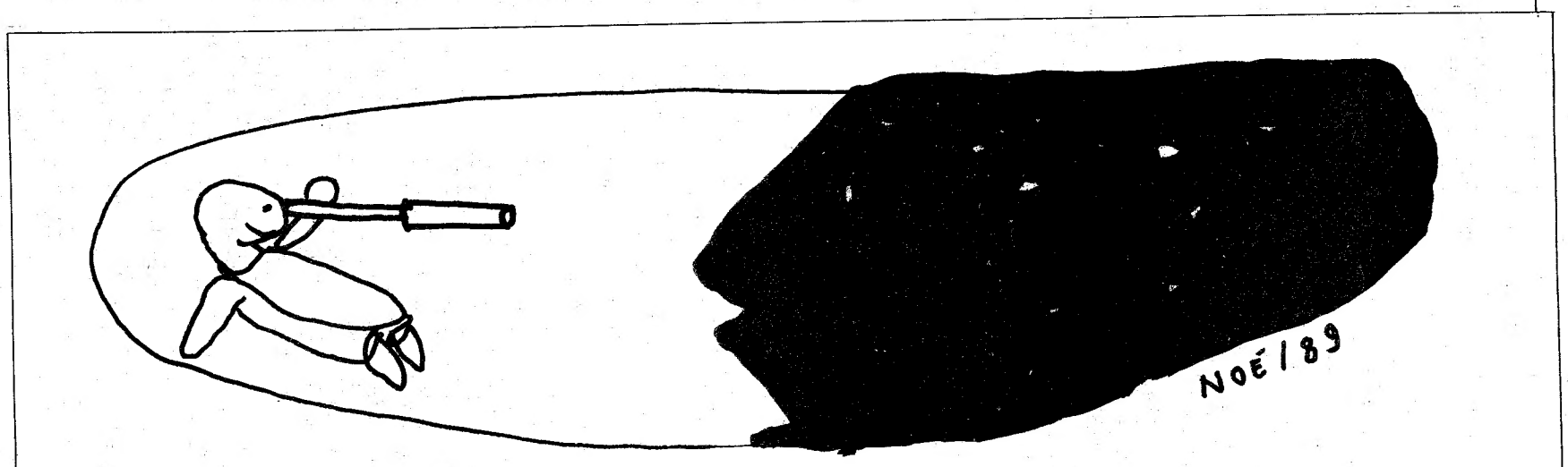
na
l do Egipto
sobre um pé

graçada
não anda nada
soa

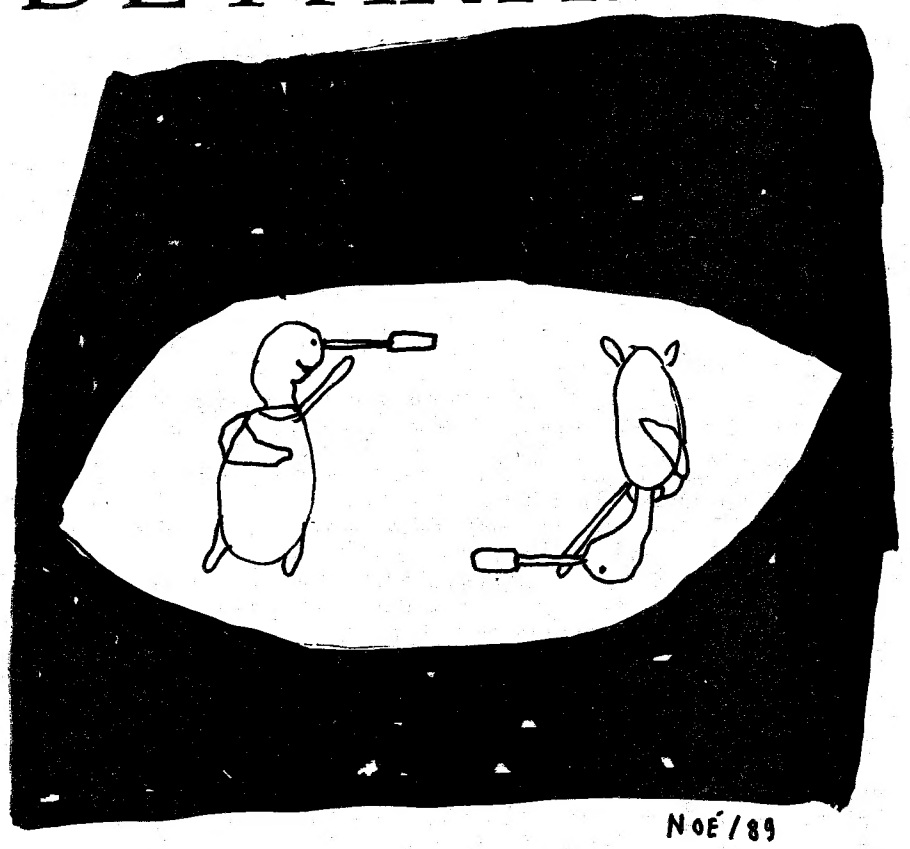
deira cultura burguesa
sa.

ife.

Forte (carta enviada a Virgílio
68, precedente de Santarém)



PONTOS DE PARTIDA



★ Meus senhores, vivemos num regime democrático. Por conseguinte ninguém nos pode obrigar a ser democratas.

★ Camaradas, se a consciência colectiva fosse quadrada (como se pensava durante muito tempo) não seria difícil dividi-la em quadradinhos sem lhe alterar a forma.

★ A liberdade é como um conjunto de peças únicas de um veículo que nunca chegou a ser construído.

★ O maior inconveniente quando nos mantemos na periferia dos acontecimentos é que, em caso de desequilíbrio, nunca se pode cair para fora.

★ A visão do crítico deve ser como uma janela: nem tão estreita que se confunda com ela nem tão larga que se perca a noção de observação.

★ A ordem e a saúde pública só fazem sentido vistas ao contrário. Por isso POLÍCIA e AMBULÂNCIA estão escritos ao contrário.

★ Quando a História abre olhos, tapa ouvidos.

★ Meus senhores, não digam «Sim, senhor!» e lembrem-se que Prometeu não se fez famoso com promessas.

★ Sejam humildes e não se esqueçam que a humildade é ponto de chegada e não ponto de partida.

★ Temos a coragem de não acreditar naquilo que nos mete medo.

★ Quem encara a vida como viagem pode dormir até à última estação.

★ «Esta é a última vez que como doces» — disse e morreu. Quem nos poderia dizer se era profecia ou acaso? Por acaso, alguém sabe o que é o acaso?

★ Meteram-lhe o bom senso na cabeça mas esqueceram-se de lhe tirar as aspas.

★ O privilégio das grandes estrelas é poderem escolher o firmamento.

★ Passaram anos e quando se encontraram de novo riram muito da sua paixão de antigamente. E pareceu-lhes esse riso o mais triste do mundo.

★ Custou-me o sofrimento de uma ostra apenas cinco dólares. Ofereci a pérola a uma rapariga sôfrega de amor. Custou-me cinco anos de sofrimento.

★ Pode parecer-lhe estranho mas eu até agora estava cego para tantas coisas que não existem.

★ Sejam humildes e não se esqueçam que a humildade é ponto de chegada e não ponto de partida.

★ O presente ideal é aquele que nos é enviado por alguém que não nos conhece e não nos quer conhecer.

★ A partir de certa altura é tarde para começar e cedo para acabar.

★ A consciência pesada é a flor da maldade.

★ Pensa-se que as pulgas não têm pulgas não por serem tão pequenas mas por não poderem ter o mesmo nome.

★ Nas promessas como na geometria as dimensões das figuras são irrelevantes.

★ O tempo poisou no seu chapéu mas continuou na sua mente.

★ Não esperem, porque nada se desloca do seu tempo.

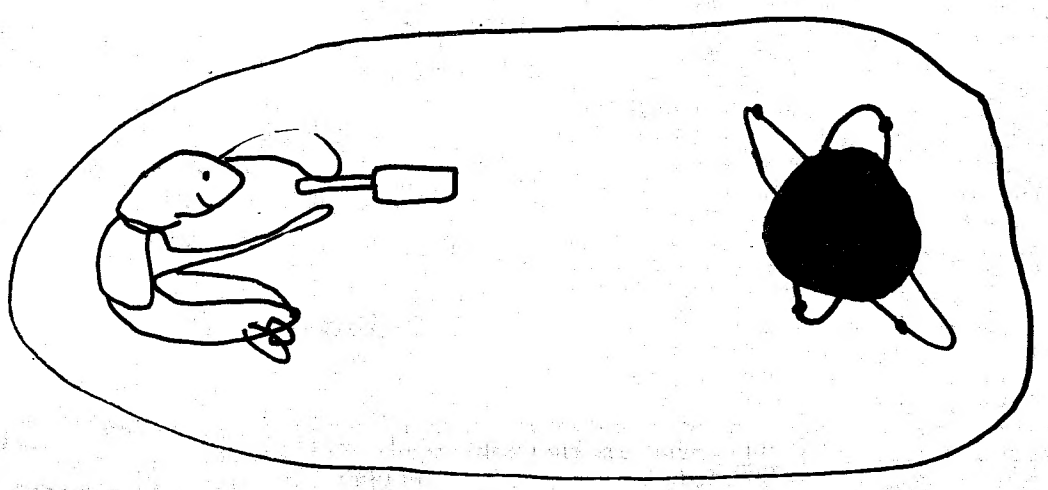
★ Reaccionário é aquele que não só está contra nós mas também contra os nossos inimigos.

★ Os grandes favores não se podem pagar, mesmo quando são hipócritas.

★ Não é a cor-de-rosa que faz as pessoas ingénuas, nem a fila os indianos.

★—Tudo o que vês em mim é um véu. Excepto os olhos. Estes têm uma única função: esconder o véu.

—Como assim? — digo. — Como assim?... — perguntou e sumiu no ponto do ponto de interrogação.



Dimíter Ánguelov

leituras e ideias

SOBRE FERNÃO DE MAGALHÃES

Pareceu-nos interessante o aparecimento de uma nova biografia sobre Magalhães. Levados sobretudo pela curiosidade iniciámos a leitura do texto de Edouard Roditi. Aquela, porém, cedo deu lugar ao espanto, e este, por sua vez, logo foi substituído pela indignação. No espírito ficou-nos desde logo a interrogação: como é possível que ainda se publique em Portugal um texto tão disparatado, por vezes aviltante, acerca dos Descobrimentos portugueses? Não nos move a ideia de que a história deve ser moralizante e meramente exaltante de qualquer interesse, seja ele de cariz nacionalista, ideológico, religioso, ou outro. O expansionismo dos séculos XV e XVI não foi, pois, apenas a extraordinária epopeia que Camões cantou, mas não foi também *uma crónica de terrível intolerância racial e religiosa face aos nativos dos territórios explorados e conquistados*, como o autor escreve logo nas primeiras páginas. Notamos, assim —, que Roditi desconhece por exemplo, a carta de Pêro Vaz de Caminha, a História da presença na Mina, no Congo ou no Japão, ou ainda a política de casamentos mistos empreendida por Albuquerque em Goa. Mas atentemos na estrutura do livro.

Divide-se em duas partes, cujos títulos são, sem dúvida, o aspecto mais aproveitável da obra:

A primeira intitula-se «em busca de Magalhães» e analisa o pouco que se sabe acerca deste navegador até ir para Espanha; o autor enquadra-o no contexto do expansionismo português, e o leitor convive página a página com erros de interpretação e mesmo de informação verdadeiramente incríveis.

A segunda intitula-se «a busca de Magalhães» e descreve a célebre viagem de circum-navegação e os seus antecedentes; seguindo de perto os relatos coevos, o autor não incorre em tantos erros como na primeira, mas termina quase em delírio sugerindo a beatificação de Magalhães, cuja pureza e integridade moral só seriam ofuscadas pelas de S. Francisco Xavier. Assim, o proselitismo religioso de Magalhães durante a sua estada nas Filipinas é elogiado e glorificado, embora se reconheça que ele recorreu à intimidação, à mentira e chegou mesmo a queimar uma aldeia cujos habitantes se recusaram a aceitar a religião cristã; atitudes semelhantes realizadas por Afonso de Albuquerque levam Roditi a considerar o governador da Índia como um conquistador sanguinário..

Regressemos agora à primeira aparte do texto, onde os erros do autor ultrapassam largamente os limites do aceitável. Aí a cronologia é várias vezes alterada ou ignorada e por várias vezes encontramos o século XVI referido como os anos de «Seiscentos».

Dos erros mais absurdos importa destacar os seguintes:

— Há uma confusão constante entre Descobrimentos e colonialismo; um pressuposto que a historiografia recente já ultrapassou, mas que o leitor desavisado desconhece, podendo assim ser induzido em erro.

— Verdadeiramente grave é a afirmação de que *desde os tempos do Infante D. Henrique as frotas portuguesas dependiam em muito, especialmente para pilotos e imediatos, de marinheiros genoveses*. Naturalmente que o autor não cita nenhuma fonte ao dizer tamanha barbaridade.

Não vale a pena enumerar um outro conjunto de erros, reveladores apenas de que o autor não leu as crónicas indicadas na bibliografia ou então percebe muito mal a língua portuguesa, mas não queremos deixar de assinalar ainda a informação errada de que os navios portugueses que iam para a Índia tinham apenas quatro ou cinco canhões, e a «dedução genial» de que os portugueses iam para o Oriente, em grande parte, atraídos pela notícia de que as mulheres asiáticas eram dé uma permissividade sexual capaz de satisfazer os desejos mais libidinosos.

Assinale-se também que o autor não compreendeu que no Oriente os portugueses lutaram apenas contra os muçulmanos e não contra todos os reinos asiáticos, pois as relações com os reinos gentios foram normalmente pacíficas; não faz sentido, pois, a afirmação de que a política de Afonso de Albuquerque punha sempre de parte a diplomacia, principalmente quando o autor cita a viagem de Francisco Serrão ás Molucas, realizada a mando de Albuquerque e sem nenhum intuito agressivo.

Espantam-nos ainda as múltiplas alusões à Inquisição na biografia de uma personagem que morreu dez anos antes daquele tribunal entrar em Portugal e cerca de quarenta anos antes deste se estender ao Oriente. Restam-nos poucas dúvidas de que os constantes ataques à Igreja contidos neste livro não têm que ver apenas com a História.

Esta é, sem dúvida, uma crítica violenta e indignada, mas parece-nos que é tempo de se apontarem os maus trabalhos que se publicam sobre a nossa História e nomeadamente sobre os Descobrimentos. Que se brinque com a História portuguesa no estrangeiro (assacando-nos culpas que não temos, e retirando-nos méritos indiscutíveis) não o podemos evitar, mas que se publiquem em Portugal livros tão medíocres e aviltantes, já não nos pode ser indiferente. A este livro falta isenção, rigor e seriedade; falta-lhe tudo o que é fundamental a um livro de História.

(Edouard Roditi, *Magalhães do Pacífico*, Assírio e Alvim, 1989, tradução de Inês de Ornellas e Castro)

João Paulo Oliveira e Costa

O FASCÍNIO DO UNO

A crença na unidade do homem como espécie e o facto da «*desunião do homem como ser social*« (p. 56) sobressai na experiência do homem comum.

Na nossa sociedade moderna industrial, salvo raríssimas excepções, este constata simultaneamente uma assimetria e uma ausência de reciprocidade nas relações humanas.

O facto mais vulgar nas suas relações sociais é imperarem relações assimétricas hierarquizadas como as que enformam as relações marido/mulher, pai/filho, primogénito/filho mais novo, patrão/empregado, professor/aluno. Talvez, a única excepção a esta constante sejam as relações de amizade/inimizade, cujo modelo de afinidade lhes está subjacente. Este modelo permite que o nosso cunhado seja potencialmente tanto nosso amigo, como inimigo. Daí a afirmação de que «*casamos com os nossos inimigos*« (p. 57). Amigos e inimigos são tanto pessoas, como nossos semelhantes, pertencem ao mesmo conjunto que somos nós, em oposição aos outros, aos estranhos. Estranhos estes que não são gente, nem pessoas, nem seres humanos. Com eles não podemos entabular diálogos, nem estabelecer alianças. Pertencem a um conjunto diferente e exterior ao nosso, que não partilha das mesmas regras.

Através deste processo primordial, gerador da disjunção entre nós e os outros, entre as pessoas e as não pessoas, foi possível erguer e legitimar sistematicamente a destruição de humanos, através de guerras e genocídios.

De facto, estamos perante um processo que nos permite dividir e discriminar as coisas que nos são exteriores e reconhecê-las como pertencentes a entidades. A sua pertinência erege-se a partir do momento em que eu me concebo como diferente de outro. Diferente daquele que na aparência exterior é semelhante a mim mas, que interiormente é diferente na sua essência. Antes de mais é um processo que se origina na tomada de consciência de «*quem somos nós*« (p. 58), que passa forçosamente pela delimitação da fronteira entre nós e os outros. É este «*o principal problema humano*« (p. 58) que perdura ao longo de séculos e que se enraíza, talvez, desde a emergência da espécie humana.

O que não sou é o que tu és. O axioma sempre presente, nas diversas histórias e mitologias que explicam e legitimam a génese da «nossa» experiência particular. Mitologias que simultaneamente exprimem a construção da identidade e alteridade, nas múltiplas sociedades humanas.

Todo o grupo com um passado, com uma individualidade própria, representada em mitos e explicada por uma história, por uma cosmogonia, por uma religião, diferencia-se dos seus vizinhos através das origens, assumindo-se como o representante exclusivo dos verdadeiros homens em contraste com os outros, vistos como seres zoomórficos.

Este um facto universal, em que a afirmação da identidade se transforma frequentemente na negação do outro, independentemente de que haja essa diferença ou não, com a consequente valorização negativa de quem está fora do grupo, através de classificações como animalesco, bárbaro, selvagem, primitivo, etc..., que legitimam a sua exclusão da comunidade. Estamos perante uma extensão do egocentrismo, identificada a nível social como etnocentrismo cujas manifestações poderemos encontrar das mais diversas maneiras em múltiplas campos, desde a formação do grupo social, às representações do parentesco, da raça, das classes, da língua, do mundo, ...

Nestas formulações e representações o problema sempre presente é do lugar onde acaba e começa o homem.

A história das ideias no Ocidente dá-nos, exemplarmente, material para ilustrar as maneiras como o outro foi consecutivamente expulso do círculo dos humanos. Ao lermos as narrativas dos clássicos gregos e romanos, como também de viajantes e navegadores, como Marco Polo e Colombo, encontramos um mundo habitado por deuses e seres monstruosos, nem completamente humanos nem completamente animais: mulheres amazonas, canibais, gigantes, sereias, homens com caudas, ...

Mas, à medida que as viagens se foram estendendo a todo o globo e se começou a fazer a inventariação sistemática de todos os seres e lugares, o espaço do imaginário foi recuando, ou melhor dito, assumindo outras formas. Concomitante com o desenvolvimento da geografia e da etnografia, a fantasia transferiu-se da mitologia tradicional para a denominada ficção científica. Lembremo-nos de Júlio Verne e as suas «Viagens Maravilhosas», que nos transportam ao espaço exterior, às profundezas oceânicas ou a lugares recônditos do planeta habitados por seres bizarros.

Será, pois, com o desenvolvimento das viagens, no século XVI, que o conceito de homem é alargado gradualmente e que o «outro» visto até então, ora com poderes sobrehumanos, ora sub-humanos, começa a ser integrado no universo humano. É por esta altura que emerge a questão sobre o carácter moral da espécie humana, deixando «o outro» de ser visto como um ser zoomórfico.

É a aurora de um percurso, do qual irá nascer a noção do homem como um todo, a unidade da espécie humana. É o nascimento da concepção da unidade natural do homem, a par da variedade cultural do homem em sociedade, em que a diferença de culturas não obriga a qualquer hierarquia do tipo superioridade/inferioridade. No entanto, este percurso não foi linear, nem está acabado.

Leach, ao citar Foucault no seu livro **As Palavras e as Coisas,** no qual «*O homem é uma invenção de data recente que talvez se esteja a aproximar do seu fim*», coloca-nos perante uma visão crítica da tentativa de «*objectivar tudo o que existe no mundo, ... para ver todas as coisas como quantificáveis; predizíveis e governadas por leis simples de causa e efeito*« (p. 81). Ao fazê-lo compartilha com Foucault a concepção de que a psicanálise, a etnologia, a linguística tal como a antropologia social e cultural são «*ciências complemen-*

Continua na pág. 7

DEBATE SOBRE A CIÊNCIA

Esta publicação documenta o debate que teve lugar a 19 de Novembro de 1984 entre representantes de várias disciplinas (matemática, física, biologia, medicina, lógica, epistemologia, etc.) na Acadedmia das Ciências Francesa.

Perante um público muito numeroso foram debatidas questões cuja apresentação visava *encorajar o reencontro de duas irmãs outrora intimamente ligadas e hoje desavindas: ciência e filosofia*. Tudo começou com serenidade. Mas esta foi abruptamente interrompida quando René Thom expôs o seu ponto de vista. O diálogo subsequente entre o pai da teoria das catástrofes e o seu adversário, Anatole Abragam, viria a degenerar numa discussão que, não deixando de incluir imprecações um tanto ou quanto injuriosas de parte a parte, ameaçava conferir ao aspecto filosófico um papel de mero adorno.

Para Thom, a autoridade do facto experimental, a sua aceitação como critério último de validade e a descrição e designação da prática do experimentador como método experimental não passa de um mito. A sua principal função nos nossos dias seria a de legitimar o financiamento dos laboratórios que, incapazes de desenvolver um verdadeiro método, se baseiam no «acaso sugestivo», na «inventariação exaustiva» e no «erro fecundo». Apesar de a realidade factual da investigação científica não justificar este discurso e a maior parte dos participantes se distanciarem cautelosamente dele. Abragam vê o seu perigo no facto de os poderes públicos se sentirem por ele apoiados no seu desejo de diminuir as verbas destinadas à investigação.

Uma resposta mais elaborada à argumentação subjacente à posição thomesiana, apresentando como alternativa um «método crítico genarativo», foi conseguida mais tarde por Antoine Danchin e incluída neste volume.

Pierre Jacob organizou a sua contribuição delineando a resposta pragmática e naturalista de W. V. O. Quine, bem como a realista de S. Kripke, à pergunta: «podemos determinar na nossa imagem do mundo o que pertence ao mundo e o que nos cabe a nós?», e concluindo que os *factos estudados na filosofia analítica não t êm a robustez dos factos experimentais, têm, antes a subtileza das experiências do pensamento*. O projecto das ciências da cognição e um contributo para a epistemologia do trabalho científico foram apresentados respectivamente por Daniel Andler e Gilles Granger.

A tradução enferma de múltiplos desvios terminológicos na área da matemática e da física: plano subentendido/plano subtendido (p.18.1.12); momento cinético'momento angular (p.28.1.14); factor giromagnético/razão giromagnética (p.28.1.18); vóltios/volt (p.30.1.1); junção/acoplamento (p.30.1.6); todos os contributos num termo de ordem n/todas as contribuições para um termo de ordem (p.30.1.19); desagregação do muão/desintegração ou decaimento do muão (p.31.1.22); teoria dita de capacidade/teoria dita de capacidade/teoria dita de gauge ou de invariância de padrão (p.32.1.34); fractura espontânea de simetria/quebra espontânea de simetria (p.58.1.10); sequência de Cauchy/sucessão de Cauchy (p.154.1.34); entre outros, de francesismos desnecessários: supracondutor/supercondutor (p.28.1.40); magnéton/magnetão (p.29.1.21); as integrais/os integrais (p.30 e outras); décima decimal/décima casa, decimal (p.31.1.12), e de muitas gralhas. *Exemplos suficientes que justificavam a não publicação deste livro* antes de ser submetido a uma revisão científica rigorosa.

(Jean Hamburger, A Filosofia das Ciências Hoje, Editorial Fragmentos, 1988, 157 págs. Tradução de António Moreira)

Manuel José S. Loureiro

oslivrosemrevista

ENTRE O SONHO E O DEVANEIO

Quando Rousseau começou a escrever as suas «Confissões» julgava poder mostrar «uma empresa sem exemplo», provar que ele era «único» e «diferente» de todos quantos existiam. Os «Devaneios», que são continuação das suas confissões, iniciam-se com a ideia central da sua existência — o delírio persecutório: «Eis-me sozinho na terra, sem irmão, parente próximo, amigo, ou companhia a não ser eu próprio. O mais sociável e o mais afectuoso dos homens foi proscrito da sociedade por um acordo unânime». Rejeitando, com generosa comiseração, toda a sociedade, numa exaltação paranóica, vê-se logo obrigado a passar por ela para analisar a si próprio e descobrir aquele misterioso mecanismo que torna tudo à sua volta estranho, a sua vida — num sonho-pesadelo que ele tenta atenuar com uma metódica resignação e que inevitavelmente se reconfigura no seu aposto. A fraqueza vital, a sua susceptibilidade e hipersensibilidade relativamente a tudo o que é a vida ordinária produz dolorosos contrastes e o seu discurso moralizador enfraquece tanto pela ingenuidade como pelo sentimento de culpa que nunca o abandona e o faz defender ferozmente «os monumentos» da sua *inocência* sem ser acusado.

Um dos seus maiores inimigos, o tempo, ameaça constantemente destruir os planos da sua vida, o *sistema* que ele rejeita por aversão ao *fixo*. Mas a recusa de chegar até aos quarenta anos sem pensar no futuro, não o impede de submeter o seu «íntimo a um exame severo que o fixasse para o resto da sua vida (...)». Se o reino mineral o assusta com as suas formas definitivas, fixas, onde parece excluída não só a comunicação, o diálogo mas também a contemplação, o reino vegetal o fascina com as formas e os estádios da evolução em que a observação e a interpretação o integram num mundo harmonioso.

O alívio perante a marcha angustiante do tempo é-nos contado de um modo divertido — um dramático acidente com um cão *grand danois* transporta-o para um estado «demasiado estranho para não o descrever». Este é o estado pós-amnésico ou mesmo amnésico em que não sentia medo, dores, inquietação; a abolição do tempo e um renascer delicioso são incomparáveis a qualquer outro prazer. Mas o destino, mais poderoso do que o própio tempo, não o deixa em paz, pelo menos na sua tentativa de se decidir se o destino é algo fixado «por toda a geração presente» ou é «algo escrito nos decretos eternos». A dúvida e a oscilação permitem-lhe, por instantes, admitir que os homens são apenas instrumentos daquele mecanismo secreto e ininteligível. Assim, os inimigos são perdoados, é assegurado o prazer da generosidade, é atenuado o sofrimento, destruída temporariamente a fixação. Nas repetidas controvérsias e dolorosas buscas de um caminho fixo e independente ao mesmo tempo, surge a esperança. Depois a solidão aparece como o único refúgio onde as contradições se não se reconciliam, pelo menos se alimentam com as insuficiências mútuas para evitar a desagregação final da personalidade.

O que salva o *solitário* é a convicção paranóica do entendimento que existe entre a sua «natureza imortal e a constituição deste mundo e a ordem física que nele vejo reinar». Mas outra vez um impulso o faz evadir-se deste entendimento para continuar a persistente preparação para um momento de plenitude num futuro indefinido que o faz recuar bruscamente para o passado, ou o empurra para uma eternidade vagamente imaginável.

E nesta vaga eternidade convivem numa exuberante agitação o sonhador tímido e o anárquico, com a sua mania de perfeição e de grandeza, com a loucura.

Debate-se o *solitário* entre uma «claustrofilia» (graças à lapidação recente, talvez) numa ilha onde pudesse acabar beatamente os seus dias e o irresistível desejo de propor aos homens do seu século que adivinhassem a felicidade daquela vivência. Seria inútil este prazer, esta ataraxia, a ilusão à moda budista, se os outros não soubessem da sua imperturbabilidade... Os breves momentos de lucidez não lhe permitem fugir ao paradoxo — o mesmo paradoxo que tenta construir. Mas como acontece nos paradoxos, a própria lucidez lhe ofusca o raciocínio para dar continuidade ao delírio que não admite grandes oscilações no seu ritmo estabelecido ao longo dos anos.

E como os paradoxos nunca aparecem isolados, eis-nos perante o mais comum — o da liberdade. «Nunca acreditei que a liberdade do homem consiste em fazer o que quer, mas sim em nunca fazer o que não quer, e foi essa liberdade que sempre reclamei (...)». A incapacidade de uma visão irónica do mundo, a ingenuidade infantil de um adulto velho, atormentado pela indecisão comovem com a sua urgente necessidade de se confessar sem limites, sem condições, numa dolorosa ânsia de fraternidade impossível.

OS DEVANEIROS DO CAMINHANTES SOLITÁRIO
Jean-Jacques Rousseau
Edições Cotovia, 1989

Dimíter Anguelov

OUVINTE DE CRIOULO

A estudiosa brasileira M. Lucia Dal Farra chamava a atenção para os problemas levantados pela adopção do ponto de vista da criança em muitas estórias africanas, sugerindo que essa atitude constituia uma estratégia narrativa destinada a recuperar uma dignidade minada pelo colonialismo, uma vez que assim se podia denunciar, através de um estado de aparente inocência, a natureza de diferença e de identidade entre as suas personagens maiores: os negros e os brancos ou, extrapolando, os danados da terra e os seus exploradores.

A afirmação ganha uma nova pertinência se tivermos em conta que esse discurso, de inocência vestido, se revela como sendo o do posicionamento do adulto revisitando a sua infância e, por isso, desmontando os mecanismos que lhe ditaram os seus percursos e os da sua gente. A narrativa surgiria assim como cristalizadora de uma matriz fundamental na qual se definiriam as noções de intruso (decorrente do conflito colonizado/colonizador) e, ainda, de tudo o que daí resulta: a fome, a injustiça, a necessária revolta, a viagem, a morte.

Mas nessa estratégia, a infância surge como local redutor, simultaneamente denunciador «involuntário» das situações; e, também, manuseador das mitologias e tradições que garantem a sobrevivência e identidade de um povo.

Digamos que este poderá ser um ponto de partida para uma leitura da recolha de contos do escritor caboverdiano Gabriel Mariano. Uma colectânea onde esses percursos são apontados para se chegar a um local onde nos apercebemos que os personagens por ele delineados são os dos desapossados mas não dos desautorizados, uma vez que aos outros cabe o lugar da sabedoria ancestral que dita os seus movimentos: «Tudo o que a vida tem para ver, eu já vi. Agora eu adivinho». Grito simultaneamente de autonomia e desafio que radicaliza o ponto de vista, ao mesmo tempo que envolve de forma única o narrador e o seu discurso.

Contudo há que sublinhar que, muito rapidamente, a adopção do ponto de vista da infância como estratégia narrativa cede lugar, em Gabriel Mariano, a uma deslocação que diria paralela. É que, tão sábio é o discurso da infância revisitada, quanto da experiência que se quer transmissora de uma experiência, continuadora de tradições, respeitadora do reduto familiar, essa célula única (sempre em perigo), mas capaz de fazer face (embora derrotada à partida), aos demónios da insularidade: a seca, a fome, a emigração, a injustiça.

E, talvez por isso, exista neste livro uma tal envolvência entre o narrador e o ouvinte das estórias. Como se o leitor tivesse ficado de parte, permanente intruso num mundo de intimidades várias, de vidas que se entrecruzam e viajam sem nunca se esvaziarem totalmente. Porque nunca um personagem se finda, apenas se desloca de uma situação para a outra, para surgir feito marco em qualquer mudança do vento.

Na sua introdução, Maria Cristina Pacheco chama a atenção para o sentido coloquial da narrativa em Gabriel Mariano, salientando a sua recorrência à repetição como forma de envolvimento entre o contador de estórias e o seu ouvinte. Uma espécie de coloquialidade que tem muito a ver com uma ligação directa com o desconhecido que se revela num deambular narrativo feito de avanços e recuos, como quem se distancia para olhar, para assegurar uma visão de conjunto e depois se adianta pelo melhor trilho.

Naturalmente que neste deambular não é alheia a opção de Gabriel Mariano para quem a língua portuguesa não será mais do que o instrumento de que o crioulo se experimenta para ganhar novos espaços. Não quero com isto dizer que o autor sucumba a uma espécie de regionalismo linguístico, mas antes que ele, assumindo a diversidade da língua, opta estrategicamente por uma narrativa em que o próprio sentido rítmico da língua determina o destino dos personagens.

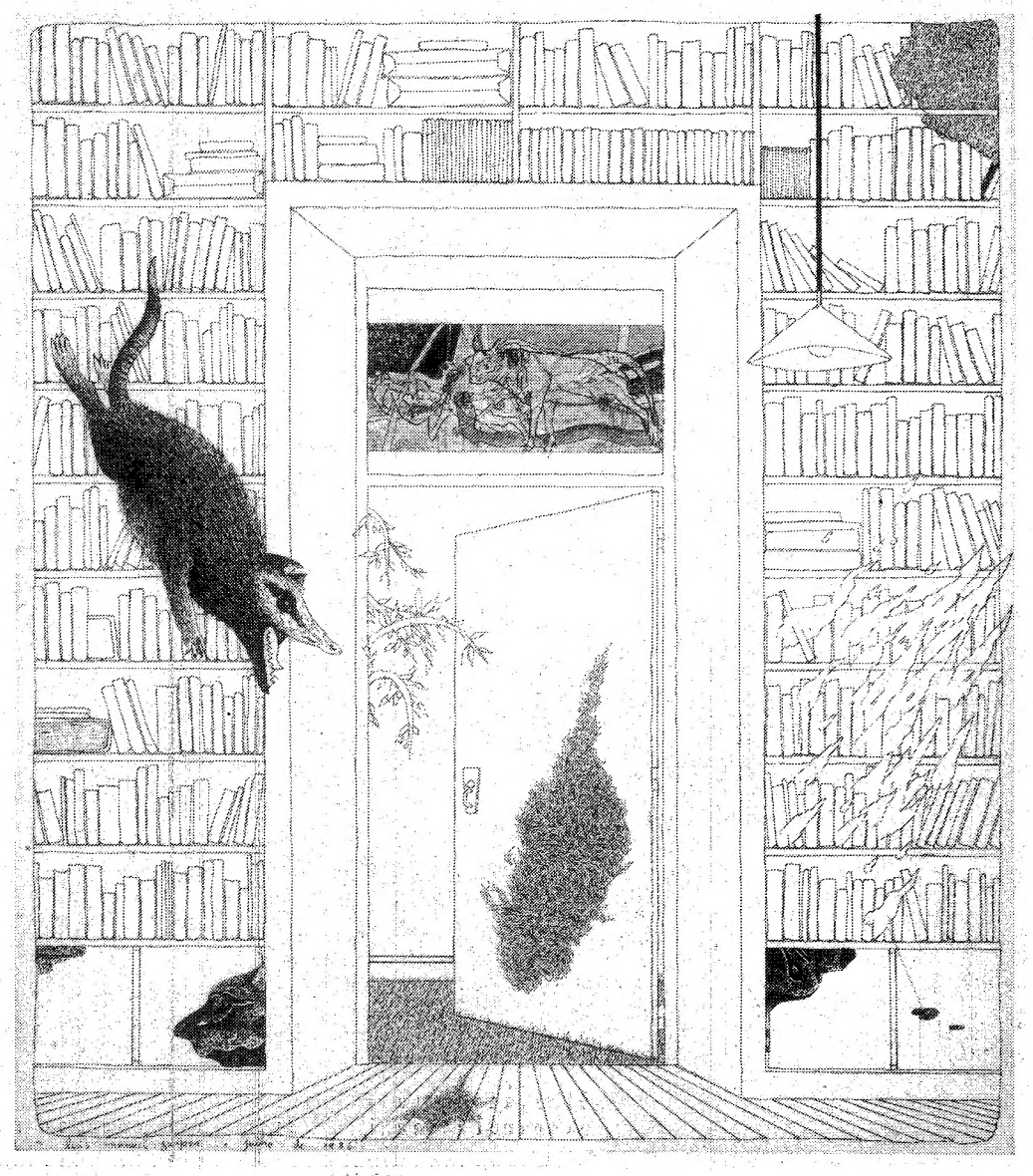
É que, se a pertinência da repetição surge nas estórias, ela não será tanto decorrente de uma coloquialidade, quanto da necessidade essencial de chegar de imediato ao seu interlocutor. Um processo que encontra as suas raízes em tradições africanas onde o contador enumera uma série de frases rítmicas destinadas a captar, não só a atenção do ouvinte, como a sua conivência.

Se bem que Gabriel Mariano não recorra deliberadamente ao processo, a insistência com que elabora a narrativa, como que por círculos que se revezam no adensar de elementos, remete apenas para a tradição que é, no fundo, o ponto de partida do seu contar. De onde resulta a estranha sensação de uma frágil intimidade, sempre à beira de se romper mas, ao fim e ao cabo, capaz de resistir a tudo.

E daí que «Vida e Morte de João Cabafume» seja um livro onde o destino se joga, no sentido em que, quem com ele quer brigar «não pode parar no caminho». Tem que prosseguir a rota dos desapossados e trilhar o caminho das «carregadeiras do cais que morrem todos os dias e nunca ressuscitam».

A VIDA E MORTE DE JOÃO CABAFUME
de Gabriel Mariano
Col. Palavra Africana/Ficção
Ed. Vega

Grilherme Ismael



Continuação da pág. 6

tares... que conduzem a uma dissolução do homem considerado como entidade objectiva« (p. 81). No entanto reconhece o valor de ciência como a economia, a sociologia, a demografia que, ao recorrerem à matematização do social, alargaram de tal forma o campo semântico do «nós» quanto aos «outros» que criaram uma concepção unitária do homem. Esta extensão do sentido de «nós» por tão geral, esvaziou de sentido o que há de mais específico no homem — a sua diversidade moral e cultural — tornando-se este impreciso e quase sem significado. Neste contexto, será uma quimera perante a infinita diversidade das culturas humanas tentar encontrar «leis», quer de carácter histórico quer de probabilidade sociológica. Antes de mais, a antropologia social é uma «forma de arte», uma semiologia em que o problema semântico da tradução tem um lugar central. «*É um problema de tradução, de encontrar categorias nas suas maneiras de pensar do antropólogo), que possam ser ajustadas ao conjunto de factos observados que registou. Mas isso é só o princípio. Tendo, segundo espera, ganho conhecimentos daquilo que observou, passa a ter a seguir a tarefa de traduzir isso para a língua que os seus leitores, que não participaram na sua experiência pessoal, muito razoavelmente esperam entender.*« (p. 50). É este o trabalho do antropólogo, tal como o de um criptógrafo, o de decifrar uma «quantidade confusa» de dados pormenorizados.

Edmund Leach, A Diversidade da Antropologia, Ed. 70, tradução 1989, 235 págs. Marília C. Fontes

Paulo Casimiro

leituras e ideias

os antigos lidos de novo (5)

OS LLOYD GEORGES DA BABILÓNIA E O PARVO DO POETA

Oliveira Martins pinta, com as cores fortes a que me habituou, o imperador D. Pedro, dizendo a certo passo que ele «queria ser um Washington sem, contudo, deixar de ser um monarca. A liberdade era um *presente*, e não o reconhecimento de um direito popular».

Este *equívoco*, apontado pelo nosso maior historiador (como muito bem afirma Eduardo Lourenço, não há outra senão a sua «História de Portugal como reflexão global sobre o destino e devir colectivos»), é uma constante da nossa História e confunde-se com a nossa identidade.

Quantos *dadores* de liberdade não conhecemos nós, dos tempos antigos e destes? E o que mais é: aquele que está convencido que deu não tem dúvidas de poder tirar se lhe aprouver.

Não nos cansamos, é claro, de nos tranquilizar, repetindo para nós mesmos que «os tempos são outros» e que «a história não se repete». Recusamos o papel de ingénuos, depois desiludidos, como os outros românticos que nos precederam. Estou a lembrar-me daquele soneto de João de Deus à memória de Antero, que começa assim:

«Tal é a confiança que te inspira
Estes reis, estes povos, esta gente
Que é para o céu que apela e se retira
Tua alma já de triste e descontente.»

E também recordo, pese, embora, o excesso, um outro lamento de Garrett já tão distante da esperança emocionada e dolorosa do cerco do Porto:

«Que poeta canta tão alto
que o ouçam as pedras brutas e os robles duros desta selva materialista a que os utilitários nos reduziram?

Se exceptuarmos o débil clamor da Imprensa liberal já meio esganada pela Polícia, não se ouve no vasto silêncio deste ermo se não a voz dos barões gritando contos de réis.»

Claro que hoje é impensável disparate chamar a Polícia para esganar a palavra – e são nisto bem diferentes os tempos. É que o progresso avançou tão longe na direcção da nossa intimidade que trouxe com ele sofisticados mecanismos que podem esganar sem escândalo – bastam as lianas da «selva materialista» (auxiliadas pela vigilância dos computadores) e as pilhas de contos de réis dos barões.

No outro dia, um amigo meu que é diplomata de rara finura, zombava dos meus vestígios idealistas: – Mas, então, tu crês que um dos bons e legítimos direitos do homem resiste a um bom e legítimo negócio? E desenganou-me logo ali com dois ou três exemplos esmagadores. Mas, enfim... Por me sobressaltar com estes desencantos não vem mal ao meu mundo. Porque como dizia o heterónimo:

«Dos Lloyd Georges da Babilónia
Não reza a história nada.
Dos Briand da Assíria ou do Egipto,
Dos Trotskys de qualquer colónia
Grega ou romama já passada,
O nome é morto, inda que escrito.

Só o parvo dum poeta, ou um louco
Que fazia filosofia,
Ou um geómetra maduro,
Sobrevive a esse tanto pouco
Que está lá para trás no escuro
E nem a história já historia.»

Modera, porém, esta pessoana certeza de perenidade severa o constatar-se que há peitos onde pulsam em simultâneo o coração do leão e o da pomba, e também que tantos poetas regressaram à poesia, tantos economistas à economia, tantos advogados às leis, tantos médicos aos doentes, tantos operários ao torno, tantos sapateiros às meias solas. quem sabe quantos directores-gerais não guardam em discretas gavetas resmas de poemas? E quantos desabafos, em hora de confidências, não estarão no segredo como Z. Zagalo estava no segredo do Conde de Abranhos: «— Não o conte em Lisboa, Zagalinho, mas uma noite, aqui, compus versos...» E logo a justificação dessa clandestinidade: «Se os jornais soubessem que fiz versos... Que gostinho para a oposição...»

Z. Zagalo não era, felizmente, dessa raça traiçoeira que alimenta a curiosidade mórbida dos pasquins com indiscrições informativas. Não. Ele era desses que sabe ser grato – «Eu, que na mocidade, sob a influência perniciosa de leituras inconvenientes e de camaradagens fúteis, partilhava as ideias que a sociedade condena, fui transformado pelo seu exemplo, pelos seus conselhos, pela sua eloquência e pela sua protecção.»

Reler os antigos tem destas surpresas. Que, afinal, nem o são por estarem eles sempre novos.

E quem sabe se, um dia, os corações de pomba não baterão mais forte que os de leão. E assim, ao remate da crónica, reaviva-se-me a brotoeja romântica, para o que até me serve a malícia vicentina:

«Ora, senhores honrados,
ficai com vossa mercê,
e Nosso Senhor vos dê
com que vivais descansados.
Isto foi assim agora
mas melhor será outrora;
perdoai pelo presente:
foi pouco e de boa mente...»

Álvaro Guerra

Arte postal

RETRATO DE GRUPO

A primeira impressão talvez seja esta: *saber* que se está a ser fotografado. E a partir daí, duas constatações: trata-se não só de *ocupar* um lugar, um espaço, mas também de *saber* ocupá-lo - ao mesmo tempo impor-lhe uma presença e configurá-lo, gerir a sua economia e autodesigná-lo, atribuir-lhe uma *figura*.

Com efeito, encontramo-nos perante uma fotografia de grupo. A primeira regra de interpretação/leitura, assim, talvez deva ser esta: para lá das estratégias (de figuração) individuais, a questão, antes de mais, é a de ocupar (colectivamente) um espaço, *territorializá-lo*, deixar marcas visíveis não só da «ocupação» como de uma passagem que discriminativamente assinalem a singularidade (privatizada, sígnica) de um *grupo*.

Daí as relações da solidariedade (feitas de aceitação e gestão das pequenas fraquezas, diferenças) entre as figuras.

No primeiro plano de jubilação e provocatório da foto, as duas figuras que celebram a (re)possessão do espaço - e em que a singularidade e a «soberania» do conjunto se conjugam e consumam -, na sua estranheza dão-nos a ver como através da dissociação do signo (da causa, o charuto - e do efeito, o fumo) se enuncia, afinal, a dupla lei do seu domínio e do seu usofruto. Deste ponto de vista, esse *efeito sem causa* - ou que dela prescinde -, a magritteana nuvem que se substitui ao seu suporte - boca ou fundo -, constitui o *acme* em que se consubstancia a *vontade de ser/e de poder* das quatro figuras.

No entanto, se o *estar lá* destas duas figuras é o seu *Ser* (mais deíctico, presencial, do que substantivo), já em relação às duas outras, colocadas mais ao fundo, pode-se dizer que ambas (embora cada uma à sua maneira) revelam que o *estar lá* não coincide com/nem resolve o *Ser* (a problemática) da sua figura (ou da sua «inserção», ainda que momentânea - celebrante -, no conjunto).

De uma delas, cindida entre a reserva (cabeça descaída, movimento de suspensão/recuo e o riso (que a contracção dos lábios pontua), podemos dizer que, tal desenganado Perseu, para ela não há espelho que escuse o saber do Ser, belo e mortífero, que sempre significa a aparição de Medusa. Quando muito, o seu Ser já foi e mesmo para o reflectir (a sua aparência: *brilho)* convém sempre protegermo-nos por detrás de uns óculos bem escuros (que nos medusem).

Já a segunda figura (inconformado Édipo) coloca de frente (e frontalmente) a questão do Ser - se bem que com alguma reserva, susto. A sua vontade de saber (querer) só tem como contrapartida (veja-se o rosto de olhar fixo - contraído, massivo -, a boca nua) a sua enorme expectativa, dúvida. O seu duplo momento é precisamente esse: o da interrogação - e o da dúvida.

De qualquer modo é diferente o efeito que as quatro figuras produzem em conjunto. Como num «western», os quatro cavaleiros que chegam a Tebas, conquistaram o presente, com os seus vestígios, restos, troféus, tudo. Por isso mesmo, também, o momento em que pousam - fechando sobre si, delimitado no presente -, é já sem remissão e só enquanto tal (acto isolado, perfeito mas descontínuo, gratuito) se projecta no Futuro.

(*) Sobretudo, nada de nomes. A foto foi tirada em Nova Iorque, algures nos anos sessenta. Há momentos/fotos assim - que se justificam por si mesmos. Cortes no tempo - em que todo o seu Ser reflui -, descontínuos e absolutos. Escrito nos últimos dias de 1989, este é um texto de despedida. *All tomorro's parties*, dos Velvet Underground, pode bem servir de música de fundo a esta celebração profana e única.

Fernando Guerreiro

CONFISSÃO FINAL

Um dia, era eu estudante, mostrei ao Santareno umas peças que escrevera. Aconselhou-me dias depois a ler poesia: Herberto Hélder. Vinte anos passados, conheci o Herberto em casa do António Ramos Rosa. Tinha na minha frente os dois maiores poetas portugueses vivos: o do «Retrato em Movimento» e o do «Incêndio dos Aspectos». Sempre os trouxera juntos na algibeira.

Jaime Rocha